



ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS

V.2 - **Safr** 2014/15

N.11 – Décimo primeiro levantamento

Agosto/2015

Monitoramento Agrícola

Cultivos de verão, 2ª safra e de inverno – **Safr** 2014/15



Presidenta da República

Dilma Rousseff

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)

Kátia Abreu

Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Rubens Rodrigues dos Santos

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)

João Marcelo Intini

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Aroldo Antônio de Oliveira Neto

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

Equipe Técnica da Geasa

Bernardo Nogueira Schlemper

Eledon Pereira de Oliveira

Francisco Olavo Batista de Sousa

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Marisson de Melo Marinho

Martha Helena Gama de Macêdo

Roberto Alves de Andrade

Gerência de Geotecnologias (Geote)

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Equipe Técnica da Geote

Clovis Campos de Oliveira

Divino Cristino de Figueiredo

Fernando Arthur Santos Lima

Francielle do Monte Lima (Estagiária)

Joaquim Gasparino Neto

Lucas Barbosa Fernandes

Patricia Mauricio Campos

Superintendências Regionais

Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.



ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS

V.2 - **Safra 2014/15**
N.11 – Décimo primeiro levantamento
Agosto/2015

Monitoramento Agrícola
Cultivos de verão, 2ª safra e de inverno – **Safra 2014/15**

ISSN 2318-6852

Acomp. safra bras. grãos, v. 2 - Safra 2014/15, n. 11 – Décimo primeiro levantamento, Brasília, p. 1-101, agosto 2015.



Copyright © 2015 – Companhia Nacional de Abastecimento – Conab
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852
Tiragem: 1.000
Impresso no Brasil

Colaboradores

Edna Matsunaga de Menezes (Geint)	Alessandro Lucio Marques (Geint)
Lígia Fernandes Franco Rocha (Geint)	Rogério Dias Coimbra (Geint)
João Marcelo Brito Alves (Geint)	Priscila de Oliveira Rodrigues (Geint)
Leonardo Amazonas (Geole – Soja)	Thomé Luiz Freire Guth (Geole – Milho)
André Luiz Farias de Souza (Assessor DIPAI)	Fernando Gomes da Motta (Gefip – Algodão)
Miriam Rodrigues da Silva (Latis – Conab/Inmet)	João Figueiredo Ruas (Gerab – Feijão)
Mozar de Araújo Salvador (Inmet)	Sérgio Roberto Gomes dos Santos Junior (Gerab – Arroz)

Colaboradores das Superintendências

Bruno Milhomem **(AC)**; Genival Barros, Paulo Oliveira, Alberthson Houly, Ilio Fonseca **(AL)**; Armando Viana, Daysilene Batista, Iriseli Onofre, José Oliveira, José Bitencourt **(AM)**; Ednabel Lima, Gerson Santos, Jair Ferreira, Marcelo Ribeiro, Telma Silva **(BA)**; Elizeu Souza, Luciano da Silva, Cristina Diniz, Danylo Tajra, José Iranildo Araújo, Fábio Ferraz, Gilson Lima, Luciano Gomes **(CE)**; José Negreiros **(DF)**; Kerley Souza **(ES)**; Adayr Souza, Espedito Ferreira, Fernando Ferrante, Gerson Magalhães, Luiz Golveia, Rogério Barbosa, Ronaldo Campos **(GO)**; Humberto Souza Filho, Luiz Costa Filho, Leidienne Araújo **(MA)**; Eugênio Carvalho, João Lopes, José Oliveira, Patrícia Sales, Pedro Soares, Sérgio Starling, Telma Silva, Terezinha Figueiredo, Warlen Maldonado **(MG)**; Alfredo Rios, Edson Yui, Fernando Silva, Maurício Lopes, Márcio Arraes **(MS)**; Sizenando Santos, Francielle Guedes, Jacir Silva, Marly Silva, Petronio Sobrinho **(MT)**; Alexandre Cidon, Rogério Neves, Moacir Rocha **(PA)**; Carlos Meira, Juarez Nóbrega **(PB)**; Agnelo Souza, Evandra Webber, José Bosqui, Rosimeire Lauretto **(PR)**; Francisco Souza, José Silva, José Nascimento, José Silva **(PI)**; Clóvis Ferreira Filho, José Souza, Francisco Almeida Filho, Frederico Silva **(PE)**; Cláudio Figueiredo, Luciana Oliveira, Olavo Godoy Neto **(RJ)**; Luis Gonzaga Costa, Manuel Oliveira **(RN)**; João Kasper, Anderson Gomes **(RO)**; Irisele Onofre, Fábio Magalhães, Maria Almeida **(RR)**; Jaira Testa, Carlos Bestetti, Ernesto Irgang, Carlos Farias, Alexandre Pinto **(RS)**; Cêzar Rubin, Dionízio Bach, Edilson Macedo, Ricardo Oliveira, Vilmar Dutra **(SC)**; Fausto Almeida **(SE)**; Antônio Farias, Celmo Monteiro, Cláudio Ávila, Elias Oliveira, Marisete Belloli **(SP)**; Luiz Miguel, Paulo Cláudio, Samuel Valente e Francisco Pinheiro **(TO)**.

Editoração

Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Gustavo Felipe, Marília Yamashita e Núbia de Castro

Fotos

Arquivo Geosafra/ Conab, Clauduardo Abade, Maurício Pinheiro, Roberto Alves de Andrade

Normalização

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843 e Narda Paula Mendes – CRB-1/562

Catálogo na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.1(81)(05)
C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos. – v. 1, n.3 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out./2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977-1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-).

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

Sumário

1. Resumo executivo	4
2. Introdução.....	5
3. Estimativa da área plantada	6
4. Estimativa de produtividade.....	7
5. Estimativa da produção	8
6. Crédito rural	11
7. Câmbio	12
8. Exportações de arroz, milho, complexo soja e importação de trigo	13
9. Monitoramento agrícola: culturas de verão, de segunda safra e de inverno (safra 2014/15) – julho de 2015	15
9.1. Condições meteorológicas recentes.....	15
9.2. Temperatura da superfície do mar e o fenômeno El Niño	16
9.3. Prognóstico climático para o trimestre junho-julho-agosto/2015	17
9.4. Monitoramento agrometeorológico	18
9.5. Monitoramento espectral	21
9.5.1. Noroeste Rio-grandense	22
9.5.2. Sudoeste Paranaense.....	24
9.5.3. Centro-sul Paranaense	25
9.5.4. Centro-ocidental Rio-grandense	27
10. Análise das culturas	29
10.1. Culturas de verão	29
10.1.1. Algodão	29
10.1.1.1. Oferta e demanda	34
10.1.2. Amendoim	38
10.1.2.1. Amendoim primeira safra	38
10.1.2.2. Amendoim segunda safra	39
10.1.2.3. Amendoim total	41
10.1.3. Arroz.....	42
10.1.3.1. Oferta e demanda	44
10.1.4. Feijão	45
10.1.4.1. Feijão primeira safra	45
10.1.4.2. Feijão segunda safra	47
10.1.4.3. Feijão terceira safra	50
10.1.4.4. Feijão total	53
10.1.4.5. Oferta e demanda	54
10.1.5. Girassol	55
10.1.6. Mamona	58
10.1.7. Milho.....	59
10.1.7.1. Milho primeira safra	59
10.1.7.2. Milho segunda safra.....	62
10.1.7.3. Milho total.....	66

10.1.7.4. Oferta e demanda	67
10.1.8. Soja	70
10.1.8.1. Oferta e demanda	72
10.1.9. Sorgo.....	75
10.2. Culturas de inverno	77
10.2.1. Aveia	78
10.2.2. Canola.....	80
10.2.3. Centeio.....	81
10.2.4. Cevada.....	82
10.2.5. Trigo	85
10.2.5.1. Oferta e demanda.....	89
10.2.6. Triticale.....	90
11. Balanço de oferta e demanda.....	92
12. Anexos	93
12.1. Preços agropecuários.....	93

1. Resumo executivo

A produção da safra 2014/15 está estimada em 208,8 milhões de toneladas, numa área de 57,8 milhões de hectares.

Algodão: colheita avançada;

Amendoim segunda safra: colheita concluída; produção superior à safra passada;

Arroz: colheita concluída; produção superior à safra passada;

Feijão segunda safra: colheita concluída;

Feijão terceira safra: plantio concluído; expectativa de redução de área;

Girassol: colheita avançada; chuvas acima da média comprometeram a produtividade média;

Mamona: colheita iniciada; boa perspectiva de produção;

Milho segunda safra: colheita avançada; expectativas de produtividades recordes;

Sorgo: colheita avançada; cultura em boas condições;

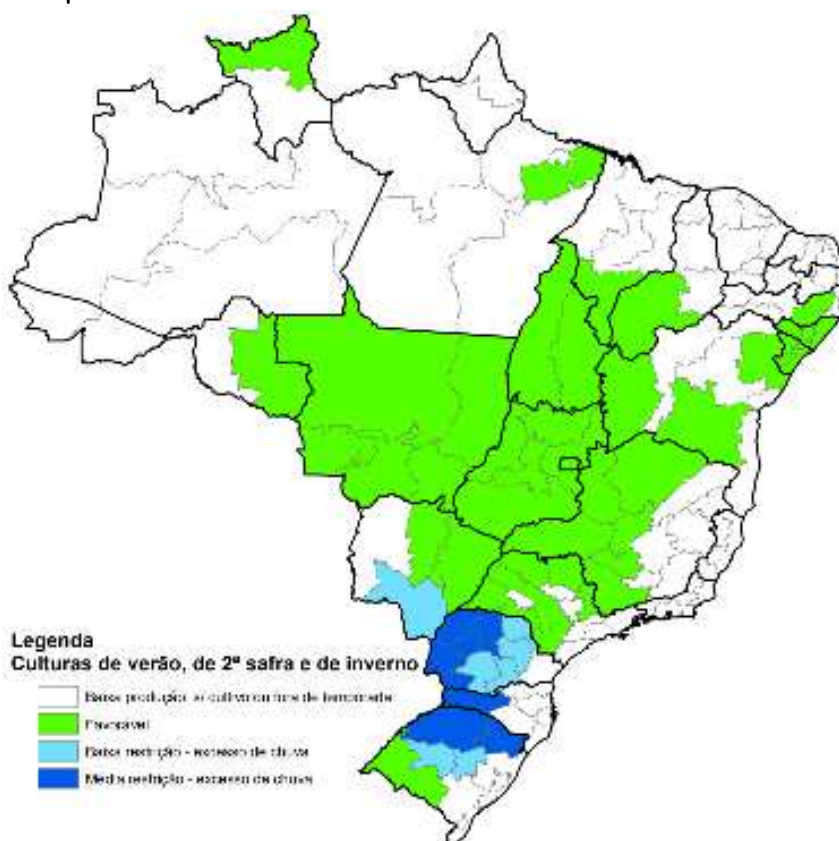
Aveia: plantio concluído; cultura em boas condições;

Canola: plantio concluído; cultura em boas condições;

Cevada: plantio em fase final; cultura em boas condições;

Trigo: plantio em fase final; cultura em boas condições.

Figura 1 – Condição hídrica geral nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab.

2. Introdução

A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), empresa pública vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), realiza levantamentos e avaliações mensais da safra brasileira de grãos. Seu principal objetivo é oferecer informações de qualidade para formulação e gestão das políticas agrícolas, de abastecimento e da segurança alimentar e nutricional, além de ser fundamental para diversos agentes econômicos no processo de tomada de decisão dos seus investimentos.

Neste mês a Companhia divulga o décimo primeiro levantamento da safra 2014/15, onde indica a colheita das culturas de segunda safra (algodão, mamona e milho), o plantio e o desenvolvimento das culturas de inverno (aveia, canola, centeio, cevada, trigo e triticale), da terceira safra (feijão) e da safra da Região Nordeste (feijão e milho).

Nesse levantamento foram coletadas informações de área plantada, desenvolvimento fenológico, pacote tecnológico utilizado pelos produtores e condições climáticas. Essas informações são provenientes da colaboração de agrônomos, técnicos de cooperativas, de Secretarias de Agricultura e órgãos de Assistência Técnica e Extensão Rural (oficiais e privados), agentes financeiros de mercado e de insumos que têm subsidiado os técnicos desta Companhia nos levantamentos.

O trabalho de avaliação de safras se enquadra nas recomendações de diversas instituições internacionais no que concerne à criação de mecanismos que possibilitem a obtenção de informações agrícolas precisas e seguras, bem como na busca de uniformização nos procedimentos de avaliação, de modo a manter a uniformidade e a transparência nas suas estatísticas de produção.

A Conab utiliza metodologias que envolvem trabalhos de campo, tecnologias relacionadas ao sensoriamento remoto, posicionamento por satélites, sistemas de informações geográficas e modelos estatísticos, agrometeorológicos e espectrais, que são aplicados nas estimativas de área e produtividade.

Vale destacar também que o presente boletim de divulgação faz parte do Observatório Agrícola desenvolvido no âmbito desta Companhia, segundo diretrizes do Conselho de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea).

Agradecemos a indispensável participação e colaboração dos profissionais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e dos diversos parceiros citados, bem como dos demais colaboradores internos que, direta ou indiretamente, participaram da realização deste trabalho.

3. Estimativa da área plantada (57,8 milhões de hectares)

A área cultivada no país, na safra 2014/15, está estimada em 57,8 milhões de hectares, 1,3% superior à safra anterior, ou 732,8 mil hectares (Tabela 1).

Tabela 1 – Estimativa de área plantada – Grãos

CULTURAS DE VERÃO				(Em 1000 ha)	
	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2013/14 (a)	2014/15		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)
		Jul/2015	Ago/2015 (b) (c)		
ALGODÃO	1.121,6	976,2	976,2	(13,0)	(145,4)
AMENDOIM TOTAL	105,3	109,6	109,0	3,5	3,7
AMENDOIM 1ª SAFRA	94,2	97,8	97,7	3,7	3,5
AMENDOIM 2ª SAFRA	11,1	11,8	11,3	1,8	0,2
ARROZ	2.372,9	2.292,3	2.283,8	(3,8)	(89,1)
FEIJÃO TOTAL	3.365,6	2.977,5	3.049,0	(9,4)	(316,6)
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.179,9	1.052,1	1.053,4	(10,7)	(126,5)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.506,4	1.321,5	1.332,4	(11,6)	(174,0)
FEIJÃO 3ª SAFRA	679,3	603,9	663,2	(2,4)	(16,1)
GIRASSOL	145,7	92,7	109,4	(24,9)	(36,3)
MAMONA	101,3	86,9	84,3	(16,8)	(17,0)
MILHO TOTAL	15.828,9	15.569,6	15.709,0	(0,8)	(119,9)
MILHO 1ª SAFRA	6.617,7	6.059,0	6.109,3	(7,7)	(508,4)
MILHO 2ª SAFRA	9.211,2	9.510,6	9.599,7	4,2	388,5
SOJA	30.173,1	31.908,3	31.940,3	5,9	1.767,2
SORGO	731,0	695,2	721,0	(1,4)	(10,0)
SUBTOTAL	53.945,4	54.708,3	54.982,0	1,9	1.036,6
CULTURAS DE INVERNO					
	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2014 (a)	2015		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)
		Jul/2015	Ago/2015 (b) (c)		
AVEIA	153,7	177,6	190,2	23,7	36,5
CANOLA	44,7	40,1	40,5	(9,4)	(4,2)
CENTEIO	1,8	1,8	1,7	(5,6)	(0,1)
CEVADA	117,2	110,8	103,7	(11,5)	(13,5)
TRIGO	2.758,0	2.458,8	2.453,3	(11,0)	(304,7)
TRITICALE	39,1	20,2	21,3	(45,5)	(17,8)
SUBTOTAL	3.114,5	2.809,3	2.810,7	(9,8)	(303,8)
BRASIL	57.059,9	57.517,6	57.792,7	1,3	732,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2015.

Dos principais produtos analisados, a soja e o milho segunda safra apresentaram variação positiva de 5,9% e 4,2%, respectivamente, destacando-se a área cultivada com a soja, que apresentou crescimento de 1,8 milhão de hectares. A aveia apresentou crescimento de 36,5 mil hectares, e o amendoim primeira e segunda safras, somados, também apresentaram crescimento, correspondendo a um ganho de área de 3,7 mil hectares. As demais culturas apresentam redução de área, com a maior perda observada

no milho primeira safra, com menos 7,7% (508,4 mil hectares). Vale observar que os produtores de milho na região Centro-Sul, sobretudo os do Paraná e de Mato Grosso, com o objetivo de colher duas safras na mesma área, optam pelo plantio da soja e após a colheita nos meses de janeiro a meados de março, entram com o plantio do milho, denominado de segunda safra.

4. Estimativa de produtividade

Tabela 2 – Estimativa de produtividade – Grãos

PRODUTO	SAFRAS		VARIÇÃO	
	2013/14	2014/15	Percentual	Absoluta
	(a)	(b)	(b/a)	(b-a)
ALGODÃO - CAROÇO ⁽¹⁾	2.381	2.374	(0,3)	(7,0)
ALGODÃO EM PLUMA	1.546	1.541	(0,3)	(5,0)
AMENDOIM TOTAL	2.998	3.175	5,9	176,8
AMENDOIM 1ª SAFRA	3.095	3.268	5,6	173,5
AMENDOIM 2ª SAFRA	2.179	2.369	8,7	189,8
ARROZ	5.108	5.443	6,6	335,1
FEIJÃO TOTAL	1.026	1.038	1,2	12,2
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.067	1.074	0,7	7,6
FEIJÃO 2ª SAFRA	884	919	3,9	34,9
FEIJÃO 3ª SAFRA	1.271	1.221	(3,9)	(49,5)
GIRASSOL	1.597	1.387	(13,2)	(210,1)
MAMONA	441	588	33,3	147,0
MILHO TOTAL	5.057	5.367	6,1	309,3
MILHO 1ª SAFRA	4.783	4.961	3,7	177,8
MILHO 2ª SAFRA	5.254	5.625	7,1	370,5
SOJA	2.854	3.012	5,5	157,7
SORGO	2.587	2.707	4,6	119,5
SUBTOTAL	3.465	3.654	5,5	189,0
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS		VARIÇÃO	
	2014	2015	Percentual	Absoluta
	(a)	(b)	(b/a)	(b-a)
AVEIA	2.000	2.363	18,2	363,0
CANOLA	812	1.546	90,4	734,0
CENTEIO	1.944	2.059	5,9	115,0
CEVADA	2.606	3.367	29,2	761,0
TRIGO	2.165	2.851	31,7	686,0
TRITICALE	2.450	2.601	6,2	151,0
SUBTOTAL	2.157	2.816	30,6	659,0
BRASIL ⁽²⁾	3.393	3.614	6,5	221,0

Legenda: ⁽¹⁾ Produtividade de caroço de algodão; ⁽²⁾ Exclui a produtividade de algodão em pluma

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2015.

5. Estimativa de produção (208,84 milhões de toneladas)

O resultado do levantamento realizado entre 19 e 25 de julho de 2015 indica para a safra 2014/15 uma produção de 208,8 milhões de toneladas, 7,9%, ou 15,2 milhões de toneladas superior à produção obtida na safra anterior, quando foram produzidas 193,6 milhões de toneladas.

Para as culturas de verão o maior crescimento é observado na soja (10,1 milhões de toneladas), seguida do milho segunda safra (5,6 milhões de toneladas) e do arroz (310,5 mil toneladas). Este crescimento se deve às condições climáticas favoráveis e ao aumento na área plantada de soja e milho segunda safra.

Tabela 3 – Estimativa de produção – Grãos

(Em 1000 t)					
CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2013/14 (a)	2014/15		Percentual	Absoluta
		Jul/2015 (b)	Ago/2015 (c)	(c/a)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO ⁽¹⁾	2.670,6	2.320,3	2.317,2	(13,2)	(353,4)
ALGODÃO - PLUMA	1.734,0	1.505,9	1.504,1	(13,3)	(229,9)
AMENDOIM TOTAL	315,8	346,9	346,2	9,6	30,4
AMENDOIM 1ª SAFRA	291,6	319,5	319,4	9,5	27,8
AMENDOIM 2ª SAFRA	24,2	27,4	26,8	10,7	2,6
ARROZ	12.121,6	12.499,9	12.432,1	2,6	310,5
FEIJÃO TOTAL	3.453,7	3.151,2	3.166,3	(8,3)	(287,4)
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.258,7	1.132,1	1.131,8	(10,1)	(126,9)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.331,8	1.227,0	1.224,5	(8,1)	(107,3)
FEIJÃO 3ª SAFRA	863,4	792,4	810,1	(6,2)	(53,3)
GIRASSOL	232,7	144,5	151,7	(34,8)	(81,0)
MAMONA	44,7	52,1	49,5	10,7	4,8
MILHO TOTAL	80.051,7	81.811,4	84.304,3	5,3	4.252,6
MILHO 1ª SAFRA	31.652,6	30.262,9	30.306,7	(4,3)	(1.345,9)
MILHO 2ª SAFRA	48.399,1	51.548,4	53.997,2	11,6	5.598,1
SOJA	86.120,8	96.222,1	96.203,5	11,7	10.082,7
SORGO	1.891,2	1.858,2	1.951,5	3,2	60,3
SUBTOTAL	186.903,0	198.406,8	200.922,0	7,5	14.019,0
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2014 (a)	2015		Percentual	Absoluta
		Jul/2015 (b)	Ago/2015 (c)	(c/a)	(c-a)
AVEIA	307,4	424,5	449,5	46,2	142,1
CANOLA	36,3	61,3	62,6	72,5	26,3
CENTEIO	3,5	3,7	3,5	-	-
CEVADA	305,4	374,9	349,2	14,3	43,8
TRIGO	5.971,1	7.011,6	6.995,5	17,2	1.024,4
TRITICALE	95,8	52,2	55,4	(42,2)	(40,4)
SUBTOTAL	6.719,5	7.928,2	7.915,7	17,8	1.196,2
BRASIL ⁽²⁾	193.622,5	206.335,0	208.837,7	7,9	15.215,2

Legenda: ⁽¹⁾ Produção de caroço de algodão; ⁽²⁾ Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

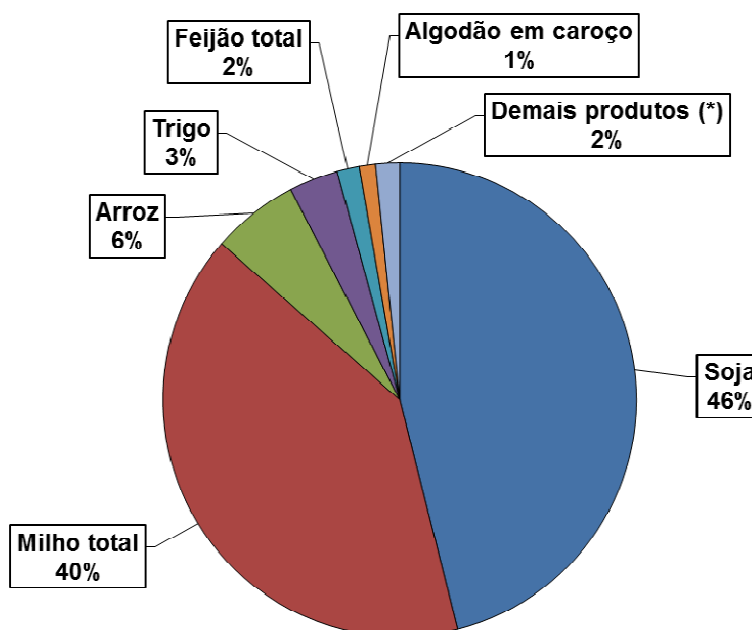
Nota: Estimativa em agosto/2015.

Nas culturas de inverno, destaque para a cultura do trigo, que mesmo com a redução na área de 11% (304,7 mil hectares), estima-se uma produção de 7 milhões de

toneladas, 17,2% (1,02 milhão de toneladas) acima da produção da safra anterior. Tal ganho é justificado pela recuperação da produtividade no Rio Grande do Sul, que na safra 2014 foi severamente prejudicada pelas condições climáticas adversas.

Em relação ao levantamento anterior, realizado em junho de 2015, observa-se um ganho de 2,5 milhões de toneladas na produção total, justificado pelo ganho nas produtividades, principalmente, do milho segunda safra e pelo bom desenvolvimento até então das lavouras de trigo.

Gráfico 1 – Produção total de grãos por cultura

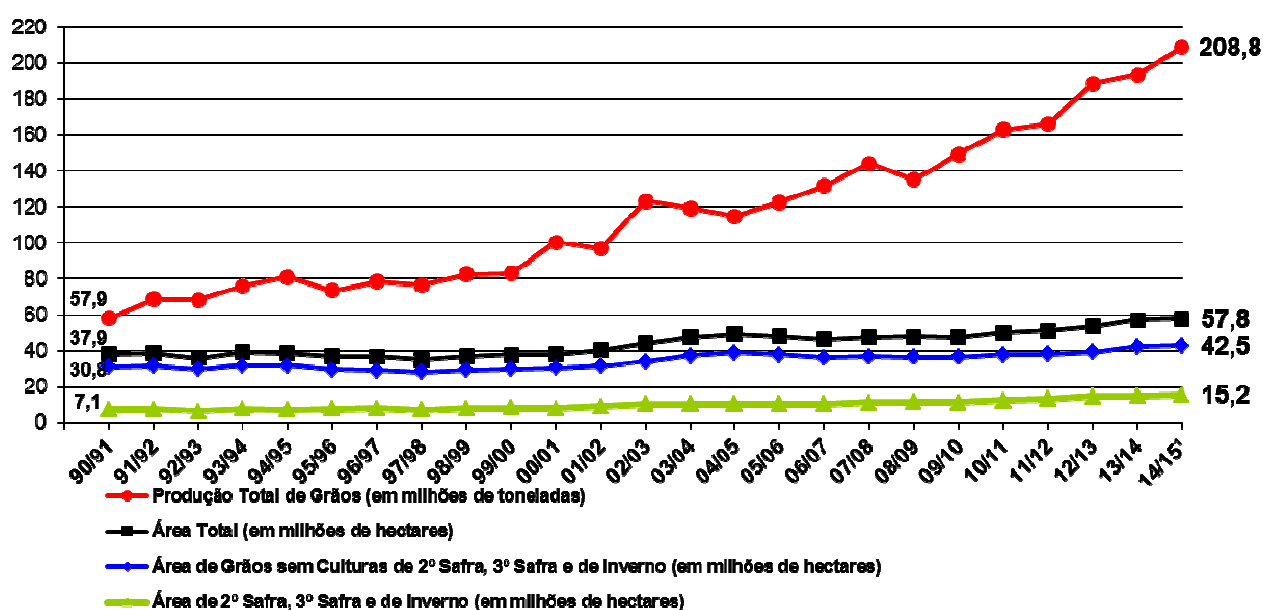


Legenda: (*) Amendoim total, girassol, mamona, sorgo, aveia, canola, centeio, cevada e triticales.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2015.

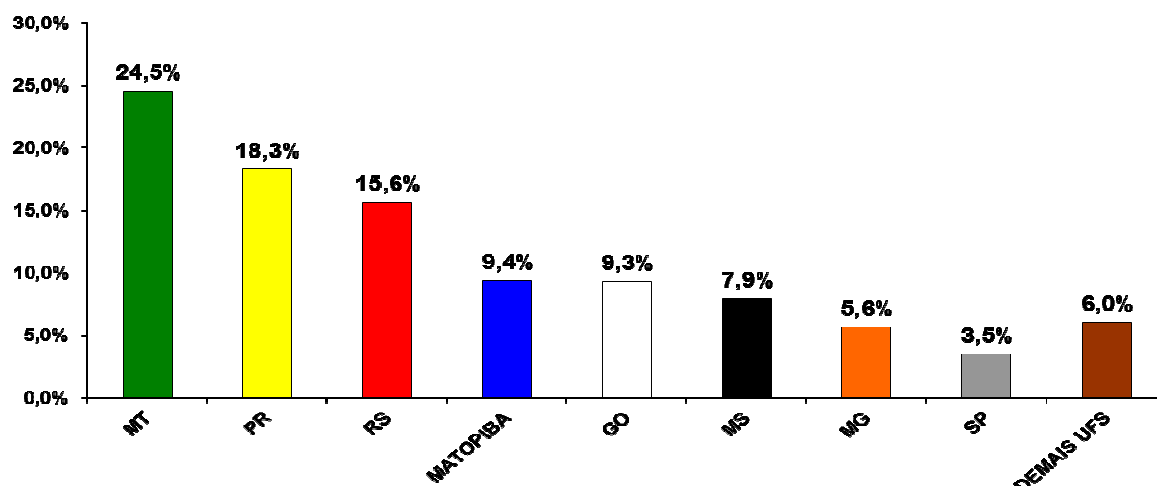
Gráfico 2 – Evolução da área e produção



Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2015.

Gráfico 3 – Produção total por Unidade da Federação



Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2015.

Tabela 4 – Comparativo de área, produtividade e produção – Grãos (*)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	2.126,7	2.478,0	16,5	2.967	3.215	8,4	6.310,3	7.967,6	26,3
RR	38,9	44,9	15,4	3.645	3.886	6,6	141,8	174,5	23,1
RO	421,9	459,6	8,9	2.900	3.313	14,3	1.223,7	1.522,8	24,4
AC	64,3	55,5	(13,7)	1.926	1.959	1,7	123,8	108,7	(12,2)
AM	19,7	17,7	(10,2)	2.132	2.090	(2,0)	42,0	37,0	(11,9)
AP	5,5	5,1	(7,3)	1.018	961	(5,6)	5,6	4,9	(12,5)
PA	515,1	652,0	26,6	2.750	2.917	6,1	1.416,5	1.902,0	34,3
TO	1.061,3	1.243,2	17,1	3.163	3.393	7,3	3.356,9	4.217,7	25,6
NORDESTE	8.287,3	8.161,3	(1,5)	2.027	2.058	1,5	16.800,7	16.797,6	-
MA	1.769,1	1.696,2	(4,1)	2.431	2.440	0,4	4.300,6	4.138,9	(3,8)
PI	1.388,1	1.410,6	1,6	2.001	2.225	11,2	2.777,3	3.138,0	13,0
CE	921,5	906,6	(1,6)	621	270	(56,4)	572,6	245,2	(57,2)
RN	69,0	65,9	(4,5)	555	302	(45,6)	38,3	19,9	(48,0)
PB	155,3	121,1	(22,0)	374	247	(34,0)	58,1	29,9	(48,5)
PE	482,0	481,9	-	392	312	(20,4)	188,9	150,3	(20,4)
AL	81,2	64,1	(21,1)	828	973	17,6	67,2	62,4	(7,1)
SE	266,5	201,0	(24,6)	4.216	4.616	9,5	1.123,5	927,8	(17,4)
BA	3.154,6	3.213,9	1,9	2.433	2.516	3,4	7.674,2	8.085,2	5,4
CENTRO-OESTE	22.069,7	22.743,4	3,1	3.704	3.861	4,2	81.742,9	87.813,5	7,4
MT	13.323,0	13.537,6	1,6	3.580	3.782	5,7	47.702,5	51.202,9	7,3
MS	3.797,0	4.031,0	6,2	3.850	4.091	6,2	14.617,0	16.489,2	12,8
GO	4.763,0	5.035,6	5,7	3.841	3.851	0,3	18.293,4	19.391,0	6,0
DF	186,7	139,2	(25,4)	6.052	5.247	(13,3)	1.130,0	730,4	(35,4)
SUDESTE	5.090,4	5.093,3	0,1	3.522	3.738	6,1	17.929,4	19.040,9	6,2
MG	3.244,0	3.224,8	(0,6)	3.596	3.634	1,1	11.664,9	11.718,3	0,5
ES	38,1	32,5	(14,7)	1.945	1.188	(38,9)	74,1	38,6	(47,9)
RJ	8,0	5,9	(26,3)	1.988	1.966	(1,1)	15,9	11,6	(27,0)
SP	1.800,3	1.830,1	1,7	3.430	3.974	15,9	6.174,5	7.272,4	17,8
SUL	19.485,8	19.316,7	(0,9)	3.635	3.997	10,0	70.839,2	77.218,3	9,0
PR	9.643,6	9.561,5	(0,9)	3.691	3.990	8,1	35.592,2	38.146,6	7,2
SC	1.326,5	1.300,8	(1,9)	4.952	5.001	1,0	6.568,2	6.505,4	(1,0)
RS	8.515,7	8.454,4	(0,7)	3.368	3.852	14,4	28.678,8	32.566,3	13,6
NORTE/NORDESTE	10.414,0	10.639,3	2,2	2.219	2.328	4,9	23.111,0	24.765,2	7,2
CENTRO-SUL	46.645,9	47.153,4	1,1	3.655	3.904	6,8	170.511,5	184.072,7	8,0
BRASIL	57.059,9	57.792,7	1,3	3.393	3.614	6,5	193.622,5	208.837,9	7,9

Legenda: (*) Produtos selecionados: Carão de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), girassol, mamona, milho (1ª e 2ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2015.

6. Crédito rural

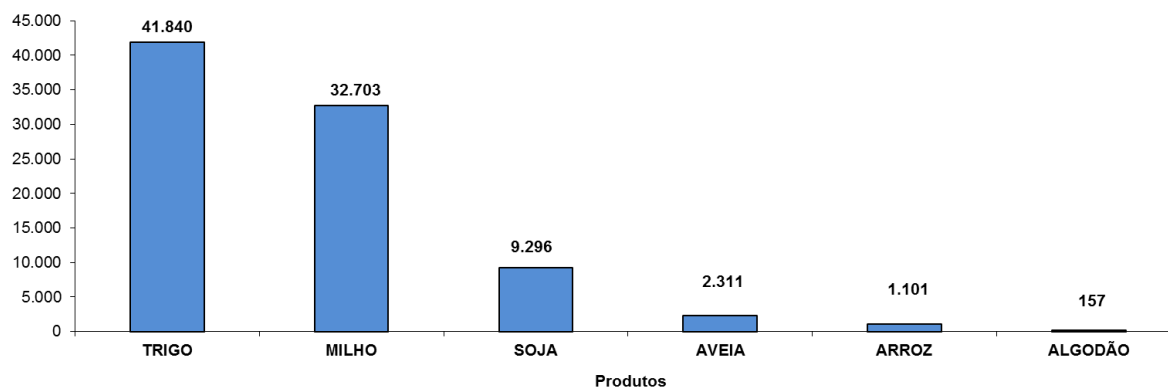
Tabela 5 – Financiamento concedido à lavoura por região e programa (janeiro a julho de 2015)

Região	Programa	Qtde de contratos						
		Jan	Fev	Mar	Abr	Maio	Junho	Julho
Centro-Oeste	Pronaf	219	208	480	243	127	157	212
	Pronamp	320	314	219	117	125	204	1.903
	Sem Vinc. Espec.	914	849	600	485	780	1.328	4.215
Nordeste	Pronaf	1.657	1.588	3.108	3.938	4.411	2.016	563
	Pronamp	82	93	153	253	268	198	202
	Sem Vinc. Espec.	208	192	470	368	455	774	719
Norte	Pronaf	234	167	190	180	176	272	119
	Pronamp	19	38	24	20	9	24	175
	Sem Vinc. Espec.	46	41	48	36	65	179	337
Sudeste	Pronaf	6.363	4.369	5.114	3.827	4.394	3.932	2.111
	Pronamp	1.406	903	1.123	804	1.151	1.500	1.893
	Sem Vinc. Espec.	2.666	2.065	2.398	2.691	3.983	5.488	3.793
Sul	Pronaf	7.720	7.499	8.162	12.461	13.327	7.131	38.329
	Pronamp	2.052	2.032	2.557	3.107	3.238	7.760	10.044
	Sem Vinc. Espec.	930	1.303	1.725	2.297	3.302	10.405	23.900
Total		24.836	21.661	26.371	30.827	35.811	41.368	88.515

Região	Programa	Valor I - Contratado							Total Qtde de contratos	Total Valor I - Contratado
		Jan	Fev	Mar	Abr	Maio	Junho	Julho		
Centro-Oeste	Pronaf	6.462	5.109	12.306	6.299	5.187	6.850	11.321	1.646	53.534
	Pronamp	34.257	34.335	23.823	13.935	19.453	34.466	383.938	3.202	544.208
	Sem Vinc. Espec.	323.973	299.537	290.816	319.945	321.946	903.647	2.373.727	9.171	4.833.592
Nordeste	Pronaf	12.193	12.171	28.142	48.832	53.541	24.394	7.653	17.281	186.926
	Pronamp	5.719	9.364	18.575	27.100	24.905	25.657	51.783	1.249	163.102
	Sem Vinc. Espec.	146.338	101.257	132.953	114.693	183.886	866.159	488.445	3.186	2.033.731
Norte	Pronaf	2.851	2.229	2.853	2.347	2.378	3.624	2.449	1.338	18.731
	Pronamp	2.034	5.446	3.016	2.870	1.361	5.111	44.811	309	64.648
	Sem Vinc. Espec.	12.669	13.580	29.625	19.296	54.075	122.161	198.497	752	449.903
Sudeste	Pronaf	100.843	78.316	93.554	71.586	87.928	84.269	49.518	30.110	566.014
	Pronamp	154.658	87.483	95.104	73.261	118.015	163.390	228.842	8.780	920.754
	Sem Vinc. Espec.	514.866	366.899	392.817	334.804	661.952	1.078.300	881.065	23.084	4.230.702
Sul	Pronaf	136.809	148.868	174.333	271.584	298.440	151.702	773.983	94.629	1.955.720
	Pronamp	148.308	137.924	178.085	212.252	263.903	345.533	1.114.148	30.790	2.400.154
	Sem Vinc. Espec.	150.725	184.942	295.073	321.012	446.885	628.550	1.705.918	43.862	3.733.105
Total		1.752.705	1.487.460	1.771.077	1.839.815	2.543.857	4.443.814	8.316.099	269.389	22.154.826

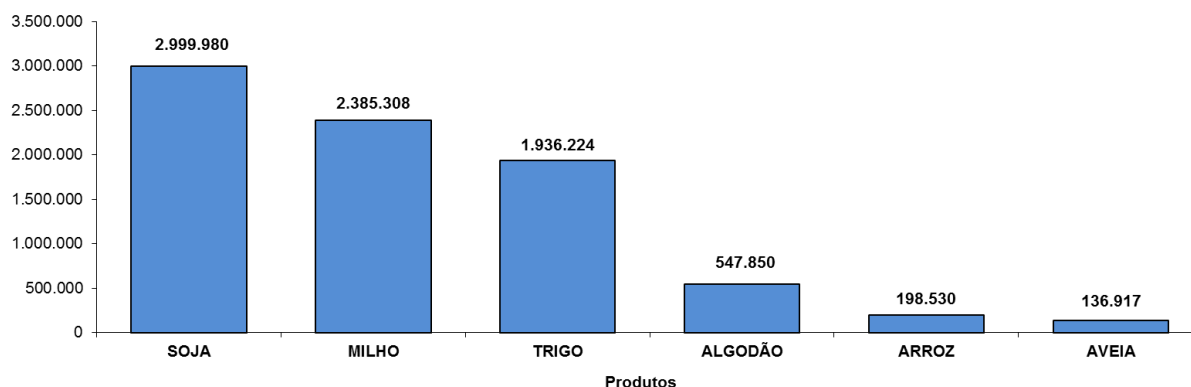
Fonte: Bacen; elaborado por Conab/Dipai/Suinf/Geint.

Gráfico 4 – Quantidade de contratos (janeiro a julho de 2015)



Fonte: Bacen; Conab;* com possíveis alterações contratuais em valor e quantidade, dados coletados mês a mês.

Gráfico 5 – Relação de valores contratos (janeiro a julho de 2015)



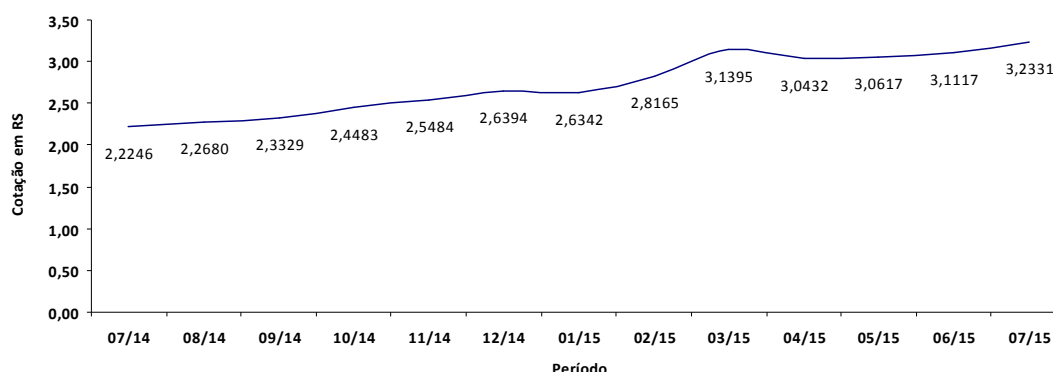
Fonte: Bacen; Conab;* dados atualizados 05/08/2015.

Nota: Dados atualizados em 05/08/2015

7. Câmbio

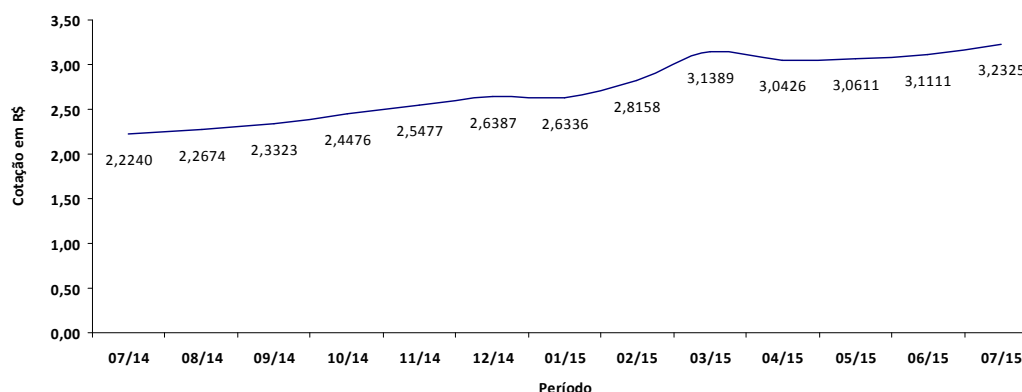
O câmbio é outro componente importante no processo de tomada de decisão do produtor rural, que tem como foco, as commodities agrícolas. Abaixo, as cotações de compra e venda do dólar americano no período de julho de 2014 a julho de 2015.

Gráfico 6 – Câmbio dólar – Venda



Fonte: Bacen.

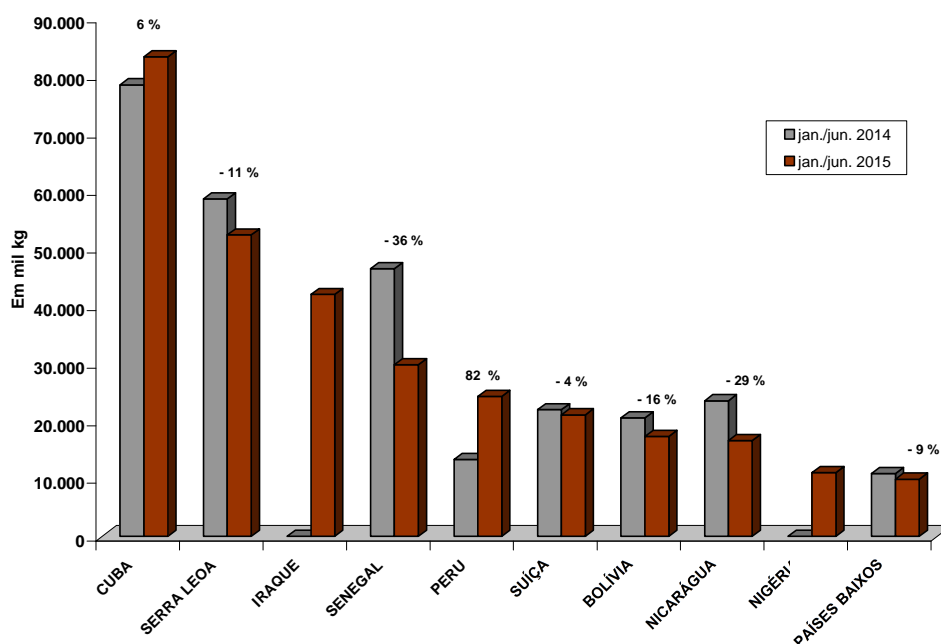
Gráfico 7 – Câmbio dólar – Compra



Fonte: Bacen.

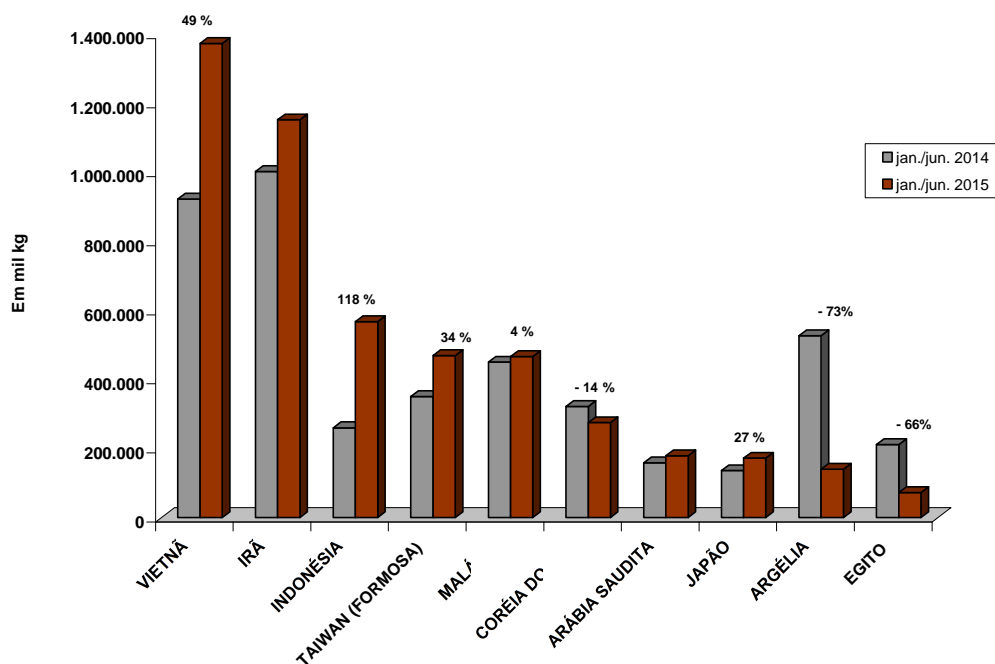
8. Exportações de arroz, milho, complexo soja e importação de trigo

Gráfico 8 – Exportação brasileira de arroz – Principais países importadores



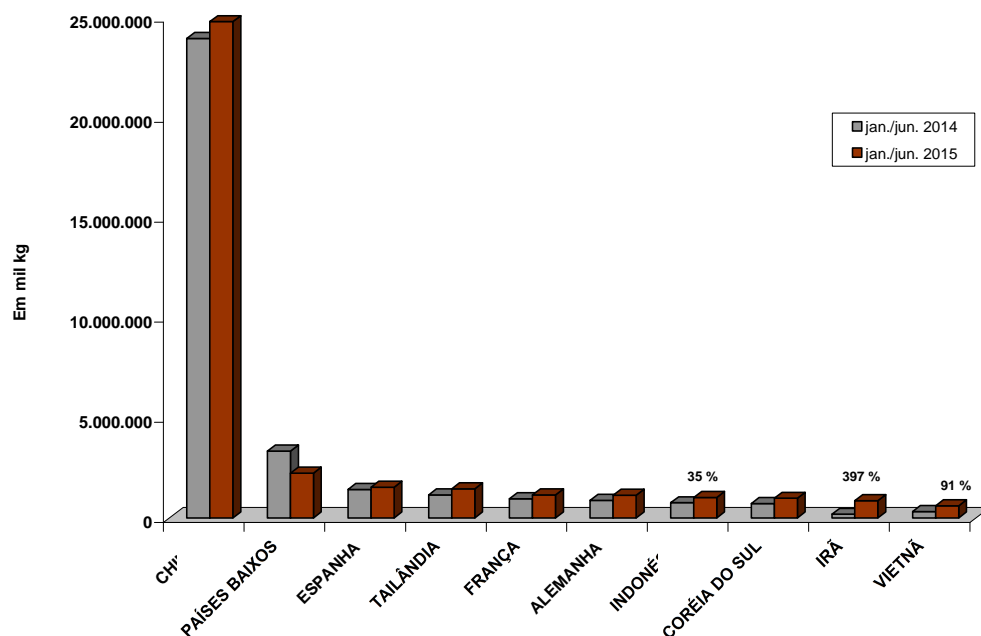
Fonte: AgroStat Brasil, a partir de dados da SECEX/MDIC.

Gráfico 9 - Exportação brasileira de milho – Principais países importadores



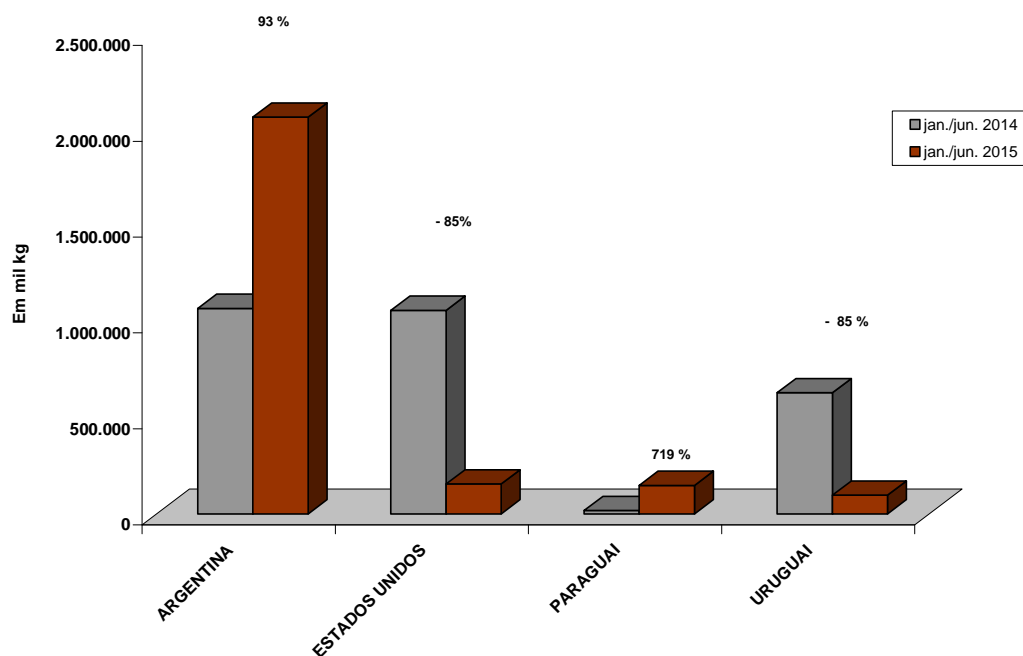
Fonte: AgroStat Brasil, a partir de dados da SECEX/MDIC.

Gráfico 10 - Exportação brasileira do complexo soja – Principais países importadores



Fonte: AgroStat Brasil, a partir de dados da SECEX/MDIC.

Gráfico 11 - Importação brasileira de trigo – Principais países exportadores



Fonte: AgroStat Brasil, a partir de dados da SECEX/MDIC.

9. Monitoramento agrícola: culturas de verão, de segunda safra e de inverno (safra 2014/15) – Junho de 2015

O monitoramento agrícola, realizado quinzenalmente pela Companhia e divulgado nos boletins de acompanhamento de safra e no Boletim de Monitoramento Agrícola - BMA (<http://www.conab.gov.br/conteudos.php?a=1094&t=2>), constitui um dos produtos de apoio às estimativas de safras. O propósito do monitoramento é avaliar as condições atuais das lavouras em decorrência de fatores agronômicos e de eventos climáticos recentes, a fim de auxiliar na pronta estimativa da produtividade agrícola nas principais regiões produtoras.

As condições das lavouras são analisadas por meio do monitoramento agrometeorológico e espectral e os resultados são apresentados de forma resumida nos mapas sobre as condições hídricas para os cultivos, nos capítulos referentes à análise das culturas (boletins de acompanhamento de safra) e no capítulo do BMA referente às condições hídricas gerais. Os recursos técnicos utilizados têm origem em quatro fontes de dados: a) imagens de satélites da última quinzena e de anos anteriores desse mesmo período, utilizadas para calcular o Índice de Vegetação (IV)* das lavouras; b) dados climáticos e prognósticos de probabilidade de chuva; c) dados de campo; e d) mapeamentos das áreas de cultivo.

O monitoramento atual foi realizado nas principais mesorregiões produtoras de grãos que estavam em produção na última quinzena. As culturas monitoradas foram as seguintes: algodão, feijão, milho, soja, sorgo, girassol, trigo, aveia e cevada.

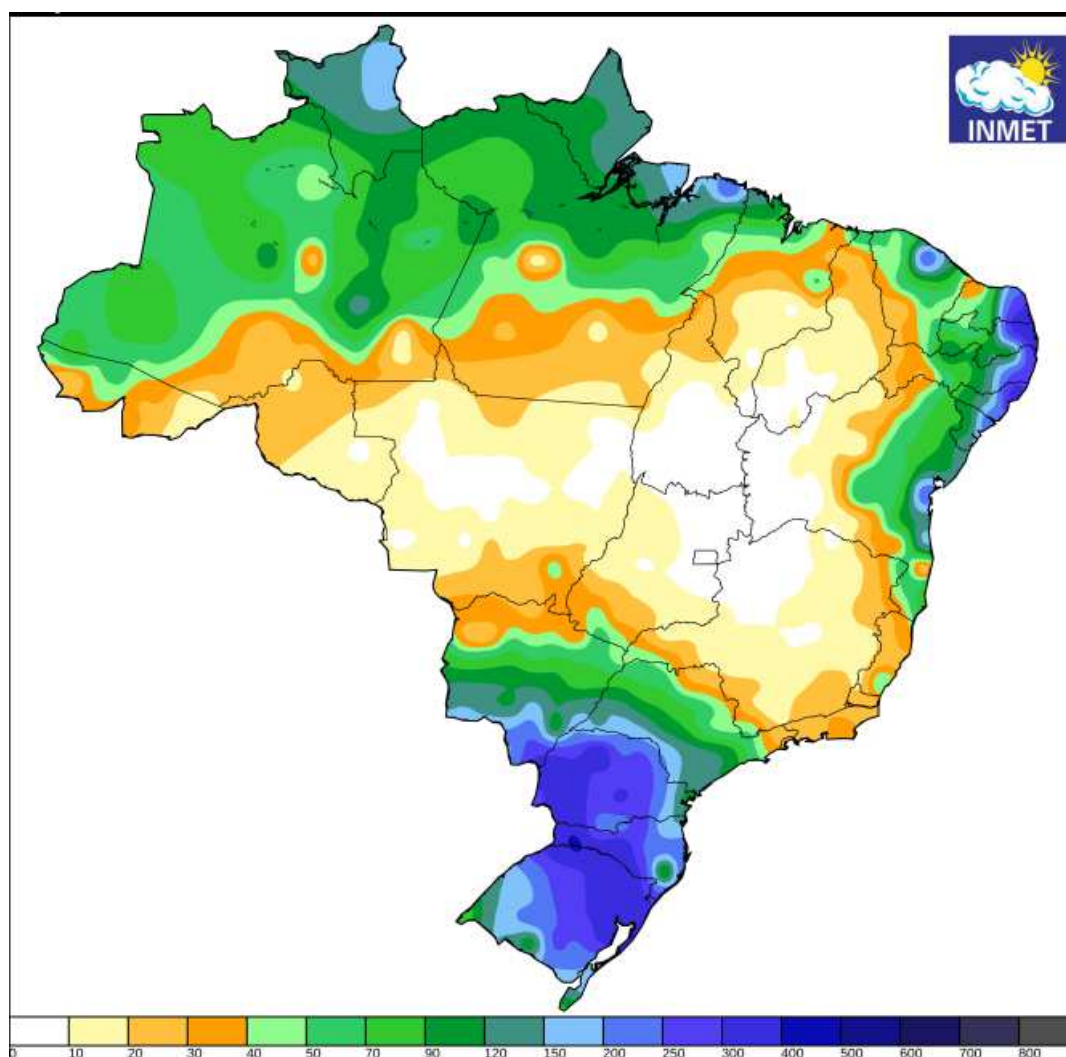
9.1. Condições meteorológicas recentes¹

Na mesorregião nordeste da Bahia, onde o milho segunda safra encontra-se na fase de enchimento de grãos, o volume de chuvas acumulado durante o mês de julho ficou um pouco abaixo ou próximo à média na maioria das localidades, com acumulados entre 50 e 100 mm. Em Sergipe e Alagoas os acumulados ficaram na faixa entre 120 e 300 mm, ainda dentro da média do período nesses estados. A frequência de dias com chuva nas estações meteorológicas dessas localidades foi semelhante a junho, com mais de 15 dias registrados.

Na Região Sul, onde a cultura do trigo encontra-se em fase de desenvolvimento ou floração, a precipitação acumulada em julho foi bastante elevada, atingindo uma faixa entre 150 e 400 mm. O número de dias com chuva significativa observados na região foi superior ao mês anterior, ficando em uma faixa entre 8 e 15 registros.

* - Índice que retrata as condições atuais da vegetação e reflete os efeitos dos eventos que afetam seu desenvolvimento (veja descrição e fundamentos na Nota técnica do BMA).

Figura 2 - Precipitação acumulada (em mm) no mês de julho de 2015



Fonte: Inmet.

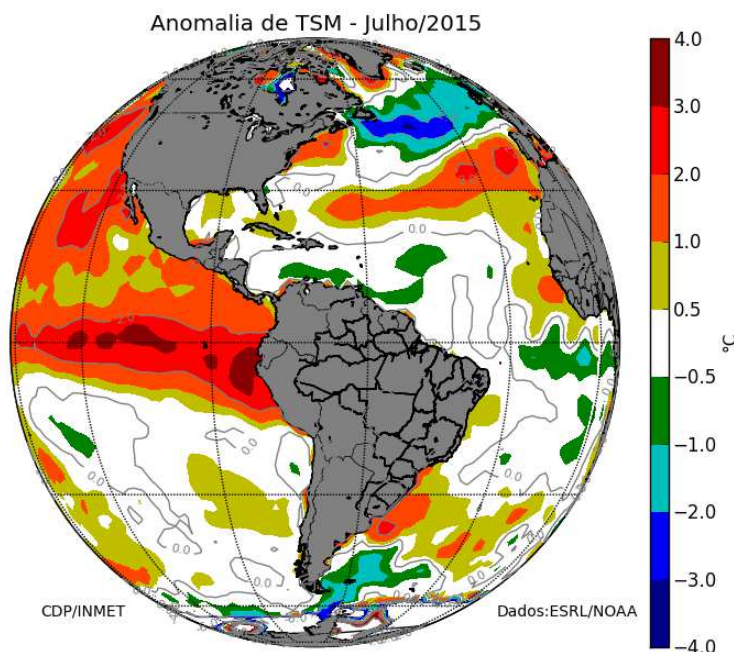
9.2. Temperatura da superfície do mar e o fenômeno *El Niño*¹

As atuais condições térmicas na região do Oceano Pacífico Tropical indicam que as condições de El Niño – anomalias positivas da temperatura da superfície do mar no Oceano Pacífico Equatorial – se mantêm. São observadas acentuadas anomalias positivas de temperatura da superfície do mar (TSM) na faixa equatorial do Pacífico em praticamente toda a sua extensão, indicando um padrão típico de El Niño. Os desvios positivos da TSM nas áreas de El Niño ultrapassaram os 3°C em alguns pontos no centro-leste (Figura 3).

Os modelos de previsão de TSM mantêm os prognósticos anteriores, indicando que as anomalias positivas no Oceano Pacífico podem persistir até o início do próximo ano, porém, os mesmos ainda divergem quanto ao grau de intensidade do fenômeno, sendo pouco provável que fique além da categoria de moderado.

No Atlântico, observa-se uma área próxima à costa da Região Sul com forte anomalia positiva, indicando águas mais quentes que a média. Essa condição favorece a um fluxo mais intenso de umidade do oceano para o continente através dos ventos, contribuindo para um maior volume de chuvas na região.

Figura 3 - Anomalia de TSM em julho de 2015



Fonte: CDP/Inmet

Os efeitos típicos no clima do Brasil são a diminuição da precipitação em áreas do Norte e do Nordeste. No Sul, há uma tendência de aumento de precipitação, o que pode explicar, em parte, o alto volume acumulado de chuva nos três estados. Além das chuvas, a condição de El Niño pode interferir nas temperaturas, que ficam em média um pouco mais elevadas, reduzindo o risco de geadas durante o inverno, o que não significa que não possam ocorrer.

9.3. Prognóstico climático para o trimestre agosto-setembro-outubro/2015¹

A maioria dos modelos climáticos, como o estatístico do Inmet, mantém a maior probabilidade de que a precipitação acumulada no trimestre deve ficar dentro da faixa normal ou abaixo, inclusive na faixa leste do Nordeste que está no final do seu período chuvoso.

Para a Região Sul, os modelos indicam que há uma maior probabilidade de que a precipitação acumulada fique acima ou dentro da faixa normal do trimestre, indicando um padrão climático típico de períodos de El Niño. O mês de outubro deve apresentar um padrão semelhante aos dois meses anteriores, ou seja, com acumulado acima da média na maior parte da região.

As temperaturas médias devem ficar um pouco acima da média do período, mas isso não descarta a ocorrência de períodos de baixa temperatura por efeito da chegada de massas de ar frio de origem polar, especialmente na Região Sul.

1- Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista CDP-Inmet-Brasília

9.4. Monitoramento agrometeorológico

O monitoramento agrometeorológico tem como objetivo identificar as condições para o desenvolvimento das grandes culturas nas principais mesorregiões produtoras do país, que estão em produção ou que irão iniciar o plantio nos próximos dias. A análise se baseia na localização das áreas de cultivo (mapeamentos), no impacto que o clima pode causar nas diferentes fases (predominantes) do desenvolvimento das culturas, além da condição da vegetação observada em imagens de satélite. O período monitorado foi o mês de julho de 2015.

Dentre os parâmetros agrometeorológicos observados, destacam-se: a precipitação acumulada, os desvios da precipitação e da temperatura com relação às médias históricas (anomalia) e a umidade disponível no solo. Os mapas das condições hídricas são elaborados por cultura e a classificação é feita da seguinte forma:

- baixa produção, sem cultivo ou fora de temporada;
- favorável: quando a precipitação é adequada para a fase do desenvolvimento da cultura ou houver problemas pontuais de baixa intensidade;
- baixa restrição: quando houver problemas pontuais de média e alta intensidade por falta ou excesso de chuvas;
- média restrição: quando houver problemas generalizados de média e alta intensidade por falta ou excesso de chuvas;
- alta restrição: quando houver problemas crônicos ou extremos de média e alta intensidade por falta ou excesso de precipitações, que podem causar impactos significativos na produção.

Nas tabelas desses mapas são especificadas: as regiões onde as chuvas estão favoráveis (suficientes) para o início do plantio (pré-plantio), a germinação, o desenvolvimento vegetativo, a floração e/ou a frutificação; onde está havendo possíveis problemas por excesso de chuvas; onde as chuvas reduzidas estão favorecendo o plantio e a colheita; e onde pode estar havendo possíveis problemas por falta de chuvas. Os resultados desse monitoramento são apresentados no capítulo referente à análise das culturas.

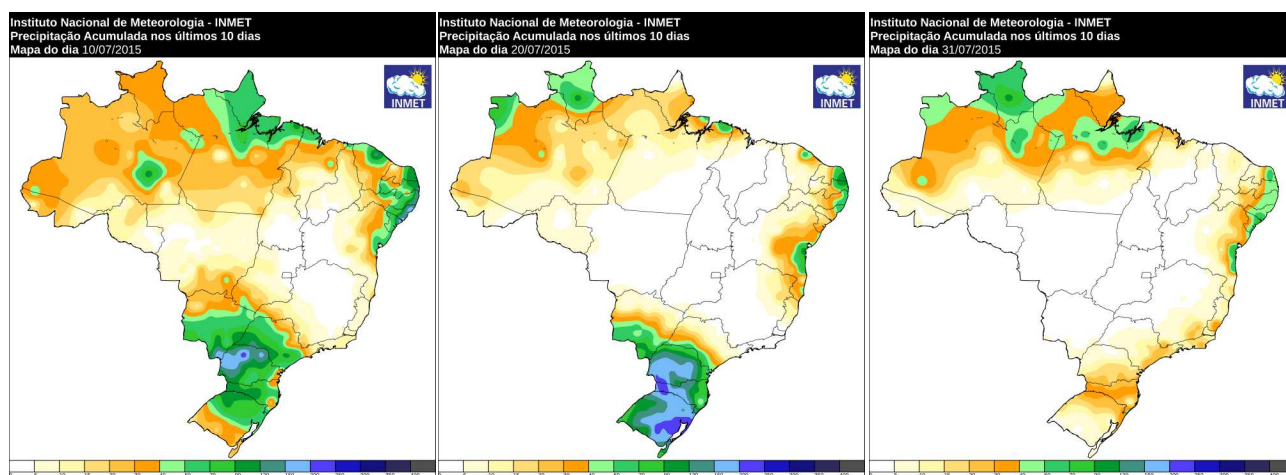
Em Minas Gerais, Mato Grosso, Goiás e na região do MATOPIBA (sul do Maranhão, leste do Tocantins, sudoeste do Piauí e oeste da Bahia), as chuvas reduzidas no período monitorado favoreceram as culturas de segunda safra em colheita (Figura 4). Nessas regiões, verificou-se a ocorrência de déficit hídrico (Figura 5). Já no sul de São Paulo e sudoeste do Mato Grosso do Sul, com exceção do terceiro decêndio, as precipitações que ocorreram no primeiro e segundo decêndio de julho interferiram na colheita dessas culturas (Figura 4).

Na Região Sul do Brasil, os altos volumes de chuvas no primeiro e, principalmente, no segundo decêndio (Figura 4) resultaram em prejuízos relacionados ao atraso no plantio das culturas de inverno, principalmente, em localidades do nordeste do Rio Grande do Sul e sul do Paraná. Já, nas lavouras em desenvolvimento, houve dificuldade em operações agrícolas como adubações de cobertura e tratamentos fitossanitários. Além disso, a associação de temperaturas mais amenas e de alta umidade favoreceu o aumento de incidência de doenças. As temperaturas mínimas estiveram acima da média na maior parte da Região Sul do Brasil (Figura 9.4.7). Em relação às culturas de segunda safra, principalmente para o milho segunda safra Paranaense, essa condição climática implicou, além de atrasos na colheita, perda de qualidade de grãos.

Os locais da Região Sul com maiores restrições foram os que apresentaram maiores volumes de chuva: norte, oeste e sudoeste do Paraná; oeste de Santa Catarina; e norte do Rio Grande do Sul. No entanto, a redução das chuvas no terceiro decêndio atenuaram as consequências desse excesso. O excedente hídrico no terceiro decêndio (Figura 8) foi inferior ao registrado nos anteriores (Figuras 6 e 7), mostrando uma tendência de melhora das condições para o plantio e o desenvolvimento.

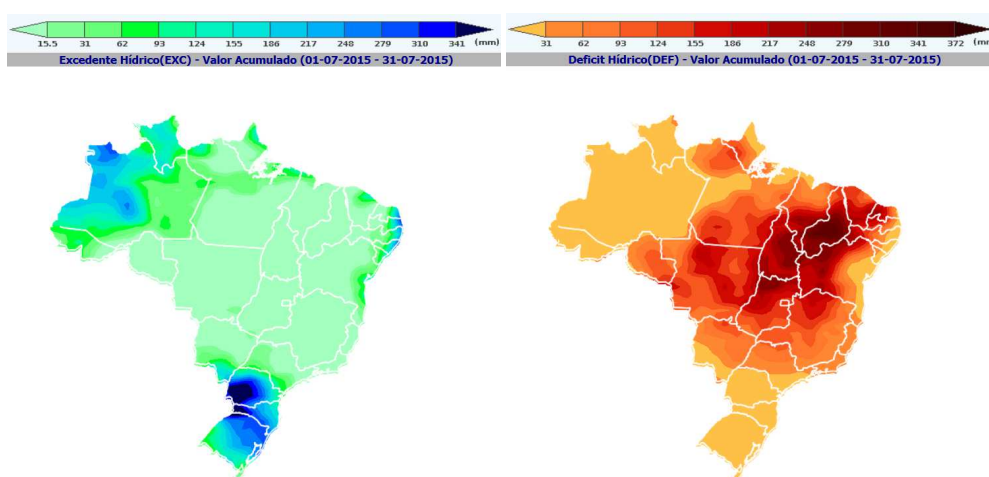
Nas regiões produtoras de Sergipe, no nordeste da Bahia e em Alagoas, as chuvas tiveram boa distribuição ao longo mês. O primeiro decêndio foi o período cujo registro apresentou os maiores volumes (Figura 4). Além disso, as temperaturas foram ideais. As temperaturas máximas estiveram dentro da média na maior parte dessas regiões (Figura 9). Essa condição climática favoreceu o milho segunda safra e o feijão terceira safra em frutificação.

Figura 4 – Precipitação pluviométrica acumulada decendial em julho/15



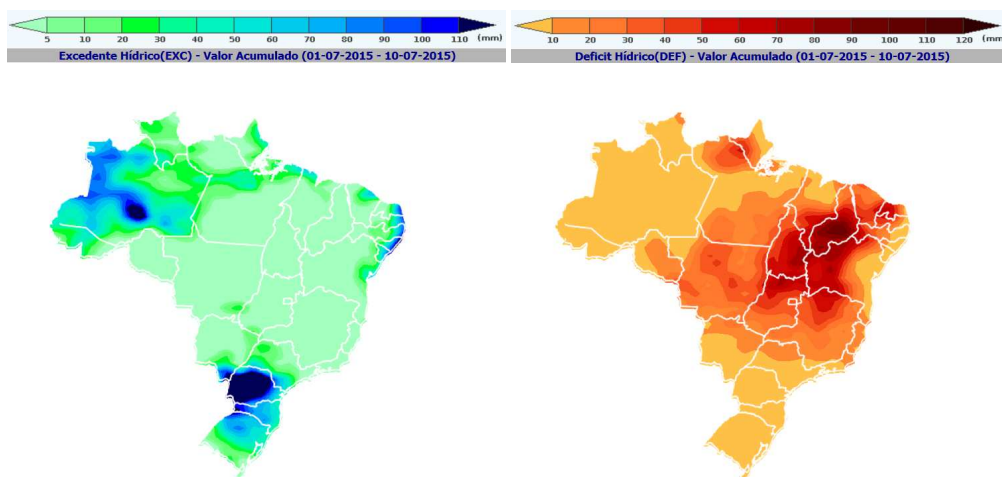
Fonte: Inmet

Figura 5– Excedente e deficit hídrico em julho/15



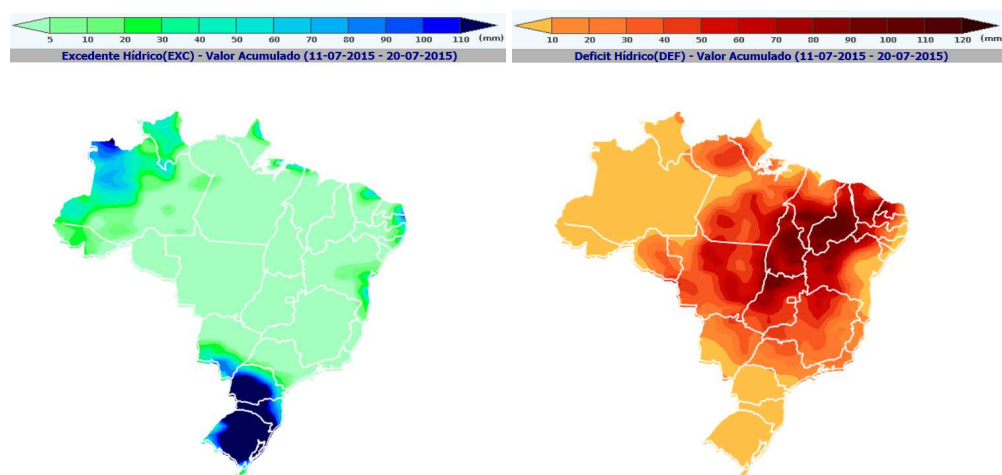
Fonte: Sisdagro/Inmet

Figura 6 – Excedente e deficit hídrico no primeiro decêndio de julho/15



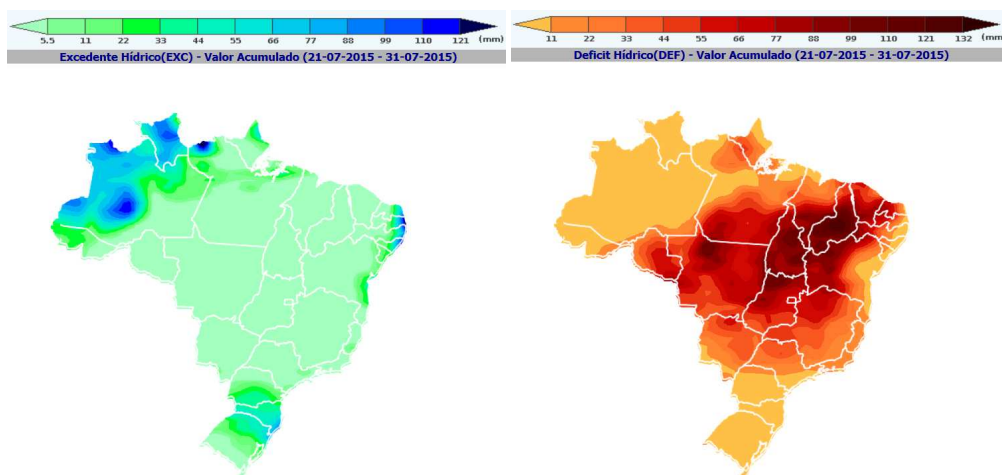
Fonte: Sisdagro/Inmet

Figura 7 – Excedente e deficit hídrico no segundo decêndio de julho/15



Fonte: Sisdagro/Inmet

Figura 8 – Excedente e deficit hídrico no terceiro decêndio de julho/15



Fonte: Sisdagro/Inmet

Figura 9 – Temperatura máxima e anomalia em julho/15

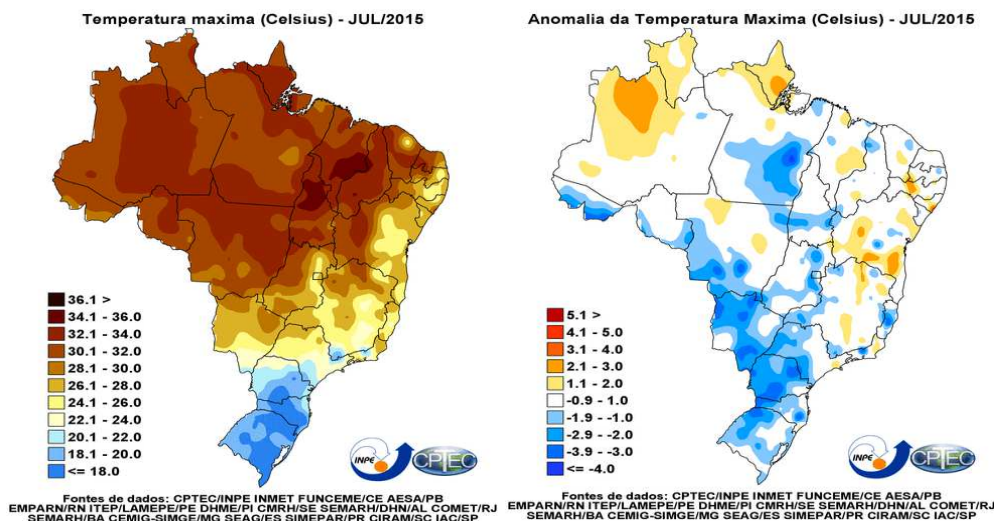
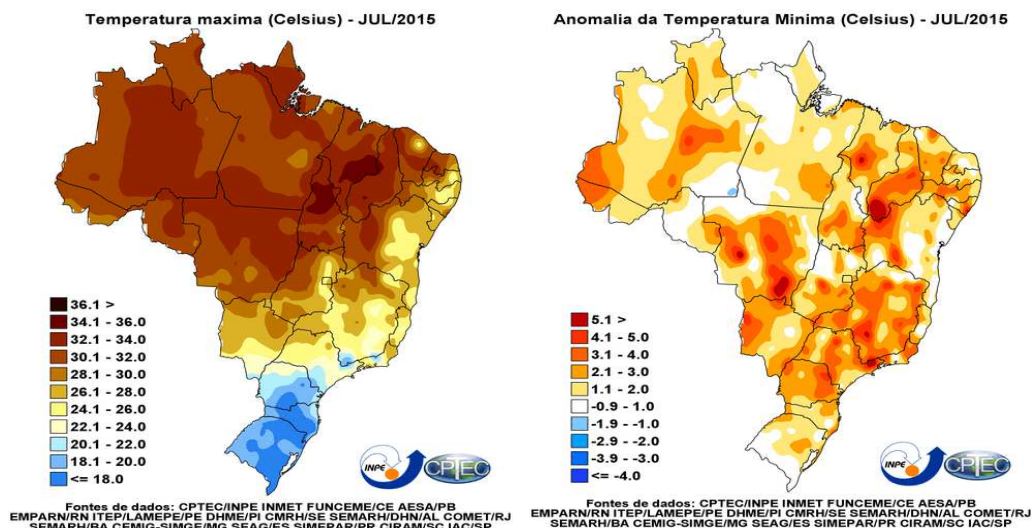


Figura 10 – Temperatura mínima e anomalia em julho/15



9.5. Monitoramento espectral

O propósito do monitoramento espectral é avaliar as condições atuais das lavouras em decorrência das condições meteorológicas recentes e de eventuais ataques de pragas e doenças, a fim de auxiliar na estimativa da produtividade das principais regiões produtoras. No momento, o foco principal dessa análise é as culturas de inverno na região Sul do Brasil. Os cultivos de segunda safra, em especial o milho, estão com as colheitas bem adiantadas e com boas produtividades.

O monitoramento é realizado com base na evolução do Índice de Vegetação (IV), calculado a partir de imagens de satélite, desde o plantio das lavouras até o presente momento. Três produtos derivados do IV são utilizados: a) os mapas de anomalia, que mostram a diferença dos padrões de desenvolvimento da safra atual em relação à safra do ano passado; b) os gráficos da quantificação de unidades de área pelo valor do IV, que mostram a situação das lavouras da safra atual, da safra anterior e da média histórica nas faixas de baixos, médios e altos valores do Índice; e c) os gráficos de evolução temporal que possibilitam o acompanhamento do desenvolvimento das lavouras durante todo ciclo,

e a comparação entre os diferentes anos safra.

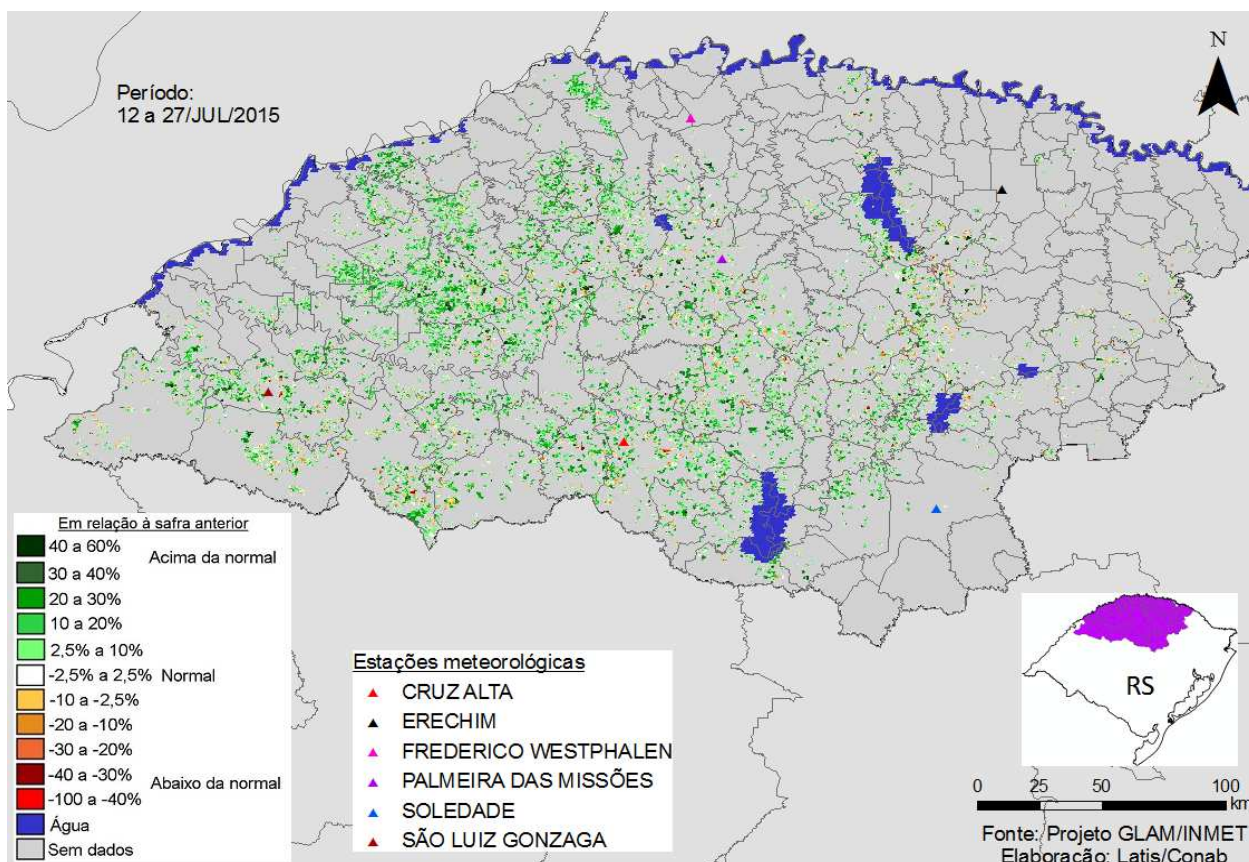
No total, estão sendo monitoradas quatro mesorregiões produtoras que cobrem juntas 53,27% da área nacional de trigo. Os resultados completos na presente análise, assim como, informações mais detalhadas sobre os critérios metodológicos, estão disponíveis nos Boletins de Monitoramento Agrícola, que são divulgados mensalmente pela Conab e cuja última edição está acessível na área de Destaques da página principal do site da Companhia. A seguir são apresentadas as informações e análises mais recentes dessas quatro mesorregiões.

Tabela 6 – Mesorregiões cobertas pelo monitoramento espectral

Mesorregião	Área em hectares	
	Trigo (b)	% (b) / Total Brasil (b)
Noroeste Rio-grandense - RS	922.340	37,51%
Sudoeste Paranaense - PR	180.576	7,34%
Centro-Sul Paranaense - PR	110.615	4,50%
Centro Ocidental Rio-grandense - RS	96.330	3,92%
Total 04 mesorregiões	1.309.861	53,27%
Total Brasil	2.458.800	100,00%

9.5.1. Noroeste Rio-grandense

Figura 11 – Mapa de anomalia do IV das lavouras de inverno, em relação à safra passada



O mapa acima mostra a diferença de padrões das lavouras da safra 2015 em relação à safra passada. O predomínio das áreas em cor verde indica que a safra atual tem mais áreas com respostas de IV relativamente altas que o ano passado. Isto se deve principalmente pelas condições atípicas em 2014 quando as lavouras mostraram baixas

na atividade de fotossíntese em decorrência de efeitos climáticos adversos na safra passada. As fortes chuvas na safra atual podem ter causado danos parciais em lavouras de trigo, mas não mensuráveis pelos dados de satélite. Na média, o monitoramento indica bom potencial de produtividade dos cultivos de inverno para a região em 2015.

Gráfico 12 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV

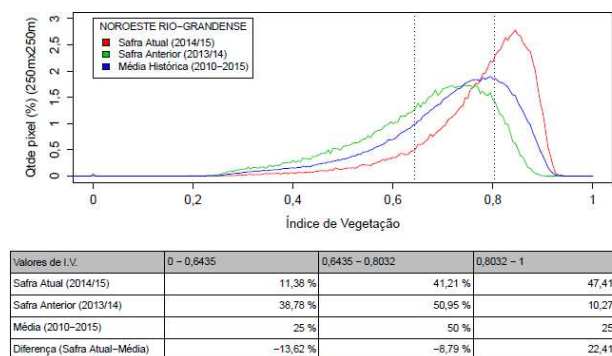
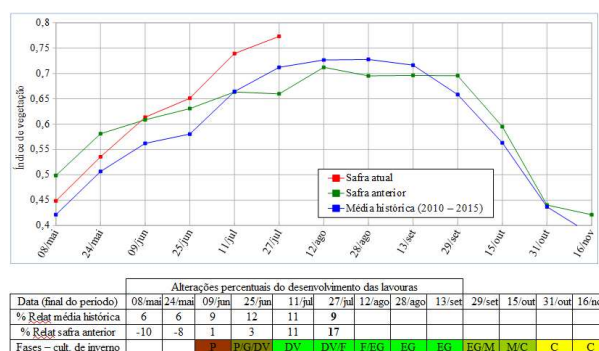


Gráfico 13 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras

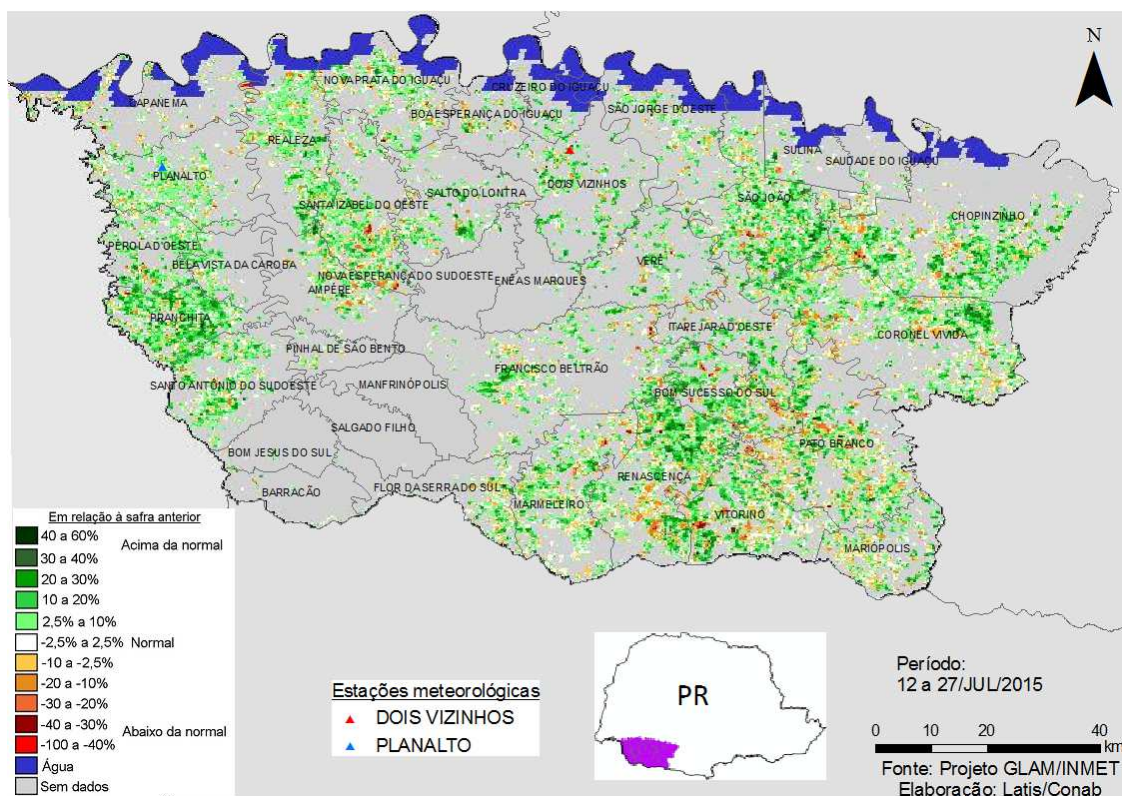


A tabela do gráfico de quantificação de áreas mostra que a atual safra tem quase 89% de suas lavouras respondendo com altos e médios valores de IV contra 61% no ano passado, nas mesmas condições e no mesmo período. Em relação à média dos seis últimos anos, a safra atual tem também padrões superiores, são: 13,6% a menos de suas lavouras com baixos valores de IV; 8,8% a menos com médio padrão de desenvolvimento e 22,4% a mais com altas resposta de IV. Esses números caracterizam bem a situação atual dos cultivos de inverno. Em síntese, o cálculo ponderado com dados do período de 12 a 27 de julho, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 9% acima da média dos seis últimos anos e 17% acima da safra anterior.

A linha vermelha, no gráfico de evolução temporal, em forte ascensão desde o início de maio, mostra excelente padrão de desenvolvimento inclusive em parte da fase reprodutiva dos cultivos de inverno em 2015. A alta disponibilidade hídrica vem contribuindo para o incremento da biomassa que também potencializa os altos valores de IV de áreas agrícolas.

9.5.2. Sudoeste Paranaense

Figura 12 – Mapa de anomalia do IV das lavouras de inverno, em relação à safra passada



O mapa acima mostra a diferença de padrões das lavouras da safra 2015 em relação à safra passada. O predomínio das áreas em cor verde indica que a safra atual tem mais áreas com respostas de IV relativamente altas que o ano passado. Isto se deve principalmente pelas condições atípicas em 2014 quando as lavouras mostraram baixas atividades de fotossíntese. As fortes chuvas podem ter causado danos parciais em lavouras de trigo, mas não mensuráveis pelos dados de satélite. Na média, o monitoramento indica bom potencial de produtividade dos cultivos de inverno para a região em 2015.

Gráfico 14 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV

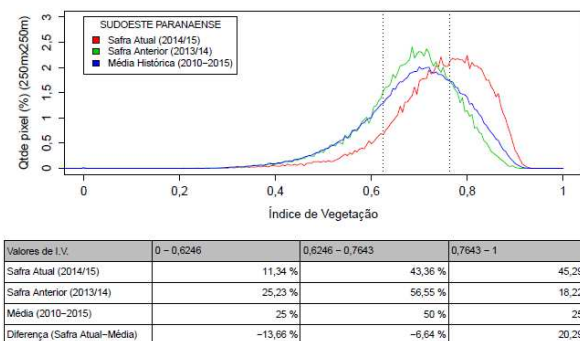
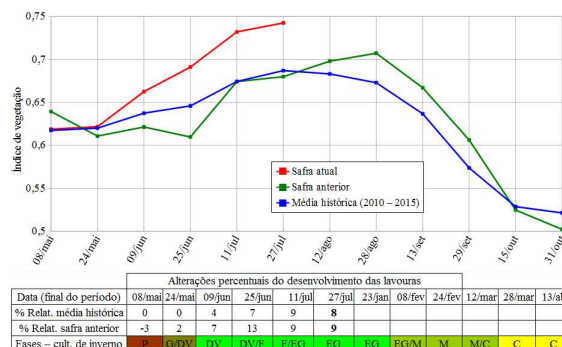


Gráfico 15 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras

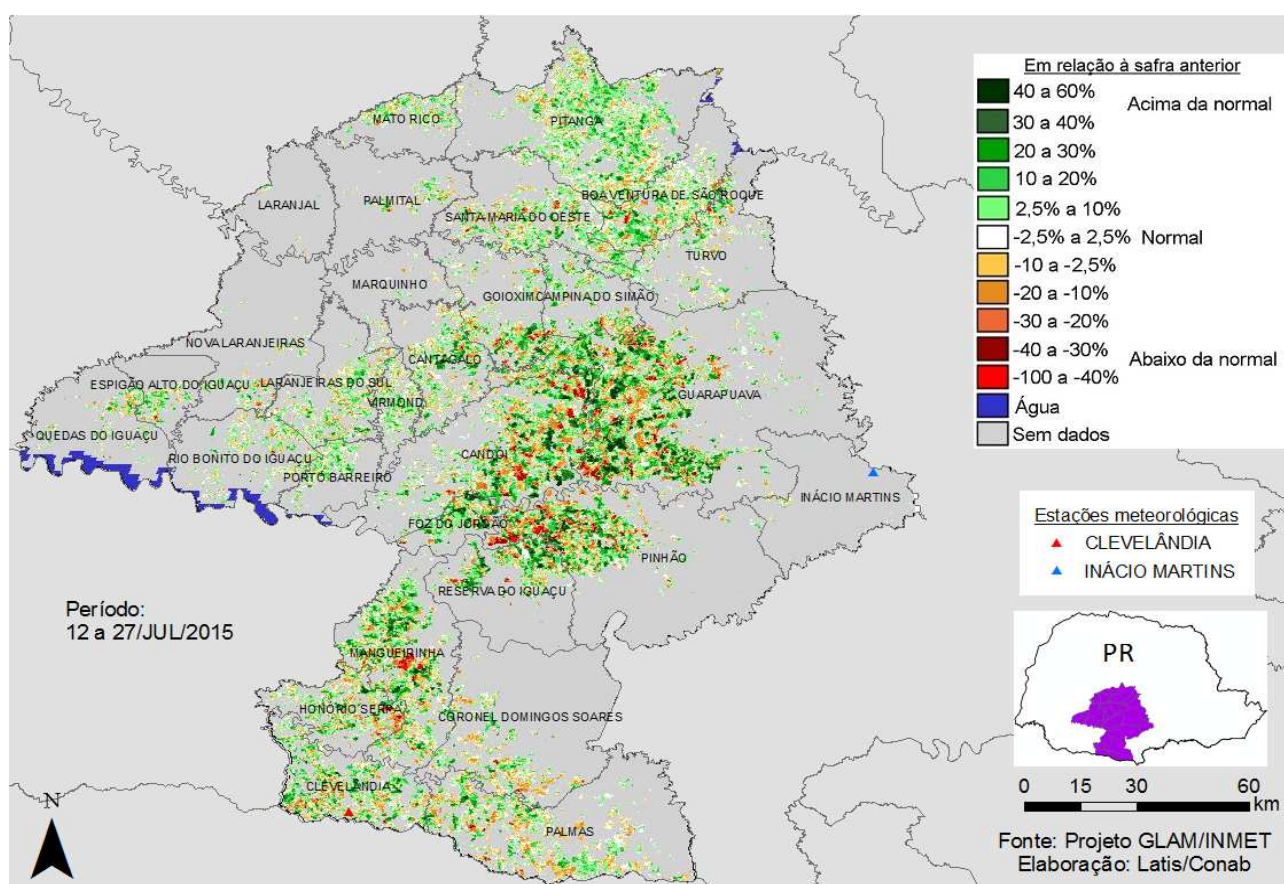


A tabela do gráfico de quantificação de áreas mostra que a atual safra tem quase de 89% de suas lavouras respondendo com altos e médios valores de IV contra 75% no ano passado, nas mesmas condições e no mesmo período. Em relação à média dos seis últimos anos, a safra atual tem também padrões superiores, são: 13,7% a menos de suas lavouras com baixos valores de IV; 6,6% a menos com médio padrão de desenvolvimento e 20,3% a mais com alta resposta de IV. Esses números caracterizam bem a situação atual dos cultivos de inverno. Em síntese, o cálculo ponderado com dados do período de 12 a 27 de julho, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 8% acima da média dos seis últimos anos e 9% acima da safra anterior.

A linha vermelha, no gráfico de evolução temporal, em forte ascensão desde o final de maio, mostra bom padrão de desenvolvimento inclusive em parte da fase reprodutiva dos cultivos de inverno em 2015. A alta disponibilidade hídrica vem contribuindo para incremento da biomassa que também potencializa os altos valores de IV de lavouras que estejam em fases de desenvolvimento e florescimento.

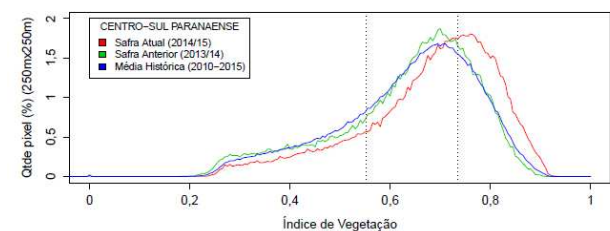
9.5.3. Centro-Sul Paranaense

Figura 13 – Mapa de anomalia do IV das lavouras de inverno, em relação à safra passada



O mapa acima mostra a diferença de padrões das lavouras da safra 2015 em relação à safra passada. O predomínio das áreas em cor verde indica que a safra atual tem mais áreas com respostas de IV relativamente altas que o ano passado. As fortes chuvas podem ter causado danos parciais em lavouras de trigo, mas não mensuráveis pelos dados de satélite. Na média, o monitoramento indica bom potencial de produtividade dos cultivos de inverno para a região em 2015.

Gráfico 16 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV



Valores de I.V.	0 - 0,5517	0,5517 - 0,7345	0,7345 - 1
Safra Atual (2014/15)	17,35 %	43,62 %	39,03 %
Safra Anterior (2013/14)	24,5 %	51,35 %	24,15 %
Média (2010-2015)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual-Média)	-7,65 %	-6,38 %	14,03 %

Gráfico 17 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras



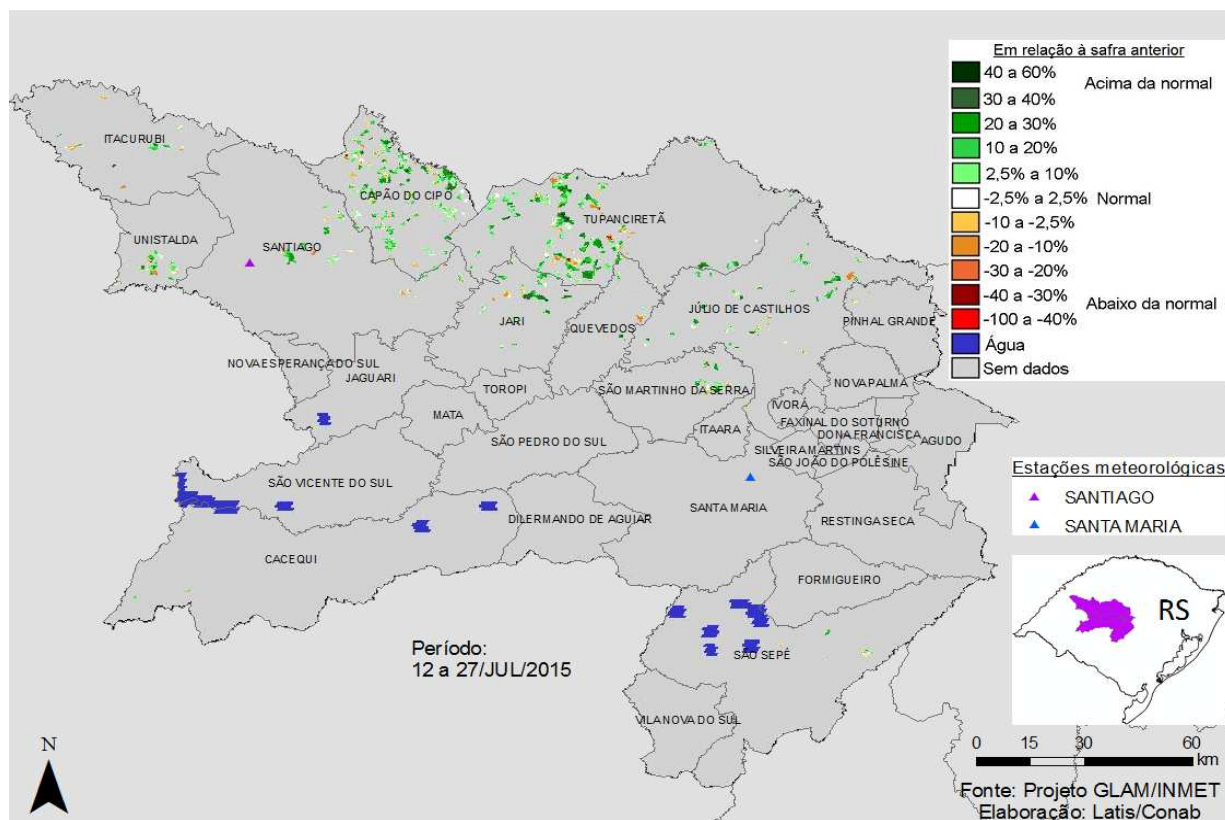
Alterações percentuais do desenvolvimento das lavouras												
Data (final do período)	08/mar	24/mar	09/jun	25/jun	11/jul	27/jul	12/ago	28/ago	13/set	29/set	15/out	31/out
% Relat média histórica	5	8	7	7	5	7						
% Relat safra anterior	3	8	8	11	5	7						
Fases - cult. de inverno	W	G-DV	DV	DV/T	F-EG	EG	EG	EG/M	M	M/C	C	C

A tabela do gráfico de quantificação de áreas mostra que a atual safra tem quase de 83% de suas lavouras respondendo com altos e médios valores de IV contra 75% no ano passado, nas mesmas condições e no mesmo período. Em relação à média dos seis últimos anos, a safra atual tem também padrões superiores, são: 7,7% a menos de suas lavouras com baixos valores de IV; 6,4% a menos com médio padrão de desenvolvimento e 14% a mais com altas resposta de IV. Esses números caracterizam bem a situação atual dos cultivos de inverno. Em síntese, o cálculo ponderado com dados do período de 12 a 27 de julho, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 7% acima da média dos seis últimos anos e 7% acima da safra anterior.

A linha vermelha, no gráfico de evolução temporal, em forte ascensão desde o início de maio, mostra bom padrão de desenvolvimento inclusive em parte da fase reprodutiva dos cultivos de inverno em 2015. A alta disponibilidade hídrica vem contribuindo para incremento da biomassa que também potencializa os altos valores de IV das lavouras.

9.5.4. Centro Ocidental Rio-grandense

Figura 14 – Mapa de anomalia do IV das lavouras de inverno, em relação à safra passada



O mapa acima mostra a diferença de padrões das lavouras da safra 2015 em relação à safra passada. O predomínio das áreas em cor verde indica que a safra atual tem mais áreas com respostas de IV relativamente altas que o ano passado. Isto se deve principalmente pelas condições atípicas em 2014, quando as lavouras mostraram baixas na atividade de fotossíntese em decorrência de efeitos climáticos adversos. As fortes chuvas na safra atual podem ter causado danos parciais em lavouras de trigo, mas não mensuráveis pelos dados de satélite. Na média, o monitoramento indica bom potencial de produtividade dos cultivos de inverno para a região em 2015.

Gráfico 18 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV

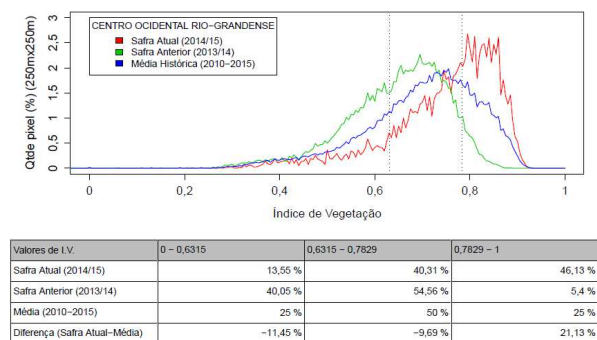
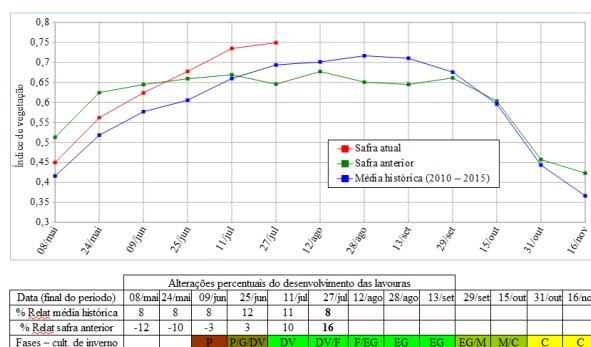


Gráfico 19 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras



A tabela do gráfico de quantificação de áreas mostra que a atual safra tem mais de 86% de suas lavouras respondendo com altos e médios valores de IV, contra 60% no ano

passado, nas mesmas condições e no mesmo período. Em relação à média dos seis últimos anos, a safra atual tem também padrões superiores, são: 11,5% a menos de suas lavouras com baixos valores de IV; 9,7% a menos com médio padrão de desenvolvimento e 21,1% a mais com altas resposta de IV. Esses números caracterizam bem a situação atual dos cultivos de inverno. Em síntese, o cálculo ponderado com dados do período de 12 a 27 de julho, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 8% acima da média dos seis últimos anos e 16% acima da safra anterior.

A linha vermelha, no gráfico de evolução temporal, em forte ascensão desde o início de maio, mostra um excelente padrão de desenvolvimento inclusive em parte da fase reprodutiva dos cultivos de inverno em 2015. A alta disponibilidade hídrica vem contribuindo para incremento da biomassa que também potencializa os altos valores de IV das lavouras.

10. Análise das culturas

10.1. Culturas de verão

10.1.1. Algodão

O décimo primeiro levantamento de safras realizado pela Conab aponta para uma produção brasileira de algodão em pluma na temporada 2014/15 de 1.504,1 mil toneladas, ocupando uma área de 976,2 mil hectares, 13% menor que a temporada passada. A redução observada na área plantada foi influenciada pela atual conjuntura adversa, tanto interna quanto externa, onde os estoques elevados promovem a queda nos preços da pluma.

A Região Centro-Oeste, principal produtora da fibra, apresentou grande redução de área neste exercício – 106,6 mil hectares. Entre os estados produtores da região, Goiás registrou redução de 37%, seguido por Mato Grosso do Sul com 17,1% e o Mato Grosso com 12,5%. Atualmente a cultura, tanto da primeira quanto da segunda safra, encontra-se nas fases de maturação e colheita.

Em Goiás, chuvas alternadas com dias ensolarados favorecem o desenvolvimento da cultura. Em algumas áreas onde o algodão apresentava os capulhos já abertos, as chuvas prejudicaram a qualidade da fibra. A incidência de lagartas e pragas, como a *Helicoverpa armigera* e bicudo do algodoeiro (*Anthonomus grandis*), trouxe problemas nesta safra, ocasionando o aumento no número de aplicações. Em algumas regiões do estado, estão realizando pulverizações com dessecantes para adiantar a colheita do algodão.

O Mato Grosso, maior produtor nacional, teve a área de plantio da primeira safra bastante reduzida, em função do atraso das chuvas que se estenderam até janeiro. O plantio da segunda safra foi encerrado em fevereiro. Houve registros de foco de doenças e ataques da praga bicudo, sem trazer, porém sérios comprometimentos para a produtividade estimada. Até o momento cerca de 60% e 50% da colheita da primeira e segunda safras, respectivamente, já foram realizadas, com produtividades em torno de 260 arrobas por hectare de algodão em caroço. A expectativa para a próxima safra é de que a área de plantio seja mantida ou que haja uma pequena ampliação.

No Mato Grosso do Sul o controle do bicudo do algodoeiro é a principal ação nas propriedades produtoras de algodão nesse momento. Até a presente data já foram feitas em média 15 aplicações para controle desta praga. Apesar da presença constante deste inseto nos algodoeiros, os produtores têm alcançado bons resultados no seu controle e até o momento não há relatos de áreas onde os danos tenham superado os níveis do equilíbrio econômico. O algodão primeira safra, plantado entre outubro e novembro de 2014, já foi colhido. As precipitações intensas que ocorreram durante junho prejudicaram a operação de destruição de soqueira, bem como danificaram as curvas de níveis construídas nas áreas que vão ser plantadas no próximo ano. Com relação à região noroeste, maior produtora estadual, o algodão se encontra nas fases de maturação e início da colheita. No centro-norte do estado, o algodão segunda safra está na sua maior parte em fase de maturação, com início da operação de colheita. O bom regime de chuvas favoreceu um bom crescimento e desenvolvimento da cultura, o que gera expectativas de alta produtividade.

Na Região Sudeste, a área de cultivo de algodão em Minas Gerais, principal produtor regional, está estimada em 18,8 mil hectares, sinalizando uma redução de 10% em relação à safra anterior, acompanhando a tendência baixista nos preços de comercialização de pluma, motivada pelo aumento da oferta mundial de algodão acima do crescimento do consumo. O plantio de algodão em Minas Gerais normalmente se inicia a partir de 20 de novembro, quando se encerra o período de vazio sanitário de 60 dias,

instituído como medida fitossanitária para prevenção e controle do bicudo. O plantio da safra de verão de algodão no estado se concentrou em dezembro, enquanto a safrinha foi plantada em fevereiro. As lavouras encontram-se predominantemente em fase de maturação, tendo sido colhida até o momento 16,5% da área plantada. Estima-se uma produtividade média de 3.600 kg/ha, 3,8% maior em relação à safra anterior. A produção, devido à redução na área plantada, deverá ficar 6,6% abaixo do resultado obtido na safra passada, alcançando 67,7 mil toneladas de algodão em caroço.

Na Região Nordeste, segunda maior região produtora do país, o algodão deverá sofrer redução de 8,8% na produção geral, em decorrência do forte declínio na área plantada – 9,9%.

A Bahia é o maior produtor regional e o segundo maior produtor nacional. A principal região produtora desta cultura no estado é a região no cerrado baiano, onde a colheita está em andamento. Estima-se que foram colhidos cerca de 31% da área plantada e realizada a destruição dos restos culturais em pelo menos 10% dessa área, estimada nesta safra em 281,1 mil hectares. A produtividade média, a despeito das chuvas em abril-maio, que trouxeram algum comprometimento para os frutos situados na parte baixa das plantas, deverá situar-se no patamar de 263 arrobas por hectare de algodão em caroço, representando um incremento de 2,1% em relação ao exercício passado.

No Maranhão, a área do algodão está concentrada nos municípios situados no entorno de Balsas, extremo sul do estado. As lavouras encontram-se bem desenvolvidas e em estágio de maturação na sua maior parte. Não evidenciamos perdas significativas em função de pragas (notadamente o bicudo do algodoeiro *Anthonomus grandis*) e doenças. As condições climáticas favoreceram, de maneira generalizada, o estabelecimento da cultura. O início da colheita do algodão ocorre em julho, se estendendo até agosto e setembro. A estimativa de produtividade para as lavouras da região está em torno de 3.984 kg/ha.

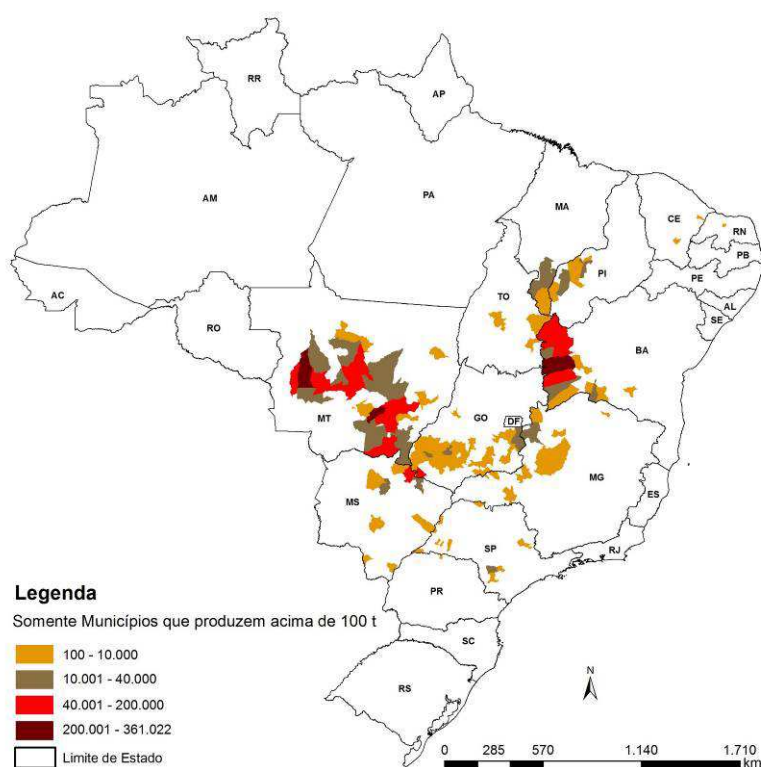
No Piauí ocorreu aumento na área plantada de 17,5% em relação ao exercício anterior. A cultura encontra-se em fase intermediária de colheita, estendendo de julho a agosto. O rendimento esperado até o momento situa-se na faixa de 3.402 kg/ha.

Quadro 1 – Calendário de plantio e colheita – Algodão

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO			P	P	P				C	C		
Nordeste												
MA			P	P	P				C	C	C	C
PI			P	P	P				C	C	C	C
CE				P	P	P			C	C	C	
RN	C			P	P	P			C	C	C	C
PB	C				P	P	P	P	C	C	C	C
PE	C	C			P	P	P	P	P	C	C	C
AL	C						P	P	P			C
BA		P	P	P	P			C	C	C	C	C
Centro-Oeste												
MT			P	P					C	C	C	C
MS		P	P	P			C	C	C	C	C	
GO		P	P	P					C	C	C	
Sudeste												
MG		P	P	P			C	C	C	C	C	
SP	P	P	P		C	C	C	C	C	C		
Sul												
PR	P	P	P			C	C	C				

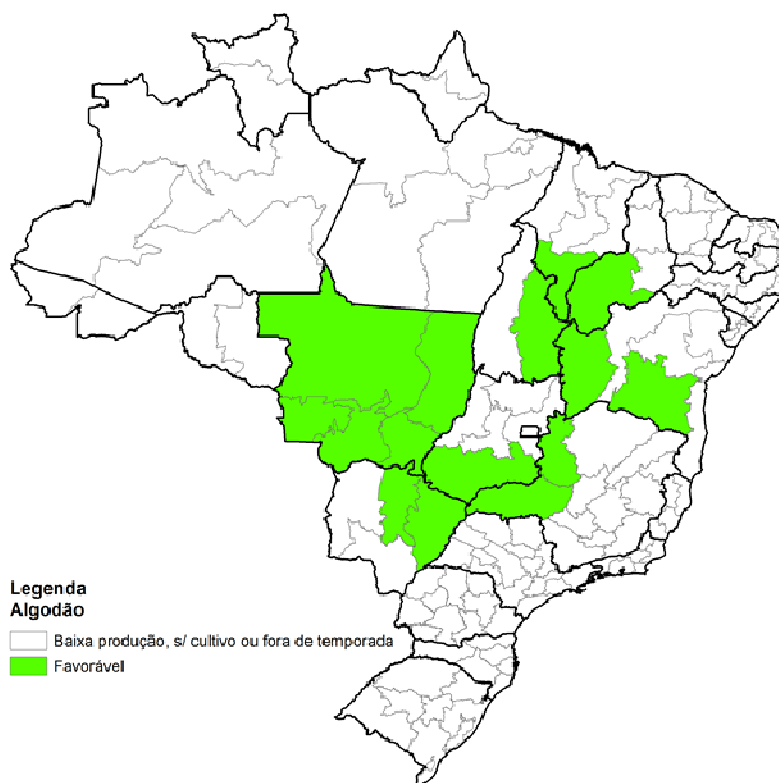
Legenda: P - Plantio; C - Colheita; PC - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.

Figura 15 – Mapa da produção agrícola – Algodão



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 16 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab.

Tabela 7 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*

Cultura	Chuvvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Algodão			- leste do TO (C) - sul do MA (C) - sudoeste do PI (C) - oeste e centro sul da BA (C) - oeste de MG (C) - todo estado do do MS (C) - sul de GO (1ª safra) (C) - sul de GO (2ª safra) (C) - todo estado do MT (1ª safra) (C) - todo estado do MT (2ª safra) (C)	

Legenda: * - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Restrição de baixa intensidade.

Fonte: Conab.

Tabela 8 – Comparativo de área, produtividade e produção – Algodão em caroço

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	4,8	7,7	60,4	4.020	4.371	8,7	19,3	33,7	74,6
TO	4,8	7,7	61,1	4.020	4.371	8,7	19,3	33,7	74,6
NORDESTE	352,8	317,8	(9,9)	3.872	3.920	1,2	1.366,2	1.245,9	(8,8)
MA	18,6	21,4	14,9	4.140	3.984	(3,8)	77,0	85,3	10,8
PI	12,1	14,2	17,5	4.125	3.402	(17,5)	49,9	48,3	(3,2)
CE	1,8	0,4	(77,0)	780	651	(16,5)	1,4	0,3	(78,6)
RN	0,4	0,3	(22,0)	3.810	4.500	18,1	1,5	1,4	(6,7)
PB	0,1	0,2	100,0	660	1.000	51,5	0,1	0,2	100,0
PE	0,3	0,1	(60,0)	540	512	(5,2)	0,2	0,1	(50,0)
AL	0,1	0,1	-	480	490	2,1	-	-	-
BA	319,4	281,1	(12,0)	3.870	3.950	2,1	1.236,1	1.110,3	(10,2)
CENTRO-OESTE	734,2	627,6	(14,5)	3.974	3.921	(1,3)	2.917,6	2.460,6	(15,7)
MT	643,1	562,7	(12,5)	3.960	3.894	(1,7)	2.546,7	2.191,2	(14,0)
MS	37,5	31,1	(17,1)	4.275	4.400	2,9	160,3	136,8	(14,7)
GO	53,6	33,8	(37,0)	3.930	3.923	(0,2)	210,6	132,6	(37,0)
SUDESTE	28,9	22,2	(23,2)	3.443	3.574	3,8	99,5	79,4	(20,2)
MG	20,9	18,8	(10,0)	3.469	3.600	3,8	72,5	67,7	(6,6)
SP	8,0	3,4	(57,5)	3.375	3.432	1,7	27,0	11,7	(56,7)
SUL	0,9	0,9	-	2.375	2.179	(8,3)	2,1	2,0	(4,8)
PR	0,9	0,9	-	2.375	2.179	(8,3)	2,1	2,0	(4,8)
NORTE/NORDESTE	357,6	325,5	(9,0)	3.874	3.931	1,5	1.385,5	1.279,6	(7,6)
CENTRO-SUL	764,0	650,7	(14,8)	3.952	3.906	(1,2)	3.019,2	2.542,0	(15,8)
BRASIL	1.121,6	976,2	(13,0)	3.927	3.915	(0,3)	4.404,7	3.821,6	(13,2)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2015.

Tabela 9 – Comparativo de área, produtividade e produção – Algodão em pluma

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	4,8	7,7	60,4	1.548	1.688	9,1	7,4	13,0	75,7
TO	4,8	7,7	61,1	1.548	1.683	8,7	7,4	13,0	75,7
NORDESTE	352,8	317,8	(9,9)	1.515	1.534	1,3	534,6	487,6	(8,8)
MA	18,6	21,4	14,9	1.635	1.574	(3,7)	30,4	33,7	10,9
PI	12,1	14,2	17,5	1.629	1.344	(17,5)	19,7	19,1	(3,0)
CE	1,8	0,4	(77,0)	273	228	(16,5)	0,5	0,1	(80,0)
RN	0,4	0,3	(22,0)	1.448	1.710	18,1	0,6	0,5	(16,7)
PB	0,1	0,2	100,0	231	350	51,5	-	0,1	-
PE	0,3	0,1	(60,0)	189	179	(5,3)	0,1	-	(100,0)
AL	0,1	0,1	-	168	172	2,4	-	-	-
BA	319,4	281,1	(12,0)	1.513	1.544	2,0	483,3	434,1	(10,2)
CENTRO-OESTE	734,2	627,6	(14,5)	1.569	1.548	(1,3)	1.152,2	971,8	(15,7)
MT	643,1	562,7	(12,5)	1.564	1.538	(1,7)	1.005,9	865,5	(14,0)
MS	37,5	31,1	(17,1)	1.689	1.738	2,9	63,3	54,1	(14,5)
GO	53,6	33,8	(37,0)	1.548	1.546	(0,1)	83,0	52,2	(37,1)
SUDESTE	28,9	22,2	(23,2)	1.349	1.396	3,5	39,0	31,0	(20,5)
MG	20,9	18,8	(10,0)	1.353	1.404	3,8	28,3	26,4	(6,7)
SP	8,0	3,4	(57,5)	1.333	1.356	1,7	10,7	4,6	(57,0)
SUL	0,9	0,9	-	889	778	(12,5)	0,8	0,7	(12,5)
PR	0,9	0,9	-	903	828	(8,3)	0,8	0,7	(12,5)
NORTE/NORDESTE	357,6	325,5	(9,0)	1.516	1.538	1,5	542,0	500,6	(7,6)
CENTRO-SUL	764,0	650,7	(14,8)	1.560	1.542	(1,2)	1.192,0	1.003,5	(15,8)
BRASIL	1.121,6	976,2	(13,0)	1.546	1.541	(0,3)	1.734,0	1.504,1	(13,3)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2015.

Tabela 10 – Comparativo de área, produtividade e produção – Caroço de algodão

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	4,8	7,7	60,4	2.472	2.688	8,7	11,9	20,7	73,9
TO	4,8	7,7	61,1	2.472	2.688	8,7	11,9	20,7	73,9
NORDESTE	352,8	317,8	(9,9)	2.357	2.386	1,2	831,5	758,1	(8,8)
MA	18,6	21,4	14,9	2.505	2.410	(3,8)	46,6	51,6	10,7
PI	12,1	14,2	17,5	2.496	2.058	(17,5)	30,2	29,2	(3,3)
CE	1,8	0,4	(77,0)	507	423	(16,6)	0,9	0,2	(77,8)
RN	0,4	0,3	(22,0)	2.362	2.790	18,1	0,9	0,8	(11,1)
PB	0,1	0,2	100,0	429	650	51,5	-	0,1	-
PE	0,3	0,1	(60,0)	351	333	(5,1)	0,1	-	(100,0)
AL	0,1	0,1	-	312	319	2,2	-	-	-
BA	319,4	281,1	(12,0)	2.357	2.406	2,1	752,8	676,2	(10,2)
CENTRO-OESTE	734,2	627,6	(14,5)	2.404	2.372	(1,3)	1.765,4	1.488,8	(15,7)
MT	643,1	562,7	(12,5)	2.396	2.356	(1,7)	1.540,7	1.325,6	(14,0)
MS	37,5	31,1	(17,1)	2.586	2.662	2,9	97,0	82,8	(14,6)
GO	53,6	33,8	(37,0)	2.382	2.377	(0,2)	127,7	80,4	(37,0)
SUDESTE	28,9	22,2	(23,2)	2.096	2.178	3,9	60,5	48,4	(20,0)
MG	20,9	18,8	(10,0)	2.116	2.196	3,8	44,2	41,3	(6,6)
SP	8,0	3,4	(57,5)	2.042	2.076	1,7	16,3	7,1	(56,4)
SUL	0,9	0,9	-	1.473	1.351	(8,3)	1,3	1,2	(7,7)
PR	0,9	0,9	-	1.473	1.351	(8,3)	1,3	1,2	(7,7)
NORTE/NORDESTE	357,6	325,5	(9,0)	2.359	2.393	1,4	843,4	778,8	(7,7)
CENTRO-SUL	764,0	650,7	(14,8)	2.392	2.364	(1,2)	1.827,2	1.538,4	(15,8)
BRASIL	1.121,6	976,2	(13,0)	2.381	2.374	(0,3)	2.670,6	2.317,2	(13,2)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2015.

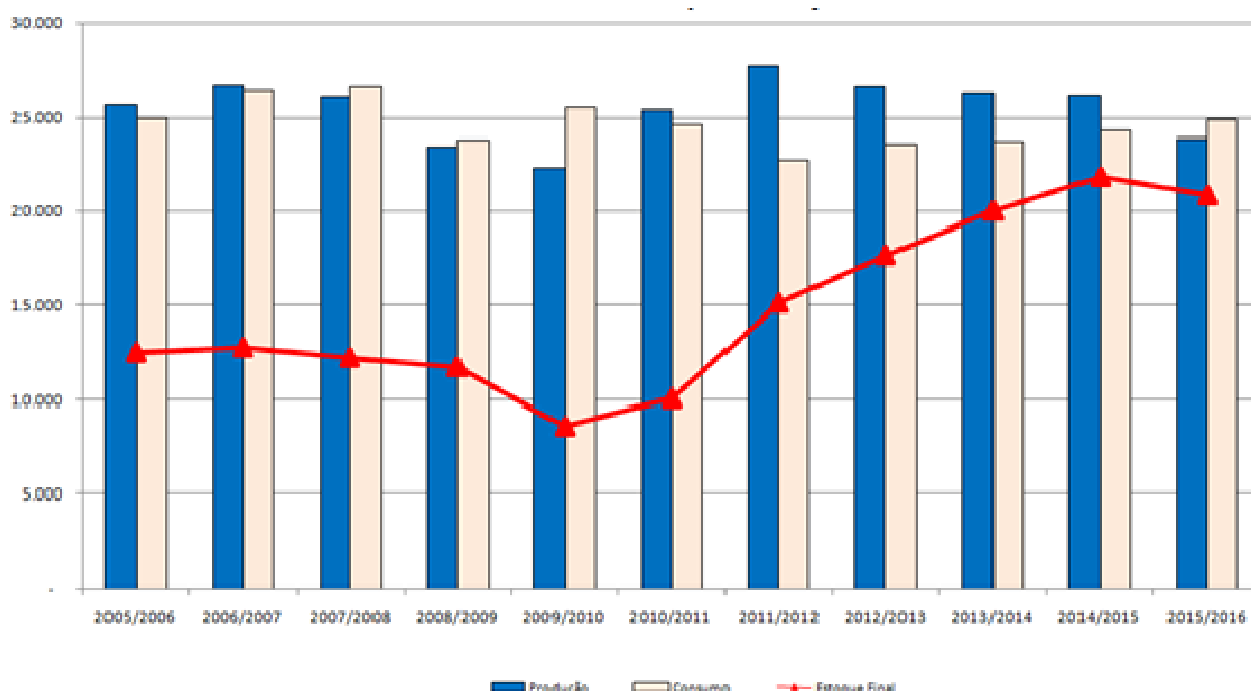
10.1.1.1. Oferta e demanda

Panorama mundial

O mercado mundial do algodão segue com disponibilidade do produto bastante superior ao consumo, todavia, com expectativa de que o consumo supere a produção na safra 2015/16. Os números revisados em agosto, da produção mundial na safra 2014/15, já finalizada no Hemisfério Norte e em andamento no Sul, estimada pelo Comitê Consultivo do Algodão (Icac) é de 26,2 milhões de toneladas, enquanto que o consumo previsto é de 24,4 milhões toneladas. Quanto às projeções de produção para a safra 2015/16, aquela instituição avalia que haverá uma significativa retração de 9,05%, devendo totalizar cerca de 23,8 milhões de toneladas, e no caso do consumo, estima um crescimento moderado de 2,3%, perfazendo um montante de 24,9 milhões de toneladas.

Cabe enfatizar que o menor volume de produção, segundo as estimativas do Icac, contribuirá para uma redução de 4,9% nos estoques de passagem no ano safra 2015/16, projetado em 20,95 milhões de toneladas. Neste sentido, a relação estoque versus consumo, no citado período, passa a ser de 84,1% contra 90,5% na safra 2014/15. Historicamente este índice oscila entre 35% e 40%. Contudo, destaca-se que cerca de 57,5% dos estoques mundiais no biênio 2014/15 estarão concentrados apenas na China.

Gráfico 20 – Comparativo de produção, consumo e estoque final de algodão no mundo nas últimas nas últimas 11 safras (em mil toneladas)



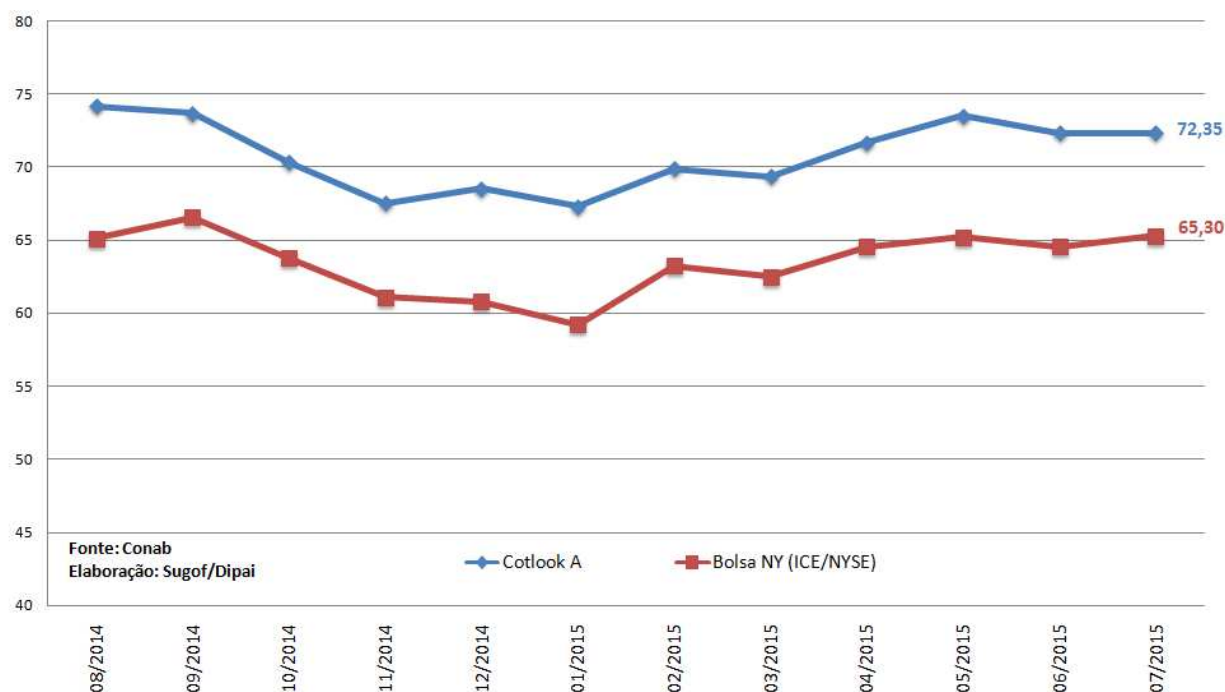
Fonte: Icac.

Preços internacionais

Os preços médios internacionais da pluma apresentaram leve valorização em julho, a justificativa é dada pela expectativa de redução na área de algodão plantada dos Estados Unidos para a safra 2015/16. Além disso, a evolução da comercialização do algodão estadunidense ao longo de julho impactou positivamente as cotações na Bolsa de Nova Iorque e o índice A, todavia essa tendência se reverteu na última semana do

mês, visto que as negociações na Bolsa reagiram mal ao desenvolvimento das lavouras dos EUA, a valorização do dólar frente a diversas moedas e à expectativa de menor crescimento econômico da China.

Gráfico 21 – Preços internacionais médios mensais (FOB) – 12 meses (em Cents US\$/lb)

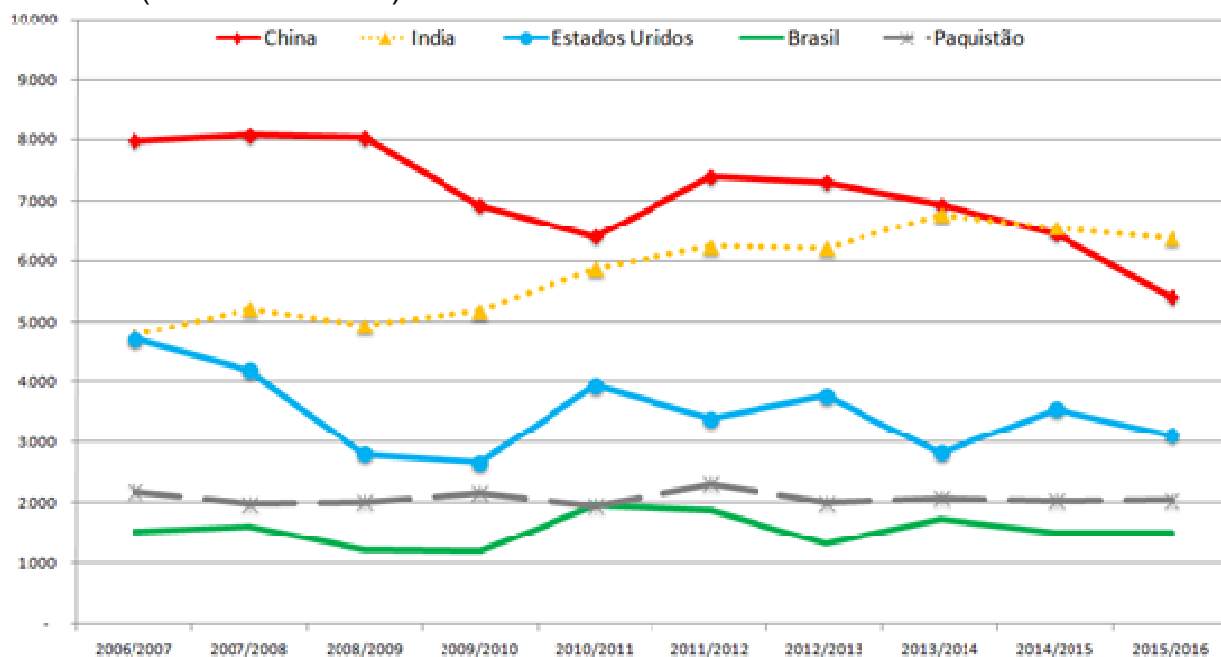


Panorama nacional

Caso as condições climáticas permaneçam favoráveis até o final do ciclo da cultura o Brasil deverá produzir aproximadamente 1.504,1 mil toneladas de pluma. Em valores absolutos a produção de pluma será inferior à da safra passada em 229,9 mil toneladas, aproximadamente, o que em termos percentuais equivale a 13,2%.

O declínio da produção foi fundamentado, principalmente, pelo grande acúmulo dos estoques mundiais de passagem nos últimos cinco anos que exerceu impacto negativo sobre os preços em nível mundial, especialmente aqui no Brasil onde os preparativos para o plantio da safra (compras de insumos, preparo do solo, entre outras atividades) começam em março e se estendem até o princípio de novembro, quando efetivamente é iniciado o trabalho de semeadura (Gráfico 22).

Gráfico 22 – Evolução da produção de algodão nas últimas dez safras – Principais produtores (em mil toneladas)

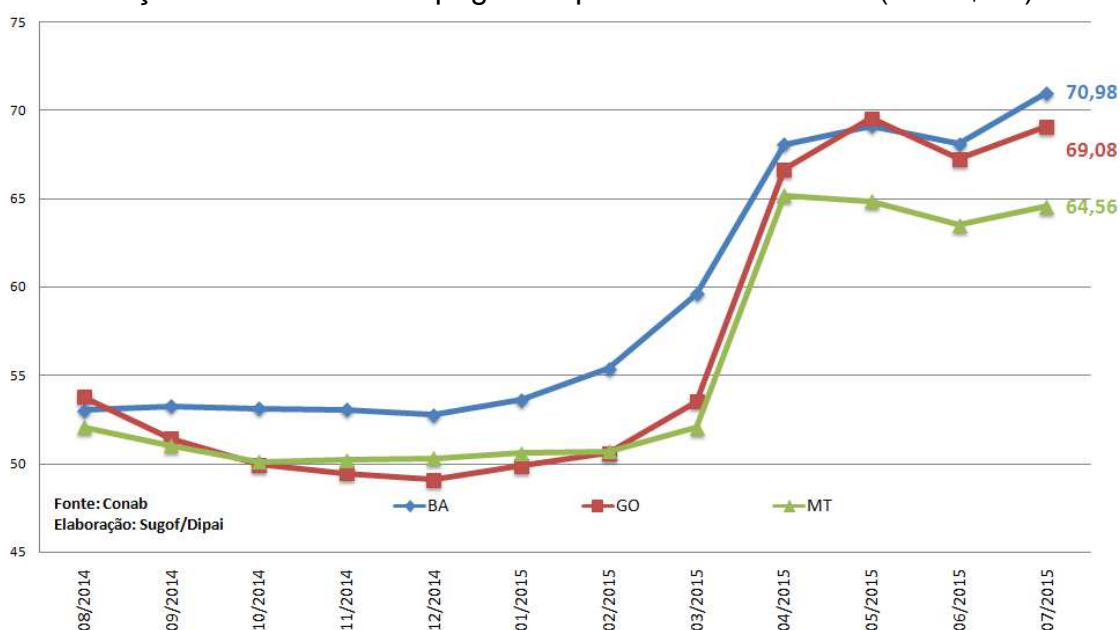


Fonte: Icac.

Preços nacionais

Os preços domésticos do algodão reagiram de maneira positiva à alta do dólar. Desse modo, os preços sofreram uma variação positiva, além de estimular as vendas ao mercado externo. Assim, a média mensal de maio dos preços pagos ao produtor apresentou desempenho ruim, mas com possibilidade de reversão na primeira quinzena de julho. Os preços médios em junho subiram em todos os estados avaliados, em comparação com maio, na Bahia a média das cotações elevou-se 4,21%, com média de R\$ 70,98/@, em Goiás 2,72%, com média de R\$ 69,08/@ e em Mato Grosso 1,64%, com média de R\$ 64,56/@ (Gráfico 23).

Gráfico 23 – Preços médios mensais pagos ao produtor – 12 meses (em R\$/@)



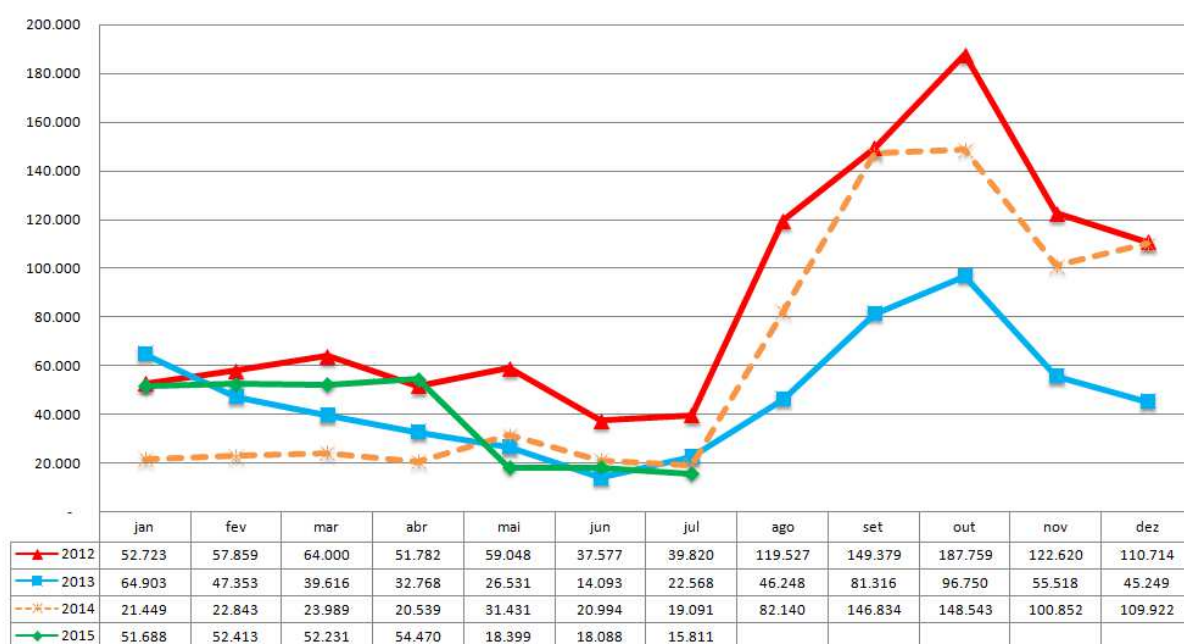
Informações sobre o consumo nacional

Em função de notícias sobre o fraco desempenho da indústria têxtil no ano de 2014, e levando em consideração as atuais previsões de baixo crescimento da economia brasileira no corrente ano, a Conab mantém inalterada sua projeção de consumo em 800 mil toneladas para a safra em curso.

Análise de exportações líquidas brasileiras

O total das exportações brasileiras de algodão em 2014 foi de 748,6 mil toneladas, ou seja, 30,67% superior ao volume exportado em 2013, fato que indica uma maior parcela do comércio internacional de pluma ocupada pelo país. Para 2015 a Conab mantém sua estimativa de 790 mil toneladas.

Gráfico 24 – Exportações brasileiras de algodão de janeiro de 2012 a abril de 2015 (em mil toneladas)



Fonte: SECEX

Oferta e demanda

Diante do cenário ora apresentado, a atual configuração do quadro de suprimento estimado para 2015 passa a ser a seguinte: oferta total do produto (estoque inicial + produção + importação) de 2.016 mil toneladas, enquanto que a demanda total (consumo interno + exportação) de 1.504 mil toneladas.

Com os ajustes na produção, se comparados à safra precedente, a previsão de estoque de passagem para o encerramento de 2015 passa a ser de 426 mil toneladas de pluma, significando, assim, quantidade suficiente para abastecer a indústria nacional e honrar compromissos de exportação por um período aproximado de três meses.

Quadro 2 – Suprimento de Algodão em pluma

Ago/2015

DISCRIMINAÇÃO	2010	2011	2012	2013	2014 (1)	2015 (2)
O F E R T A	1.627,5	2.180,0	2.418,5	1.798,2	2.070,5	2.016,0
Estoque Inicial	394,1	76,0	521,7	470,5	305,1	501,9
Produção	1.194,1	1.959,8	1.893,3	1.310,3	1.734,0	1.504,1
- Centro/Sul	755,2	1.262,4	1.343,2	905,1	1.192,0	1.003,5
- Norte/Nordeste	438,9	697,4	550,1	405,2	542,0	500,6
Importações	39,2	144,2	3,5	17,4	31,5	10,0
D E M A N D A	1.551,5	1.658,3	1.948,0	1.493,1	1.568,6	1.590,0
Consumo Interno	1.039,0	900,0	895,2	920,2	820,0	800,0
Exportações	512,5	758,3	1.052,8	572,9	748,6	790,0
Estoque Final	76,0	521,7	470,5	305,1	501,9	426,0
Meses de Uso	0,6	3,8	2,9	2,5	3,8	3,2

Fonte: CONAB/ SECEX/SRF-MF/ SINDITEXTIL-ABIT/ANEA/COOPERATIVAS/ICAC

ELABORAÇÃO: CONAB

(1) preliminar (2) estimativa

10.1.2. Amendoim

10.1.2.1. Amendoim primeira safra

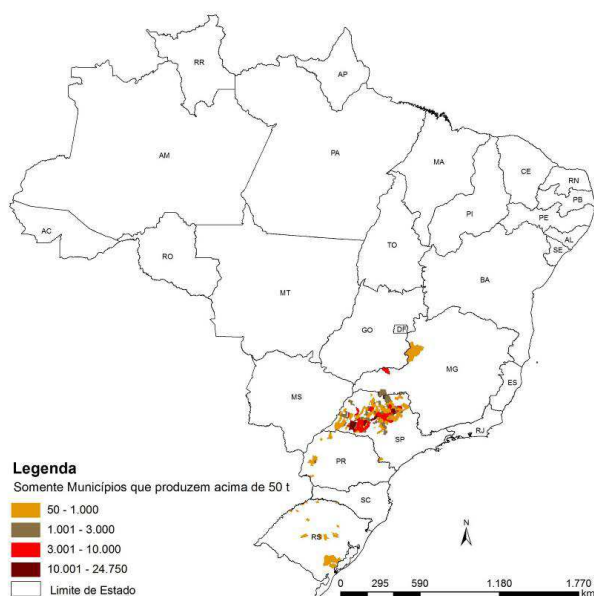
Quadro 3 – Calendário de plantio e colheita – Amendoim primeira safra

UF/Região	22/09 a 21/12 Primavera			21/12 a 20/03 Verão			20/03 a 21/06 Outono			21/06 a 22/09 Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sudeste												
MG			P	P	P	C	C	C				
SP	P	P	P	C	C	C	C					P
Sul												
PR	P	P		C	C	C	C					P
RS	P	P	P		C	C	C					

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Figura 17 – Mapa da produção agrícola – Amendoim primeira safra



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 11 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim primeira safra

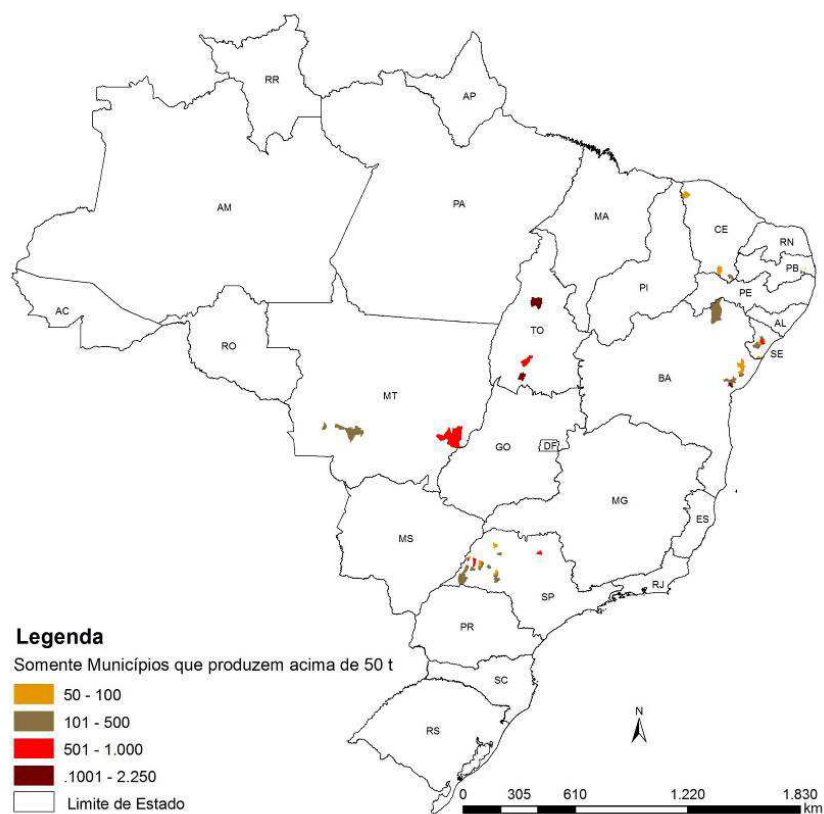
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	88,8	92,5	4,2	3.162	3.315	4,8	280,8	306,6	9,2
MG	2,6	2,7	3,8	3.680	3.338	(9,3)	9,6	9,0	(6,3)
SP	86,2	89,8	4,2	3.146	3.314	5,3	271,2	297,6	9,7
SUL	5,4	5,2	(3,7)	1.998	2.445	22,4	10,8	12,8	18,5
PR	2,2	2,2	0,5	2.408	2.437	1,2	5,3	5,4	1,9
RS	3,2	3,0	(7,7)	1.716	2.450	42,8	5,5	7,4	34,5
CENTRO-SUL	94,2	97,7	3,7	3.095	3.268	5,6	291,6	319,4	9,5
BRASIL	94,2	97,7	3,7	3.095	3.268	5,6	291,6	319,4	9,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2015.

10.1.2.2. Amendoim segunda safra

Figura 18 – Mapa da produção agrícola – Amendoim segunda safra



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 12 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Amendoim 2ª safra			- oeste de SP (C)	

Legenda: * - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Restrição de baixa intensidade.

Fonte: Conab.

Quadro 4 – Calendário de plantio e colheita – Amendoim segunda safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO				P	P		C	C				
Nordeste												
CE				P	P	P		C	C	C		
PB							P	P			C	C
SE		P	P			C	C					
BA		P	P			C	C					
Centro-Oeste												
MT					P	P		C	C			
Sudeste												
SP				P	P	P	P	C	C	C	C	

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 13 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim segunda safra

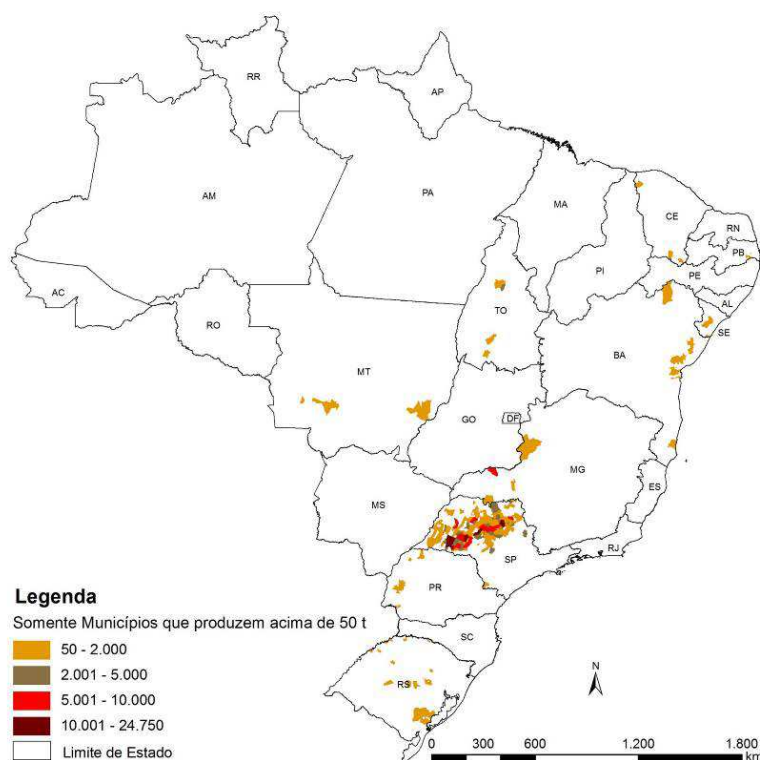
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	0,8	2,4	200,0	3.556	3.873	8,9	2,8	9,3	232,1
TO	0,8	2,4	200,0	3.556	3.873	8,9	2,8	9,3	232,1
NORDESTE	3,9	3,4	(12,8)	1.215	1.136	(6,6)	4,8	3,9	(18,8)
CE	1,0	0,6	(40,0)	1.154	623	(46,0)	1,2	0,4	(66,7)
PB	0,3	0,2	(27,4)	319	600	88,1	0,1	0,1	-
SE	1,3	1,1	(15,4)	1.740	1.605	(7,8)	2,3	1,8	(21,7)
BA	1,3	1,5	15,4	945	1.068	13,0	1,2	1,6	33,3
CENTRO-OESTE	0,4	0,2	(50,0)	2.500	1.848	(26,1)	1,0	0,4	(60,0)
MT	0,4	0,2	(61,3)	2.500	1.848	(26,1)	1,0	0,4	(60,0)
SUDESTE	6,0	5,3	(11,7)	2.600	2.498	(3,9)	15,6	13,2	(15,4)
SP	6,0	5,3	(11,7)	2.600	2.498	(3,9)	15,6	13,2	(15,4)
NORTE/NORDESTE	4,7	5,8	23,4	1.975	2.268	14,8	7,6	13,2	73,7
CENTRO-SUL	6,4	5,5	(14,1)	2.594	2.474	(4,6)	16,6	13,6	(18,1)
BRASIL	11,1	11,3	1,8	2.179	2.369	8,7	24,2	26,8	10,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2015.

10.1.2.3. Amendoim total

Figura 19 – Mapa da produção agrícola – Amendoim total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 14 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim total (primeira e segunda safras)

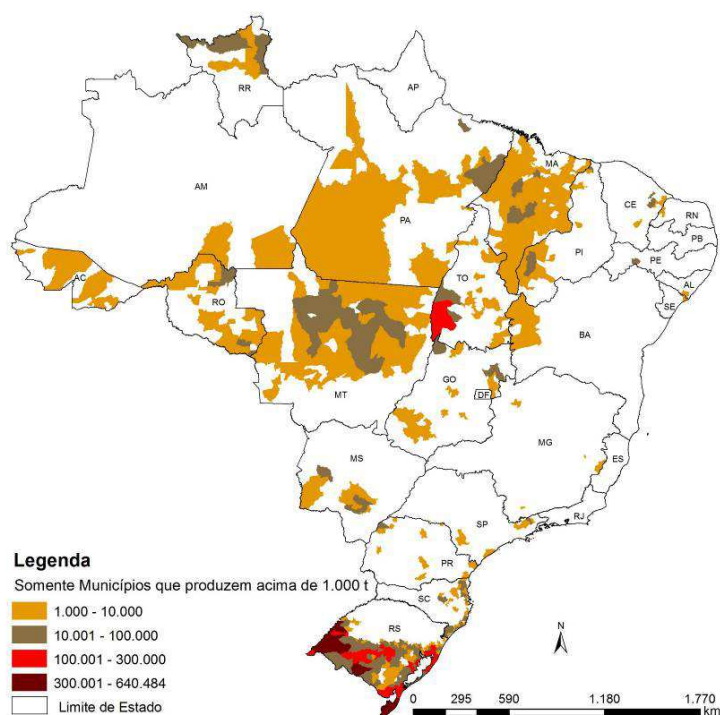
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	0,8	2,4	200,0	3.556	3.873	8,9	2,8	9,3	232,1
TO	0,8	2,4	200,0	3.556	3.873	8,9	2,8	9,3	232,1
NORDESTE	3,9	3,4	(12,8)	1.215	1.136	(6,6)	4,8	3,9	(18,8)
CE	1,0	0,6	(40,0)	1.154	623	(46,0)	1,2	0,4	(66,7)
PB	0,3	0,2	(33,3)	319	600	88,1	0,1	0,1	-
SE	1,3	1,1	(15,4)	1.740	1.605	(7,8)	2,3	1,8	(21,7)
BA	1,3	1,5	15,4	945	1.068	13,0	1,2	1,6	33,3
CENTRO-OESTE	0,4	0,2	(50,0)	2.500	1.848	(26,1)	1,0	0,4	(60,0)
MT	0,4	0,2	(50,0)	2.500	1.848	(26,1)	1,0	0,4	(60,0)
SUDESTE	94,8	97,8	3,2	3.126	3.270	4,6	296,4	319,8	7,9
MG	2,6	2,7	3,8	3.680	3.338	(9,3)	9,6	9,0	(6,3)
SP	92,2	95,1	3,1	3.110	3.269	5,1	286,8	310,8	8,4
SUL	5,4	5,2	(3,7)	1.998	2.445	22,4	10,8	12,8	18,5
PR	2,2	2,2	-	2.408	2.437	1,2	5,3	5,4	1,9
RS	3,2	3,0	(6,3)	1.716	2.450	42,8	5,5	7,4	34,5
NORTE/NORDESTE	4,7	5,8	23,4	1.614	2.268	40,6	7,6	13,2	73,7
CENTRO-SUL	100,6	103,2	2,6	3.063	3.226	5,3	308,2	333,0	8,0
BRASIL	105,3	109,0	3,5	2.998	3.175	5,9	315,8	346,2	9,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2015.

10.1.3. Arroz

Figura 20 – Mapa da produção agrícola – Arroz



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 5 – Calendário de plantio e colheita – Arroz

UF/Região	22/03 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR	C						P	P	P		C	C
RO	P	P	P		C	C	C					
AC	P	P	P		C	C	C					
AM	P	P	P	C	C	C	C					
AP				P	P	P		C	C	C		
PA	P	P	P	P/C	P/C	P/C	P/C	C	C	C	C	P
TO	P	P	P	P/C	C	C	C	C				P
Nordeste												
MA	P	P	P	P	P/C	P/C	C	C	C	C		
PI		P	P	P	P	C	C	C	C	C		
CE				P	P	P		C	C	C	C	
RN	C	C			P	P	P	P	C	C	C	C
PB				P	P	P		C	C	C		
PE	C	C		P	C	C		C	C	C	C	C
AL	P	P	P	C	C	C	C				C	P
SE	P	P		C	C	C						P
BA	P	P	P		C	C	C	C	C			
Centro-Oeste												
MT	P	P	P	P/C	C	C	C	C				
MS	P	P	P/C	C	C	C	C					P
GO	P	P	P			C	C	C				
Sudeste												
MG	P	P	P			C	C	C	C			
ES	P	P	P		C	C	C	C				
RJ	P	P	P		C	C	C	C				
SP	P	P	P		C	C	C	C				P
Sul												
PR	P	P	P	C	C	C	C	C			P	P
SC	P	P	P	C	C	C	C	C			P	P
RS	P	P	P		C	C	C	C				P

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.

Tabela 15 – Comparativo de área, produtividade e produção – Arroz

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	268,9	260,3	(3,2)	3.597	3.804	5,7	967,2	990,2	2,4
RR	12,0	12,0	-	6.500	6.500	-	78,0	78,0	-
RO	48,5	44,3	(8,6)	2.819	2.859	1,4	136,7	126,7	(7,3)
AC	7,5	6,7	(10,6)	1.201	1.143	(4,8)	9,0	7,7	(14,4)
AM	3,4	2,0	(40,0)	2.261	2.307	2,0	7,7	4,6	(40,3)
AP	2,0	1,9	(5,0)	1.218	1.038	(14,8)	2,4	2,0	(16,7)
PA	81,6	65,9	(19,2)	2.326	2.534	8,9	189,8	167,0	(12,0)
TO	113,9	127,5	11,9	4.773	4.739	(0,7)	543,6	604,2	11,1
NORDESTE	539,5	478,9	(11,2)	1.695	1.501	(11,5)	914,6	718,9	(21,4)
MA	389,1	349,8	(10,1)	1.692	1.429	(15,5)	658,4	499,9	(24,1)
PI	105,9	95,1	(10,2)	1.400	1.230	(12,1)	148,3	117,0	(21,1)
CE	22,1	12,5	(43,4)	1.436	1.436	-	31,7	18,0	(43,2)
RN	1,5	1,0	(33,3)	3.074	2.590	(15,7)	4,6	2,6	(43,5)
PB	1,2	0,9	(25,0)	817	313	(61,7)	1,0	0,3	(70,0)
PE	0,7	0,2	(71,4)	6.923	4.510	(34,9)	4,8	0,9	(81,3)
AL	3,1	3,0	(3,2)	5.858	5.720	(2,4)	18,2	17,2	(5,5)
SE	7,1	7,9	11,7	5.570	7.102	27,5	39,5	56,1	42,0
BA	8,8	8,5	(3,4)	920	812	(11,7)	8,1	6,9	(14,8)
CENTRO-OESTE	229,8	221,2	(3,7)	3.543	3.615	2,0	814,1	799,6	(1,8)
MT	176,3	175,1	(0,7)	3.285	3.274	(0,3)	579,1	573,3	(1,0)
MS	15,5	18,1	16,8	6.150	6.160	0,2	95,3	111,5	17,0
GO	38,0	28,0	(26,3)	3.677	4.100	11,5	139,7	114,8	(17,8)
SUDESTE	34,8	27,4	(21,3)	2.485	2.821	13,5	86,5	77,3	(10,6)
MG	19,4	12,0	(38,1)	2.020	2.100	4,0	39,2	25,2	(35,7)
ES	0,5	0,3	(40,0)	2.557	2.559	0,1	1,3	0,8	(38,5)
RJ	0,9	0,5	(39,2)	3.476	3.585	3,1	3,1	1,8	(41,9)
SP	14,0	14,6	4,2	3.063	3.393	10,8	42,9	49,5	15,4
SUL	1.299,9	1.296,0	(0,3)	7.185	7.597	5,7	9.339,2	9.846,1	5,4
PR	29,7	28,0	(5,6)	5.356	5.851	9,2	159,1	163,8	3,0
SC	150,1	147,9	(1,5)	7.110	7.150	0,6	1.067,2	1.057,5	(0,9)
RS	1.120,1	1.120,1	-	7.243	7.700	6,3	8.112,9	8.624,8	6,3
NORTE/NORDESTE	808,4	739,2	(8,6)	2.328	2.312	(0,7)	1.881,8	1.709,1	(9,2)
CENTRO-SUL	1.564,5	1.544,6	(1,3)	6.545	6.942	6,1	10.239,8	10.723,0	4,7
BRASIL	2.372,9	2.283,8	(3,8)	5.108	5.443	6,6	12.121,6	12.432,1	2,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2015.

10.1.3.1. Oferta e demanda

Nos últimos dados disponibilizados pela Secex/MDIC, em Junho de 2015, foram importadas 37,7 mil toneladas de arroz, sendo apenas 1,9 mil toneladas oriundas de terceiros mercados não pertencentes ao Mercosul. Até a presente data, não foram disponibilizados os dados referentes a julho e por esse motivo, junho é a *proxy* utilizada na análise em questão. Esses números demonstraram uma retração do fluxo de produtos adquiridos no mercado externo em relação ao último ano. Em junho de 2014 essas aquisições foram de 98,7 mil toneladas, sendo 30,3 mil provenientes de outros países não pertencentes ao Mercosul. Sobre as exportações, estas também tiveram uma retração, passando de 120,1 mil toneladas em junho de 2014 para 49,8 toneladas em junho de 2015.

Acerca do fluxo comercial internacional consolidado do período comercial 2014/15 obteve-se um superavit de 381,1 mil toneladas, sendo o montante exportado igual a 1.188,4 mil toneladas e o montante importado igual a 807,2 mil toneladas. Para o período de negociação da safra 2014/15, de março de 2015 a fevereiro de 2016, são estimadas exportações de 1.250 mil toneladas e importações de 750 mil toneladas. Até o momento, o superavit acumula 226,6 mil toneladas, com perspectiva de incremento em face da relevante elevação do dólar.

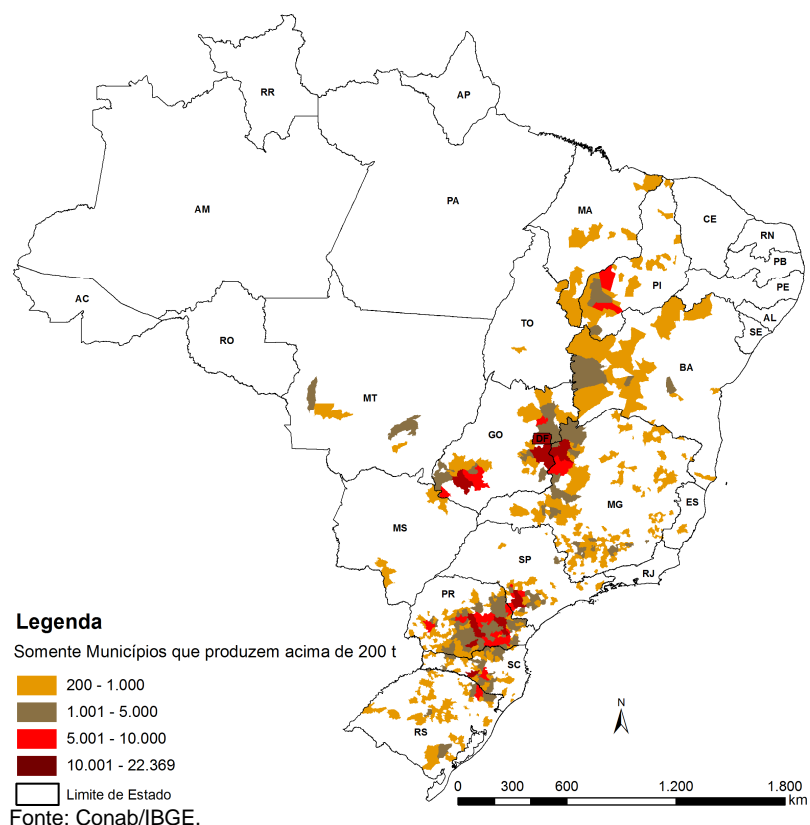
Para a atual safra brasileira 2014/15 de arroz, a produção média deverá ser 2,6% superior em relação à safra 2013/14, atingindo 12.432,1 mil toneladas em função da recuperação da produtividade no Rio Grande do Sul. Para a comercialização da safra 2013/14 e 2014/15, o consumo é estimado em 12 milhões de toneladas, o que, em conjunto com um expressivo aumento do superavit em relação aos períodos anteriores, resultará em uma amena redução do estoque de passagem.

10.1.4. Feijão

10.1.4.1. Feijão primeira safra

A área de feijão primeira safra foi estimada em 1.053,4 mil hectares, o que configura uma redução de 10,7% em relação à safra passada. A produtividade média obtida para esta cultura chegou a 1.074 kg/ha na média nacional, 0,7% acima da obtida na última temporada. Com estes resultados de área e produtividade, a produção nacional para o feijão da primeira safra ficou estimada em 1.131,8 milhão de toneladas, representando um decréscimo de 10,1%.

Figura 21 – Mapa da produção agrícola – Feijão primeira safra



Quadro 6 – Calendário de plantio e colheita – Feijão primeira safra

UF/Região	22/09 a 21/12 Primavera			21/12 a 20/03 Verão			20/03 a 21/06 Outono			21/06 a 22/09 Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO		P	P	P	P/C	C	C	C				
Nordeste												
PI		P	P			C	C					
BA	P	P	P	P/C	C	C	C	C				
Centro-Oeste												
MT	P	P	P	C	C	C	C					
MS	P	P		C	C							
GO	P	P	P	C	C	C						
DF	P	P	P		C	C						
Sudeste												
MG	P	P	P/C	C	C	C						
ES		P	P	C	C	C						
RJ	P	P	C	C	C							
SP	P	P/C	C	C	C							P
Sul												
PR	P	P	C	C	C					P	P	
SC	P	P	C	C	C	C	C					P
RS	P	P	C	C	C	C	C			P	P	

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 16 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	4,0	4,8	20,0	629	707	12,4	2,5	3,4	36,0
TO	4,0	4,8	20,0	629	707	12,4	2,5	3,4	36,0
NORDESTE	518,2	484,5	(6,5)	326	460	41,4	168,8	223,1	32,2
MA	40,8	38,6	(5,3)	430	464	7,9	17,5	17,9	2,3
PI	209,0	211,3	1,1	242	356	47,1	50,6	75,2	48,6
BA	268,4	234,6	(12,6)	375	554	47,7	100,7	130,0	29,1
CENTRO-OESTE	81,8	74,9	(8,4)	2.225	1.997	(10,3)	182,1	149,6	(17,8)
MT	11,9	10,8	(9,4)	1.590	1.570	(1,3)	18,9	17,0	(10,1)
MS	2,1	0,7	(66,7)	930	2.000	115,1	2,0	1,4	(30,0)
GO	55,8	51,3	(8,0)	2.315	2.098	(9,4)	129,2	107,6	(16,7)
DF	12,0	12,1	0,8	2.665	1.949	(26,9)	32,0	23,6	(26,3)
SUDESTE	234,6	208,3	(11,2)	1.389	1.286	(7,4)	325,8	267,9	(17,8)
MG	178,8	159,1	(11,0)	1.170	1.033	(11,7)	209,2	164,4	(21,4)
ES	6,5	6,0	(8,0)	777	687	(11,6)	5,1	4,1	(19,6)
RJ	1,1	0,9	(19,3)	895	843	(5,8)	1,0	0,8	(20,0)
SP	48,2	42,3	(12,2)	2.293	2.331	1,7	110,5	98,6	(10,8)
SUL	341,3	280,9	(17,7)	1.698	1.737	2,3	579,5	487,8	(15,8)
PR	238,2	192,7	(19,1)	1.689	1.707	1,1	402,3	328,9	(18,2)
SC	62,0	52,7	(15,0)	1.800	1.950	8,3	111,6	102,8	(7,9)
RS	41,1	35,5	(13,6)	1.596	1.580	(1,0)	65,6	56,1	(14,5)
NORTE/NORDESTE	522,2	489,3	(6,3)	328	463	41,1	171,3	226,5	32,2
CENTRO-SUL	657,7	564,1	(14,2)	1.653	1.605	(2,9)	1.087,4	905,3	(16,7)
BRASIL	1.179,9	1.053,4	(10,7)	1.067	1.074	0,7	1.258,7	1.131,8	(10,1)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2015.

10.1.4.2. Feijão segunda safra

Para o feijão segunda safra está estimada uma área de 1.332,4 mil hectares, chegando a 11,6% abaixo da área cultivada na temporada passada. Esse decréscimo de área foi uma decisão dos produtores em virtude do excesso de chuvas, ataque de mosca branca além disso, o feijão é uma lavoura muito onerosa e instável, portanto os produtores preferiram não arriscar e ter uma baixa rentabilidade. A maior parte de sua produção encontra-se na Região Centro-Sul, assim como o feijão primeira safra.

Os principais estados produtores de feijão segunda safra são: Paraná com 22,9%, Mato Grosso com 15,2% e Minas Gerais com 12,6%, considerando a produção da safra 2014/15.

No Paraná a colheita do feijão segunda safra está finalizada. A área plantada na segunda safra é de 209,9 mil hectares, 22,9% inferior à registrada no ano anterior. A estimativa de produção é de 390,6 mil toneladas. A produtividade média está em torno de 1.861 kg/ha, apresentando um acréscimo de 26,2% em relação à safra anterior, tendo em vista que na safra anterior houve excesso de chuvas na colheita, o que prejudicou a produtividade.

Em Minas Gerais as estimativas apontam para uma redução de 12,6% na área a ser cultivada com feijão segunda safra no estado, passando de 121,2 mil hectares na safra 2013/14 para 105,9 mil hectares na safra atual. Apesar dos bons preços de mercado, o oneroso e difícil controle da mosca branca tem sido uma das principais causas da retração da área de plantio. O vazio sanitário proíbe o plantio de feijão no período de 1º de janeiro a 30 de março em 18 municípios da região Noroeste de Minas, e o problema já se estendeu para outras regiões do estado, como Alto Paranaíba e Triângulo Mineiro. A colheita está sendo finalizada, com mais de 90% da área colhida até o final de julho. Estimando-se uma produtividade média de 1.487 kg/ha, espera-se obter uma produção de 157,5 toneladas.

O Mato Grosso, com a terceira maior área de feijão segunda safra, devido, principalmente, pelo avanço do feijão caupi no estado, apresenta queda de 15,2% na área. Esse decréscimo de área deve-se ao excesso de chuvas no início do plantio, ataque de mosca branca, alto custo de implantação e instabilidade de lavoura, isso levou os produtores a optar para o cultivo de milho segunda safra. A produção deverá ser a segunda maior com 328,1 mil toneladas. Colheita concluída.

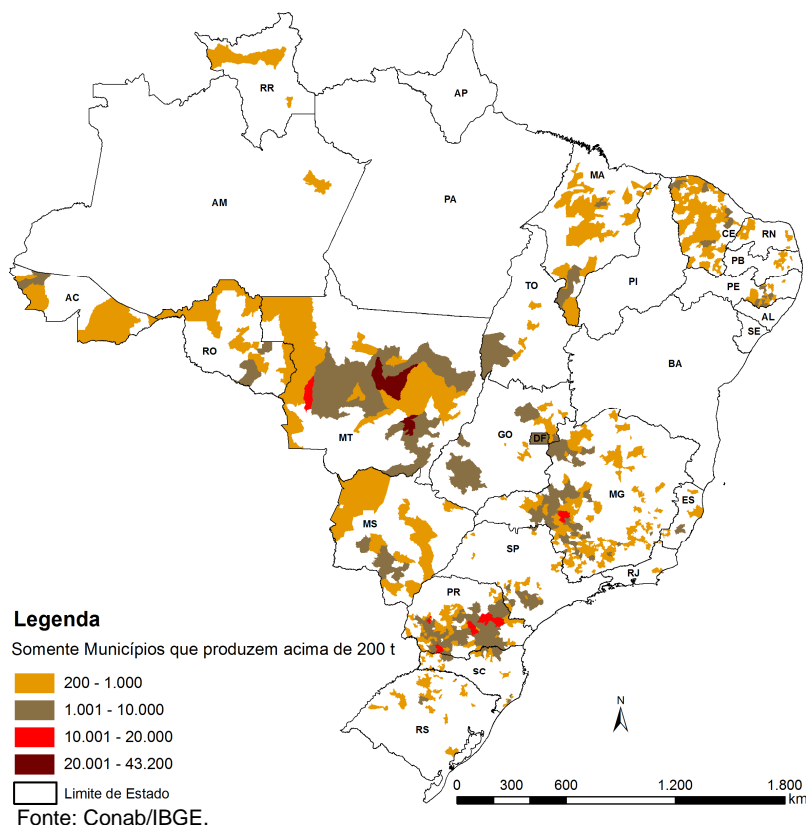
Quadro 7 – Calendário de plantio e colheita – Feijão segunda safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Maio	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR							P	P	P	C	C	C
RO					P	P		C	C	C		
AC					P	P		C	C	C		
AM						P	P	P	C	C	C	C
AP							P	P	P	C	C	C
TO					P	P	P	P/C	P/C	C	C	C
Nordeste												
MA					P	P	P/C	C	C	C		
PI				P	P	P	C	C	C			
CE					P	P	P/C	C	C	C		
RN				P	P	P	P	P/C	C	C		
PB						P	P	P	P/C	C	C	
PE					P	P	P/C	C	C	C		
Centro-Oeste												
MT				P	P	P		C	C	C		
MS					P	P	P	C	C	C	C	
GO				P	P	P	C	C	C			
DF				P	P		C	C				
Sudeste												
MG					P	P	P/C	C	C	C	C	
ES					P	P	P	C	C	C		
RJ					P	P	P/C	C	C			
SP				P	P	P/C	P/C	C	C	C		
Sul												
PR				P	P	P/C	C	C	C			
SC				P	P	P/C	C	C	C			
RS				P	P	P/C	C	C	C			

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Figura 22 – Mapa da produção agrícola – Feijão segunda safra



Em Goiás o clima foi importante para o bom desenvolvimento da cultura. Atualmente o feijão goiano encontra-se todo colhido, com produção de 25,8 mil toneladas.

Em Mato Grosso do Sul, as condições climáticas para esta safra foram, até o momento, favoráveis na maioria dos municípios que cultivam o feijão segunda safra, somente em Sidrolândia e Itaquiraí houve diminuição da produtividade em relação ao levantamento anterior, devido ao excesso de chuvas e alta umidade em Sidrolândia e granizo em Itaquiraí. Com as chuvas constantes houve maior incidência de doenças fúngicas, como a antracnose, prejudicando a produtividade de algumas lavouras. A cultura encontra-se em fase de maturação e final de colheita. Constatou-se neste levantamento que houve uma retração de área de 9,1% em relação à safra passada. A produtividade média manteve-se em 1.600 Kg/ha, recuo também na produção de 9,2% em relação à safra passada por conta das condições climáticas adversas.

Na Região Nordeste a escassez de chuvas é o fator climático que mais influenciou na queda de produtividade do feijão. A ocorrência desse evento nos estádios mais susceptíveis ao estresse hídrico - reprodutivo - levou a grandes perdas de produção em relação à safra anterior, esses fatores colaborou para redução da área, produtividade e produção em 3,9%, 36,8% e 39,3%, respectivamente.

A produtividade média brasileira está estimada em 3,9% acima da obtida na última temporada, com destaque para a recuperação das produtividades da Região Centro-Sul e Norte.

A produção é estimada em 1.224,5 milhão de toneladas, ou 8,1% menor que a safra passada, em função da forte redução de área de 11,6%.

Tabela 17 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	66,8	48,7	(27,1)	750	797	6,3	50,0	38,8	(22,4)
RR	2,7	2,7	-	711	711	-	1,9	1,9	-
RO	33,0	19,1	(42,1)	722	746	3,3	23,8	14,2	(40,3)
AC	10,3	7,5	(27,0)	582	622	6,9	6,0	4,7	(21,7)
AM	5,3	4,7	(11,3)	1.027	975	(5,1)	5,4	4,6	(14,8)
AP	1,3	1,3	-	902	920	2,0	1,2	1,2	-
TO	14,2	13,4	(5,5)	825	910	10,3	11,7	12,2	4,3
NORDESTE	700,2	673,1	(3,9)	326	206	(36,8)	228,5	138,8	(39,3)
MA	52,0	55,0	5,7	549	591	7,7	28,5	32,5	14,0
PI	20,4	3,1	(84,8)	756	802	6,1	15,4	2,5	(83,8)
CE	393,8	393,8	-	309	159	(48,5)	121,7	62,6	(48,6)
RN	33,5	32,8	(2,0)	333	195	(41,4)	11,2	6,4	(42,9)
PB	76,9	57,9	(24,7)	277	182	(34,3)	21,3	10,5	(50,7)
PE	123,6	130,5	5,6	246	186	(24,4)	30,4	24,3	(20,1)
CENTRO-OESTE	269,3	229,1	(14,9)	1.405	1.663	18,3	378,5	380,9	0,6
MT	234,9	199,2	(15,2)	1.358	1.647	21,3	319,0	328,1	2,9
MS	17,6	16,0	(9,1)	1.600	1.600	-	28,2	25,6	(9,2)
GO	15,9	13,2	(16,8)	1.857	1.957	5,4	29,5	25,8	(12,5)
DF	0,9	0,7	(22,2)	2.000	2.000	-	1,8	1,4	(22,2)
SUDESTE	150,5	131,1	(12,9)	1.351	1.559	15,4	203,3	204,4	0,5
MG	121,2	105,9	(12,6)	1.355	1.487	9,7	164,2	157,5	(4,1)
ES	8,8	8,4	(4,5)	813	1.120	37,8	7,2	9,4	30,6
RJ	1,6	1,2	(23,2)	951	928	(2,4)	1,5	1,1	(26,7)
SP	18,9	15,6	(17,5)	1.606	2.332	45,2	30,4	36,4	19,7
SUL	319,6	250,4	(21,7)	1.475	1.843	24,9	471,5	461,6	(2,1)
PR	272,3	209,9	(22,9)	1.475	1.861	26,2	401,6	390,6	(2,7)
SC	22,5	20,2	(10,2)	1.450	1.800	24,1	32,6	36,4	11,7
RS	24,8	20,3	(18,1)	1.503	1.703	13,3	37,3	34,6	(7,2)
NORTE/NORDESTE	767,0	721,8	(5,9)	363	246	(32,3)	278,5	177,6	(36,2)
CENTRO-SUL	739,4	610,6	(17,4)	1.425	1.714	20,4	1.053,3	1.046,9	(0,6)
BRASIL	1.506,4	1.332,4	(11,6)	884	919	3,9	1.331,8	1.224,5	(8,1)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2015.

Tabela 18 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Feijão safra 2ª			- todo estado de MG (C) - norte, nordeste e sudeste do MT (C) - leste, oeste e sul de GO (C) - norte e sudeste do PI (C) - oeste do TO (M/C) - oeste, leste e centro do MA (M/C)	

Legenda: * - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Restrição de baixa intensidade.

Nota: O período monitorado corresponde às condições hídricas para as fases do desenvolvimento no mês de junho. Não considera impactos ocorridos anteriormente por falta de chuva na Região Nordeste.

Fonte: Conab.

10.1.4.3. Feijão terceira safra

A área de feijão terceira safra é realizada, basicamente, pelo processo de irrigação. Está estimada em 663,2 mil hectares, 2,4% a menor do que a área cultivada na safra passada, com redução de 14,4% na Região Centro-Sul e um acréscimo de 3,6% na Região Norte/Nordeste.

A estimativa de produtividade ficou abaixo das obtida na safra passada, decréscimo de 3,9%, passando de 1.271 para 1.221 kg/ha. Houve decréscimo na produção de 863,4 para 810,1 mil toneladas, redução de 6,2% em relação à safra 2013/14.

Em Minas Gerais estima-se uma redução de área em torno de 11,6% em relação à safra passada. Houve significativa redução das áreas sob pivô, que estão sendo cultivadas com trigo. A produtividade pode alcançar 2.600 kg/ha, dentro de condições normais de cultivo, e a produção pode chegar a 195,3 mil toneladas, 3,1% menor quando comparada com a safra anterior. O plantio se estendeu de abril a julho, as lavouras encontram-se em diferentes estádios vegetativos, com predominância da fase de maturação, e um percentual colhido inferior a 10%.

Em Mato Grosso, segundo fornecedor do feijão terceira safra na Região Centro-Sul, a área apresenta uma redução de 24,7% e a produção deve alcançar 152,9 mil toneladas. Com o feijão caupi predominando na segunda safra, nesta terceira, as variedades mais cultivadas são de feijão cores. O plantio ocorreu em maio e junho em áreas irrigadas, principalmente nos municípios de Sorriso e Lucas do Rio Verde. Houve retração da área de feijão irrigado em razão de pragas - mosca branca e nematóides - relacionadas à falta de rotação de cultura.

Em Goiás as maiores áreas irrigadas encontram-se nos municípios de Cristalina, Luziânia e Jussara, onde predominam o cultivo e o fornecimento do feijão de terceira safra. A lavoura encontra-se toda plantada, onde, até o presente momento, foi constatado ataques de mosca-branca. A maior parte da cultura encontra-se em fase de maturação, a previsão de início da colheita é para a primeira quinzena de agosto.

Na Bahia, grande produtor do feijão macaçar, o plantio concentra-se na região nordeste do estado, sendo cultivadas em pequenas áreas da agricultura familiar e comercializadas em mercados locais. Já a produção do feijão cores está concentrada na região nordeste do estado e de Irecê, sendo realizada por pequenos produtores, principalmente agricultura familiar, com uso de baixo nível tecnológico, obtendo assim, baixa produtividade. A perspectiva é que a área de cultivo no estado aumente em 15,1%, passando de 212,6 para 244,7 mil hectares.

A Bahia só não aumentou na área de feijão terceira safra principalmente por desestímulo dos pequenos produtores, devido à perdas provocadas por veranico nas safras passadas e substituição, em algumas áreas, do consórcio milho/feijão pela monocultura do milho.

Figura 23 – Mapa da produção agrícola – Feijão terceira safra

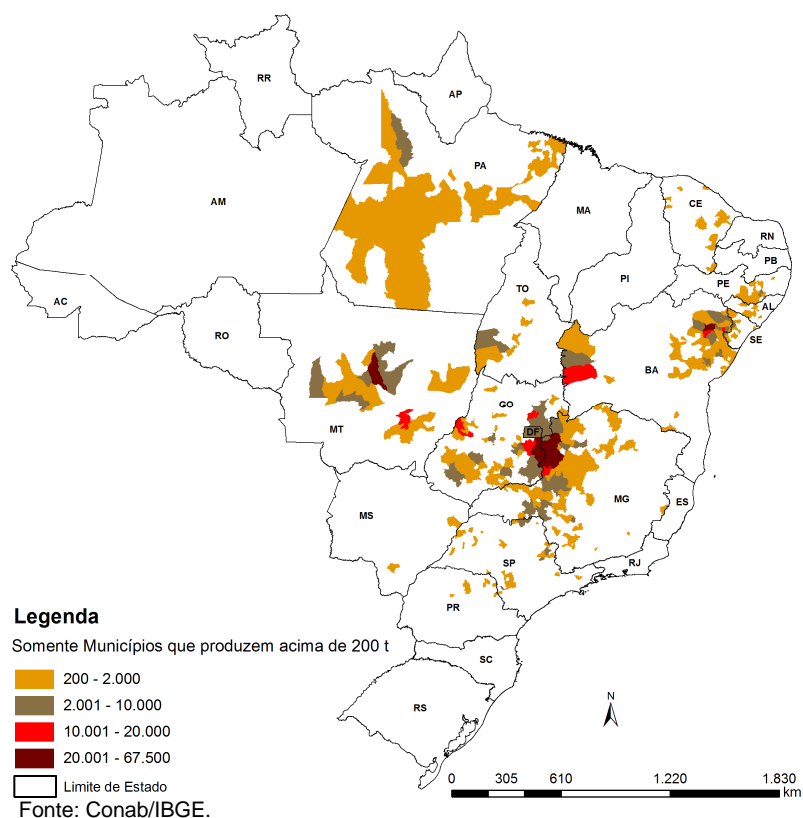
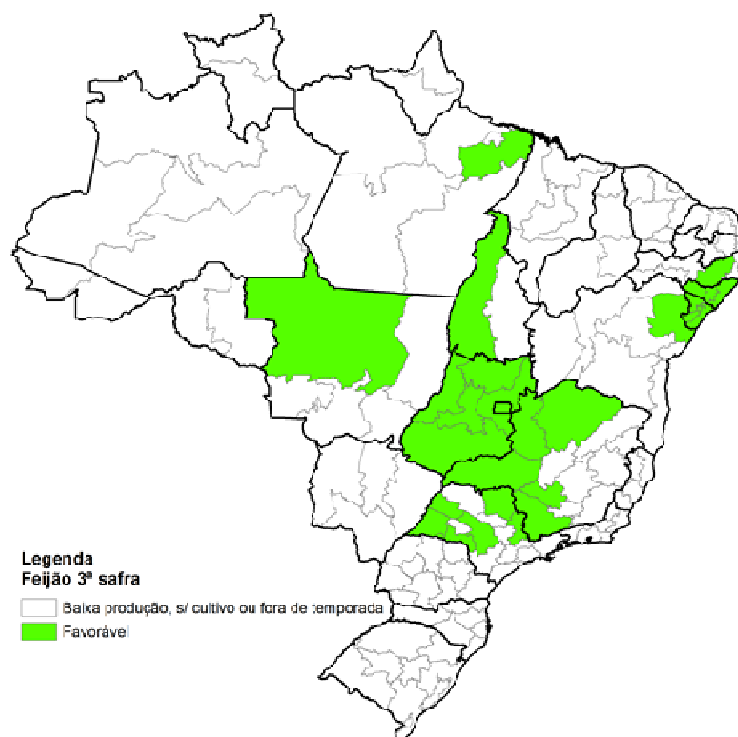


Figura 24 – Condição hídrica geral nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab.

Tabela 19 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	30,9	40,5	31,1	809	757	(6,4)	25,0	30,7	22,8
PA	28,0	37,9	35,2	760	727	(4,3)	21,3	27,6	29,6
TO	2,9	2,6	(9,9)	1.281	1.200	(6,3)	3,7	3,1	(16,2)
NORDESTE	423,5	430,2	1,6	654	638	(2,4)	276,8	274,5	(0,8)
CE	10,3	7,8	(24,0)	1.054	1.109	5,2	10,9	8,7	(20,2)
PE	122,1	128,6	5,3	467	461	(1,3)	57,0	59,3	4,0
AL	47,0	33,4	(29,0)	458	520	13,5	21,5	17,4	(19,1)
SE	31,5	15,7	(50,3)	746	809	8,4	23,5	12,7	(46,0)
BA	212,6	244,7	15,1	771	721	(6,5)	163,9	176,4	7,6
CENTRO-OESTE	116,9	96,2	(17,7)	2.672	2.759	3,3	312,4	265,4	(15,0)
MT	76,8	57,8	(24,7)	2.566	2.646	3,1	197,1	152,9	(22,4)
MS	0,4	0,4	-	1.260	1.380	9,5	0,5	0,6	20,0
GO	36,5	36,8	0,9	2.868	2.930	2,2	104,7	107,8	3,0
DF	3,2	1,2	(62,5)	3.159	3.428	8,5	10,1	4,1	(59,4)
SUDESTE	103,1	91,2	(11,5)	2.368	2.572	8,6	244,2	234,6	(3,9)
MG	85,0	75,1	(11,6)	2.370	2.600	9,7	201,5	195,3	(3,1)
SP	18,1	16,1	(10,9)	2.359	2.441	3,5	42,7	39,3	(8,0)
SUL	4,9	5,1	4,1	1.013	957	(5,5)	5,0	4,9	(2,0)
PR	4,9	5,1	4,3	1.013	957	(5,5)	5,0	4,9	(2,0)
NORTE/NORDESTE	454,4	470,7	3,6	664	648	(2,4)	301,8	305,2	1,1
CENTRO-SUL	224,9	192,5	(14,4)	2.497	2.623	5,1	561,6	504,9	(10,1)
BRASIL	679,3	663,2	(2,4)	1.271	1.221	(3,9)	863,4	810,1	(6,2)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2015.

Tabela 20 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Feijão safra 3ª	<ul style="list-style-type: none"> - oeste do TO - irrigado (FR/M) - todo estado de SE (FR/M) - todo estado de AL (FR/M) - nordeste da BA (FR/M) - norte, centro, oeste e sul de SP - irrigado, exceto regiões pontuais do sul (FR/M) - todo estado de GO - irrigado (FR) - DF - irrigado (FR) 	<ul style="list-style-type: none"> - regiões pontuais do sul de SP (FR/M)** 	<ul style="list-style-type: none"> - nordeste do PA (M/C) - Agreste de PE (M/C) - todo estado de MG (M/C) - norte do MT - irrigado (M/C) 	

Legenda: * (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Restrição de baixa intensidade.

Fonte: Conab.

Quadro 7 – Calendário de plantio e colheita – Feijão terceira safra

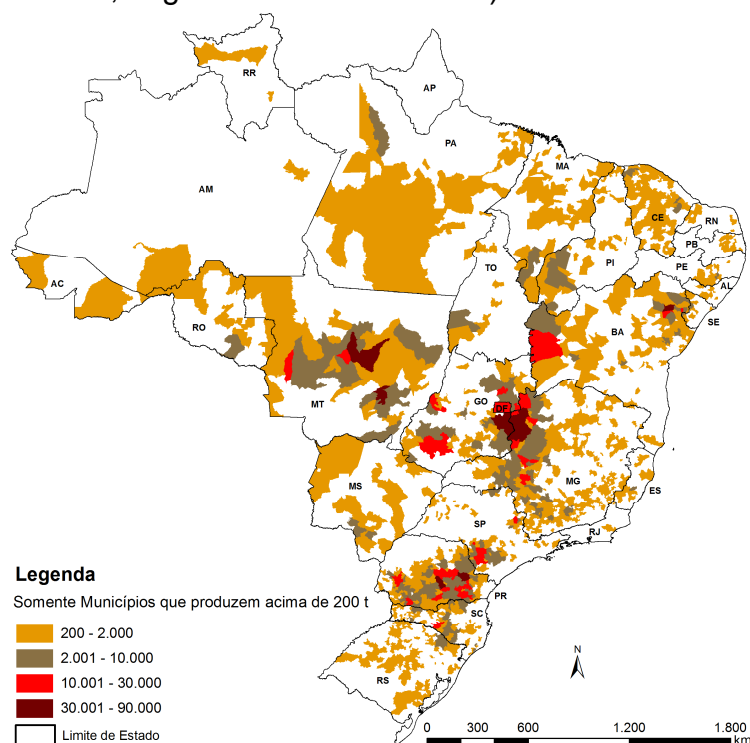
UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
PA	C						P	P	P	C	C	C
TO	C						P	P	P	C	C	C
Nordeste												
CE	C							P	P	C	C	C
PE	C						P	P	P	C	C	C
AL	C						P	P	P	C	C	C
SE	C						P	P	P	C	C	C
BA	C						P	P	P	C	C	C
Centro-Oeste												
MT							P	P	C	C	C	
MS							P	P	C	C	C	
GO							P	P	P/C	C	C	C
DF							P	P	P/C	C	C	C
Sudeste												
MG	C				P		P	P	P/C	C	C	C
SP	C						P	P	P	C	C	C
Sul												
PR					P		P	P	C	C	C	

Legenda: P - Plantio, C - Colheita, P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.

10.1.4.4. Feijão total

Considerando as três safras, estima-se para esse acompanhamento, que a área total de feijão poderá chegar a 3.049 milhões de hectares, 9,4% menor que a safra passada. A produtividade média nacional é estimada em 1,2% acima da safra passada, totalizando 1.038 kg/ha. A produção nacional de feijão deverá alcançar 3.166,3 milhões de toneladas, 8,3% menor que a última safra.

Figura 25 – Mapa da produção agrícola – Feijão total (primeira, segunda e terceira safras)



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 21 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão total (primeira, segunda e terceira safras)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	101,7	94,0	(7,6)	763	775	1,6	77,5	72,9	(5,9)
RR	2,7	2,7	-	704	704	-	1,9	1,9	-
RO	33,0	19,1	(42,1)	721	743	3,1	23,8	14,2	(40,3)
AC	10,3	7,5	(27,2)	583	627	7,6	6,0	4,7	(21,7)
AM	5,3	4,7	(11,3)	1.019	979	(3,9)	5,4	4,6	(14,8)
AP	1,3	1,3	-	923	923	-	1,2	1,2	-
PA	28,0	37,9	35,4	761	728	(4,3)	21,3	27,6	29,6
TO	21,1	20,8	(1,4)	848	899	6,0	17,9	18,7	4,5
NORDESTE	1.641,9	1.587,8	(3,3)	411	401	(2,4)	674,1	636,4	(5,6)
MA	92,8	93,6	0,9	497	538	8,4	46,1	50,4	9,3
PI	229,4	214,4	(6,5)	288	362	26,0	66,0	77,7	17,7
CE	404,1	401,6	(0,6)	328	178	(45,9)	132,5	71,3	(46,2)
RN	33,5	32,8	(2,1)	334	195	(41,6)	11,2	6,4	(42,9)
PB	76,9	57,9	(24,7)	277	181	(34,5)	21,3	10,5	(50,7)
PE	245,7	259,1	5,5	356	323	(9,3)	87,4	83,6	(4,3)
AL	47,0	33,4	(28,9)	457	521	13,9	21,5	17,4	(19,1)
SE	31,5	15,7	(50,2)	746	809	8,4	23,5	12,7	(46,0)
BA	481,0	479,3	(0,4)	550	639	16,2	264,6	306,4	15,8
CENTRO-OESTE	468,0	400,2	(14,5)	1.865	1.989	6,6	872,9	796,0	(8,8)
MT	323,6	267,8	(17,2)	1.653	1.860	12,5	535,0	498,0	(6,9)
MS	20,1	17,1	(14,9)	1.522	1.614	6,0	30,6	27,6	(9,8)
GO	108,2	101,3	(6,4)	2.434	2.382	(2,2)	263,4	241,3	(8,4)
DF	16,1	14,0	(13,0)	2.727	2.079	(23,8)	43,9	29,1	(33,7)
SUDESTE	488,2	430,6	(11,8)	1.584	1.641	3,6	773,2	706,8	(8,6)
MG	385,0	340,1	(11,7)	1.493	1.520	1,8	574,9	517,1	(10,1)
ES	15,3	14,4	(5,9)	797	938	17,6	12,2	13,5	10,7
RJ	2,7	2,1	(22,2)	926	905	(2,3)	2,5	1,9	(24,0)
SP	85,2	74,0	(13,1)	2.155	2.355	9,3	183,6	174,3	(5,1)
SUL	665,8	536,4	(19,4)	1.586	1.779	12,2	1.056,0	954,2	(9,6)
PR	515,4	407,7	(20,9)	1.569	1.777	13,2	808,9	724,4	(10,4)
SC	84,5	72,9	(13,7)	1.707	1.908	11,8	144,2	139,1	(3,5)
RS	65,9	55,8	(15,3)	1.561	1.625	4,1	102,9	90,7	(11,9)
NORTE/NORDESTE	1.743,6	1.681,8	(3,5)	431	422	(2,2)	751,6	709,3	(5,6)
CENTRO-SUL	1.622,0	1.367,2	(15,7)	1.666	1.797	7,9	2.702,1	2.457,0	(9,1)
BRASIL	3.365,6	3.049,0	(9,4)	1.026	1.038	1,2	3.453,7	3.166,3	(8,3)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2015.

10.1.4.5. Oferta e demanda

A oferta crescente da produção de feijão comum carioca proveniente das áreas irrigadas de terceira safra acalmou o mercado, influenciando negativamente nas cotações. Nota-se que o aumento na oferta do grão de melhor qualidade reforçou a queda das cotações, vez que a sua falta estava contribuindo para manter os preços em patamares bastante elevados. De toda sorte é importante deixar claro que a desvalorização do grão ocorre mais pela fraca demanda, que pelo excesso de oferta. Já para o feijão comum preto, apesar da colheita finalizada, as cotações vêm recuando devido à expectativa da entrada da safra Argentina. No Paraná o produtor está recebendo pela saca do carioca e preto, em média, R\$ 108,00 e R\$ 88,00, respectivamente.

O consumo nacional tem variado entre 3,3 e 3,6 milhões de toneladas, em razão da disponibilidade interna e dos preços praticados no mercado que induzem o consumidor a adquirir mais ou menos produto.

Para a presente temporada, tomando os dados de produção estimados em 3.166,3 mil toneladas, a Conab vislumbra que, partindo-se do estoque inicial de 303,9 mil toneladas (dos quais 33 mil toneladas são estoques públicos), o consumo poderá ficar em torno do registrado na safra anterior, ou seja, 3.350 mil toneladas, as importações deverão ser de 130 mil toneladas e as exportações de 65 mil toneladas, resultando em um estoque de passagem da ordem de 170,1 mil toneladas, correspondente a menos de um mês de consumo.

Quadro 9 – Oferta e demanda de feijão

ANO - SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO NACIONAL	IMP.	SUPRIMENTO	CONSUMO APARENTE	EXP.	Em 1.000 t.
							ESTOQUE DE PASSAGEM
2009/10	317,7	3.322,5	181,2	3.821,4	3.450,0	4,5	366,9
2010/11	366,9	3.732,8	207,1	4.306,8	3.600,0	20,4	686,4
2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
2013/14(*)	129,2	3.453,8	135,9	3.718,9	3.350,0	65,0	303,9
2014/15(*)	303,9	3.166,3	130,0	3.600,2	3.350,0	65,0	185,2

Posição de agosto de 2015

(*) Dados estimados

Em Mato Grosso o produtor vem diminuindo o plantio do girassol, entre os motivos que levaram o produtor a tomar essa decisão estão os custos elevados, com a alta do dólar, retirando a competitividade do produto. Este fato, aliado à manutenção dos preços pelas indústrias, fez a grande maioria dos agricultores que plantavam girassol migrarem para o milho segunda safra, onde os custos são menores e a lucratividade acaba compensando, visto que são culturas equivalentes, ou seja, o produtor pode optar pelo cultivo de ambas. Desta forma, deverá haver uma redução de 42,7% na produção da safra 2014/15, devendo atingir 116,5 mil toneladas. A área está estimada em 86,4 mil hectares, uma redução de 31,5% em relação à safra passada, que foi de 126,2 mil hectares. Na produtividade a estimativa é de queda de 16,3%, reflexo de pouca tecnologia e tratos culturais diferenciados de culturas tradicionais como soja, milho e algodão, obtidas pelos produtores no cultivo do girassol. Apesar disso, sabe-se do empenho dos produtores em difundir o conhecimento que alcançaram entre os demais que têm investido no cultivo desta cultura. Se confirmado, a produção deve corresponder a 76,8%

da produção brasileira. O girassol encontra-se com 90% dos grãos colhidos.

Em Goiás houve acréscimo na área plantada em 76,2% em relação à safra anterior, uma vez que a cultura depende de contrato firmado com empresa que produz óleo de girassol. As áreas plantadas encontram-se colhidas e são destinadas à produção de óleo para a indústria, visto que pequenas áreas são destinadas à produção de ração para pássaros.

Em Minas Gerais os levantamentos apontam para um acréscimo de 23,9% na área cultivada com girassol, passando de 11,3 mil hectares para 14 mil hectares na safra atual, em função da expectativa de boa rentabilidade da lavoura. A produtividade média esperada é de 1.517 kg/ha, 10,1% acima do ano anterior, e a produção poderá atingir 21,2 mil toneladas, o que representa um acréscimo de 35,9% em relação à safra passada. O plantio teve início em fevereiro, mas foi mais expressivo em março e abril. A colheita teve início em junho, mas só deverá ser intensificada em agosto. Lavouras predominantemente em fase de maturação.

Tabela 22 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Girassol			- norte do MT (C) - sul de GO (C) - Triângulo, centro e sul de MG (C)	

Legenda: *(PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Restrição de baixa intensidade.

Fonte: Conab.

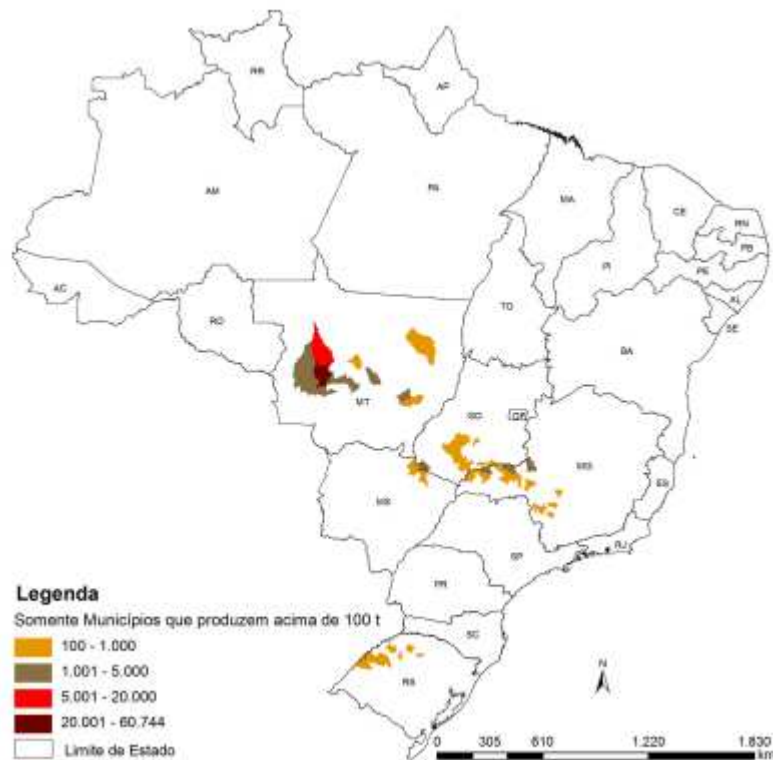
Tabela 23 – Comparativo de área, produtividade e produção – Girassol

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	131,1	94,2	(28,1)	1.617	1.364	(15,6)	212,0	128,6	(39,3)
MT	126,2	86,4	(31,5)	1.611	1.348	(16,3)	203,3	116,5	(42,7)
MS	0,7	0,4	(43,0)	1.544	1.500	(2,8)	1,1	0,6	(45,5)
GO	4,2	7,4	76,2	1.815	1.548	(14,7)	7,6	11,5	51,3
SUDESTE	11,3	14,0	23,9	1.378	1.517	10,1	15,6	21,2	35,9
MG	11,3	14,0	23,9	1.378	1.517	10,1	15,6	21,2	35,9
SUL	3,3	1,2	(63,6)	1.557	1.617	3,9	5,1	1,9	(62,7)
RS	3,3	1,2	(63,6)	1.535	1.617	5,3	5,1	1,9	(62,7)
CENTRO-SUL	145,7	109,4	(24,9)	1.597	1.387	(13,2)	232,7	151,7	(34,8)
BRASIL	145,7	109,4	(24,9)	1.597	1.387	(13,2)	232,7	151,7	(34,8)

Fonte: Conab.

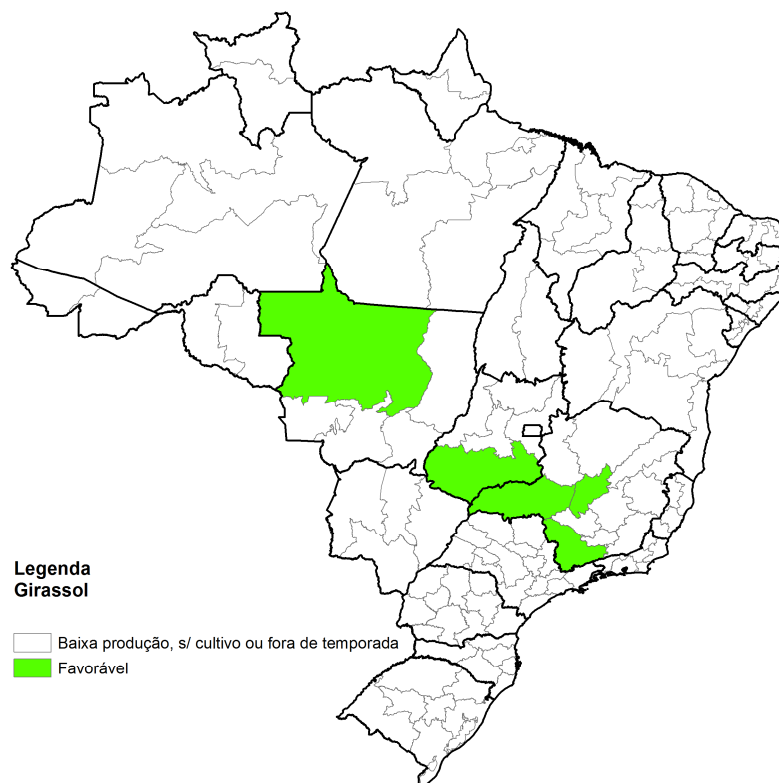
Nota: Estimativa em agosto/2015.

Figura 26 – Mapa da produção agrícola – Girassol



Fonte: Conab.

Figura 27 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab.

Quadro 9 – Calendário de plantio e colheita – Girassol

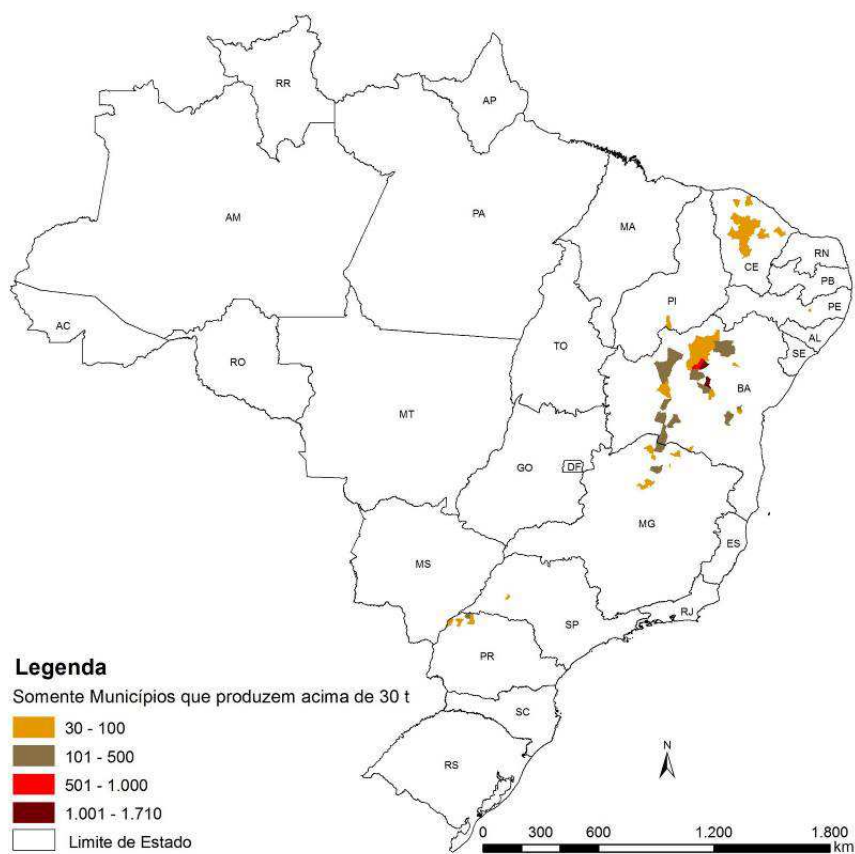
REGIÃO/UF	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
CENTRO-OESTE												
MT					P	P			C	C		
MS					P	P	P		C	C	C	
GO					P	P			C	C		
SUDESTE												
MG						P	P			C	C	
SUL												
RS	P		C	C	C						P	P
NORTE/NORDESTE												
CENTRO-SUL												
BRASIL												

Legenda: P - Concentração do plantio; C - Concentração da colheita;
Fonte: Conab.

Plantio e colheita ocorrendo na mesma época.

10.1.6. Mamona

Figura 28 – Mapa da produção agrícola – Mamona



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 11 – Calendário de plantio e colheita – Mamona

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Nordeste												
PI			P	P					C	C	C	
CE	C					P	P	P		C	C	C
RN								P				C
PE	C			P	P	P	P				C	C
BA	C	P/C	P/C	P						C	C	C
Sudeste												
MG		P	P			C	C	C	C			
SP	P	P	P				C	C				
Sul												
PR				P					C	C		

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 24 – Comparativo de área, produtividade e produção – Mamona

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	98,6	83,5	(15,3)	439	591	34,5	43,3	49,3	13,9
PI	0,7	0,6	(18,0)	300	506	68,7	0,2	0,3	50,0
CE	11,2	10,2	(8,9)	284	284	-	3,2	2,9	(9,4)
PE	4,9	1,6	(67,3)	334	400	19,8	1,6	0,6	(62,5)
BA	81,8	71,1	(13,1)	468	640	36,8	38,3	45,5	18,8
SUDESTE	2,5	0,8	(68,0)	506	306	(39,5)	1,3	0,2	(84,6)
MG	2,4	0,8	(66,7)	450	306	(32,0)	1,1	0,2	(81,8)
SP	0,1	-	(100,0)	1.848	-	(100,0)	0,2	-	(100,0)
SUL	0,2	-	(100,0)	622	-	(100,0)	0,1	-	(100,0)
PR	0,2	-	(100,0)	622	-	(100,0)	0,1	-	(100,0)
NORTE/NORDESTE	98,6	83,5	(15,3)	439	591	34,5	43,3	49,3	13,9
CENTRO-SUL	2,7	0,8	(70,4)	515	306	(40,5)	1,4	0,2	(85,7)
BRASIL	101,3	84,3	(16,8)	441	588	33,3	44,7	49,5	10,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2015.

10.1.7. Milho

10.1.7.1. Milho primeira safra

Na temporada 2014/15 a produção de milho primeira safra totalizou 30.306,7 mil toneladas, representando um decréscimo de 4,3% em relação ao ocorrido no exercício anterior. A Região Sul, Sudeste e MATOPIBA representaram as maiores participações nacionais, contribuindo com 46%, 26% e 15%, respectivamente, da produção nacional.

No Rio Grande do Sul, maior produtor nacional nesta safra, a colheita foi concluída com produtividade média de 6.560 kg/ha, gerando uma produção de 6.176,2 mil toneladas, colhidas em 941,5 mil hectares. No Paraná a área da primeira safra foi estimada em 542,5 mil hectares, cerca de 18,4% menor do que a cultivada na safra anterior, e a produção em 4.689,9 mil toneladas – 13,6% inferior à colhida no ano passado. Como vem ocorrendo

nas últimas safras a cultura perdeu área para a soja, por apresentar melhor rentabilidade para o produtor.

Em Santa Catarina apesar da boa produtividade alcançada – incremento de 4,9% em relação à do ano passado – a forte redução no plantio foi a responsável pela queda na produção, agora estimada em 8,5%. As expectativas iniciais apontam para uma continuada redução da área para a próxima safra, resultado, entre outros fatores, do menor retorno financeiro e aumento dos custos de produção quando comparado com a soja.

Na Região Sudeste as condições climáticas predominantes, a partir de fevereiro, foram responsáveis pela boa recuperação das lavouras, possibilitando um incremento na produtividade de 4,6% em relação à safra passada. Em Minas Gerais, segundo produtor nacional, projeta-se redução de 6,9% na área de plantio de milho primeira safra, que deve ficar em torno de 1.022,4 mil hectares. Esta redução de área se deve a fatores como atraso do período chuvoso, maior competitividade e liquidez da cultura de soja e à expectativa pouco otimista na época, de um mercado futuro projetado para o milho. A produtividade média do milho está agora estimada em 5.340 kg/ha, superior à safra passada em 2,1%. Com a colheita praticamente concluída estima-se que a produção deverá atingir 5.459,6 mil toneladas, representando uma redução de 4,9% em relação ao ocorrido no exercício anterior.

Na região do MATOPIBA as chuvas observadas em fevereiro contribuíram para a recuperação das lavouras, prejudicadas pelo atraso das precipitações na melhor época do plantio. Esse comportamento do clima trouxe benefícios na recuperação das lavouras em Tocantins, Maranhão e Piauí, que apresentaram incrementos de produtividade em relação ao ano passado. A área plantada regional apresentou um decréscimo de 3% e foi acompanhado pela produção que atingiu neste exercício 6.416 mil toneladas, contra 6.621,1 mil no ano passado.

Quadro 12 – Calendário de plantio e colheita – Milho primeira safra

UF/Região	22/08 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/08		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR	C	C	C				P	P	P		C	C
RO	P	P	P		C	C	C	C				
AC	P	P	P		C	C	C	C				
AM	P	P	P		C	C	C	C	C			
AP			P	P	P	P	C	C	C	C	C	
PA	P	P	P		C	C	C	C	C			
TO		P	P	P	C	C	C	C	C			
Nordeste												
MA	P	P	P	P	P		C	C	C	C	C	C
PI		P	P	P	P		C	C	C	C	C	
CE	C			P	P	P	P	C	C	C	C	C
RN						P	P	P	P/C	C	C	C
PB	C	C		P	P	P	P	P	P	P/C	C	C
PE				P	P	P	P/C	PC	C	C	C	
BA	P	P	P	P	P	P/C	C	C	C	C	C	
Centro-Oeste												
MT	P	P	P		C	C	C	C	C			
MS	P	P	P		C	C	C					P
GO	P	P	P		C	C	C	C	C			
DF		P	P		C	C	C					
Sudeste												
MG	P	P	P		C	C	C	C	C			
ES	P	P	P		C	C	C	C				
RJ	P	P	P		C	C	C	C				
SP	P	P	P	C	C	C	C	C				P
Sul												
PR	P	P		C	C	C	C	C			P	P
SC	P	P	P	P/C	C	C	C	C	C		P	P
RS	P	P	P	P/C	C	C	C	C	C		P	P

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.

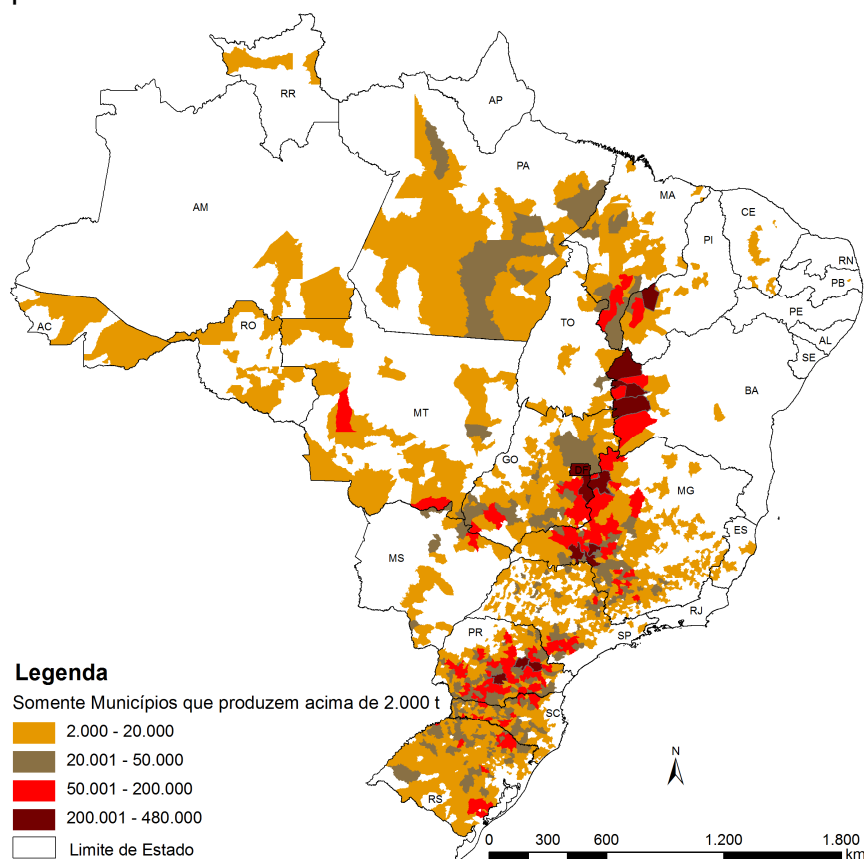
Tabela 25 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	361,9	384,8	6,3	2.845	3.260	14,6	1.029,4	1.254,3	21,8
RR	6,2	6,2	-	923	2.483	169,0	5,7	15,4	170,2
RO	60,9	46,0	(24,5)	2.035	2.174	6,8	123,9	100,0	(19,3)
AC	46,5	41,3	(11,2)	2.340	2.332	(0,3)	108,8	96,3	(11,5)
AM	11,0	11,0	-	2.627	2.531	(3,7)	28,9	27,8	(3,8)
AP	2,2	1,9	(13,6)	921	907	(1,5)	2,0	1,7	(15,0)
PA	184,1	214,1	16,3	2.916	3.256	11,7	536,8	697,1	29,9
TO	51,0	64,3	26,0	4.378	4.914	12,2	223,3	316,0	41,5
NORDESTE	2.113,3	2.031,3	(3,9)	2.248	2.208	(1,8)	4.750,0	4.484,3	(5,6)
MA	379,0	350,6	(7,5)	2.266	2.787	23,0	858,8	977,1	13,8
PI	371,6	380,5	2,4	2.321	2.495	7,5	862,5	949,3	10,1
CE	480,6	480,6	-	835	315	(62,3)	401,3	151,4	(62,3)
RN	32,4	31,2	(3,7)	633	294	(53,6)	20,5	9,2	(55,1)
PB	76,6	61,9	(19,2)	462	305	(34,0)	35,4	18,9	(46,6)
PE	228,6	214,7	(6,1)	411	291	(29,2)	94,0	62,5	(33,5)
BA	544,5	511,8	(6,0)	4.550	4.525	(0,5)	2.477,5	2.315,9	(6,5)
CENTRO-OESTE	422,2	361,6	(14,4)	7.544	7.492	(0,7)	3.184,9	2.709,1	(14,9)
MT	68,0	63,6	(6,4)	6.209	7.205	16,0	422,2	458,2	8,5
MS	27,0	20,5	(24,1)	8.350	8.500	1,8	225,5	174,3	(22,7)
GO	288,2	250,7	(13,0)	7.500	7.500	-	2.161,5	1.880,3	(13,0)
DF	39,0	26,8	(31,3)	9.634	7.326	(24,0)	375,7	196,3	(47,8)
SUDESTE	1.552,0	1.436,1	(7,5)	5.194	5.434	4,6	8.060,9	7.803,8	(3,2)
MG	1.098,0	1.022,4	(6,9)	5.230	5.340	2,1	5.742,5	5.459,6	(4,9)
ES	22,3	17,8	(20,3)	2.711	1.363	(49,7)	60,5	24,3	(59,8)
RJ	4,4	3,3	(25,5)	2.332	2.390	2,5	10,3	7,9	(23,3)
SP	427,3	392,6	(8,1)	5.260	5.889	12,0	2.247,6	2.312,0	2,9
SUL	2.168,3	1.895,5	(12,6)	6.746	7.415	9,9	14.627,4	14.055,2	(3,9)
PR	665,2	542,5	(18,4)	8.156	8.645	6,0	5.425,4	4.689,9	(13,6)
SC	471,9	411,5	(12,8)	7.385	7.750	4,9	3.485,0	3.189,1	(8,5)
RS	1.031,2	941,5	(8,7)	5.544	6.560	18,3	5.717,0	6.176,2	8,0
NORTE/NORDESTE	2.475,2	2.416,1	(2,4)	2.335	2.375	1,7	5.779,4	5.738,6	(0,7)
CENTRO-SUL	4.142,5	3.693,2	(10,8)	6.246	6.652	6,5	25.873,2	24.568,1	(5,0)
BRASIL	6.617,7	6.109,3	(7,7)	4.783	4.961	3,7	31.652,6	30.306,7	(4,3)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2015.

Figura 29 – Mapa da produção agrícola – Milho primeira safra



Fonte: Conab/IBGE.

10.1.7.2. Milho segunda safra

Na Região Centro-Oeste, maior produtora do cereal de segunda safra, a área plantada nesta temporada apresentou um incremento de 6% em relação à verificada na passada – 5.780 mil hectares. A produção regional apresentou um forte incremento, seguindo uma tendência observada nos últimos anos, estando previsto atingir agora um montante de 36.374,5 mil toneladas, que representa um incremento de 14,1% em relação ao ano passado. O bom regime de chuvas ao longo do desenvolvimento das lavouras trouxe boas expectativas, confirmadas pela colheita que avança para o seu encerramento na maioria dos estados produtores.

Tabela 26 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	189,3	272,9	44,2	4.183	4.748	13,5	791,8	1.295,9	63,7
RO	88,4	119,5	35,2	3.751	4.613	23,0	331,6	551,3	66,3
TO	100,9	153,4	52,0	4.561	4.854	6,4	460,2	744,6	61,8
NORDESTE	786,4	659,3	(16,2)	3.592	3.030	(15,6)	2.824,5	1.997,9	(29,3)
MA	227,4	131,2	(42,3)	3.813	3.828	0,4	867,1	502,2	(42,1)
PI	33,4	25,9	(22,6)	4.998	4.437	(11,2)	166,9	114,9	(31,2)
AL	31,0	27,6	(11,0)	887	1.007	13,5	27,5	27,8	1,1
SE	226,6	176,3	(22,2)	4.670	4.862	4,1	1.058,2	857,2	(19,0)
BA	268,0	298,3	11,3	2.630	1.662	(36,8)	704,8	495,8	(29,7)
CENTRO-OESTE	5.780,0	6.126,5	6,0	5.514	5.937	7,7	31.869,0	36.374,5	14,1
MT	3.230,2	3.352,9	3,8	5.457	5.907	8,2	17.627,2	19.805,6	12,4
MS	1.547,5	1.604,8	3,7	5.140	5.500	7,0	7.954,2	8.826,4	11,0
GO	952,3	1.130,4	18,7	6.130	6.556	6,9	5.837,6	7.410,9	27,0
DF	50,0	38,4	(23,2)	9.000	8.637	(4,0)	450,0	331,7	(26,3)
SUDESTE	554,5	624,8	12,7	4.810	5.106	6,1	2.667,4	3.190,1	19,6
MG	228,0	255,1	11,9	5.265	5.475	4,0	1.200,4	1.396,7	16,4
SP	326,5	369,7	13,2	4.493	4.851	8,0	1.467,0	1.793,4	22,2
SUL	1.901,0	1.916,2	0,8	5.390	5.813	7,8	10.246,4	11.138,9	8,7
PR	1.901,0	1.916,2	0,8	5.390	5.813	7,8	10.246,4	11.138,9	8,7
NORTE/NORDESTE	975,7	932,2	(4,5)	3.706	3.533	(4,7)	3.616,3	3.293,7	(8,9)
CENTRO-SUL	8.235,5	8.667,5	5,2	5.438	5.850	7,6	44.782,8	50.703,5	13,2
BRASIL	9.211,2	9.599,7	4,2	5.254	5.625	7,1	48.399,1	53.997,2	11,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2015.

Figura 30 – Mapa da produção agrícola – Milho segunda safra

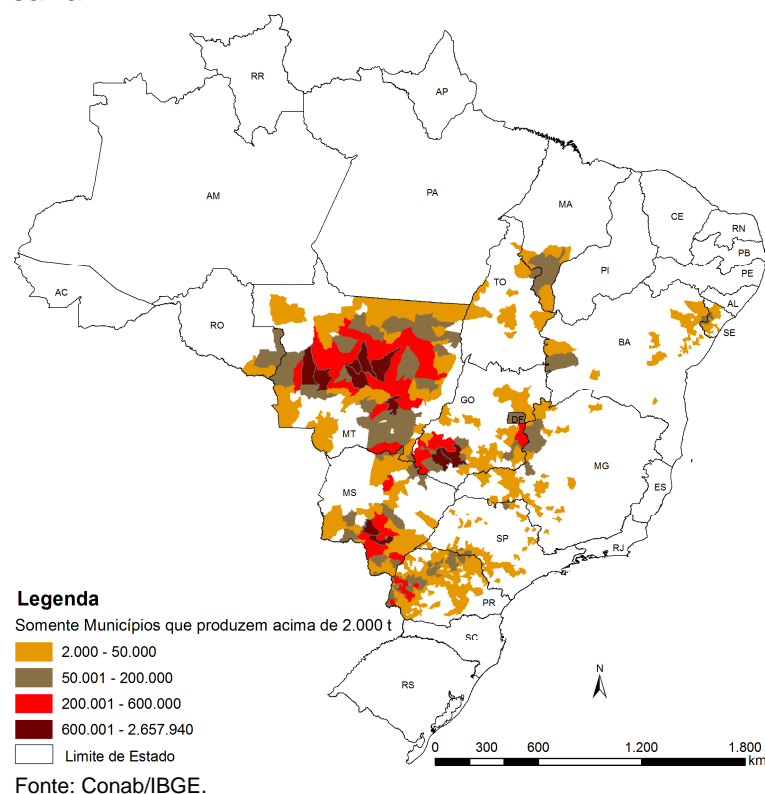
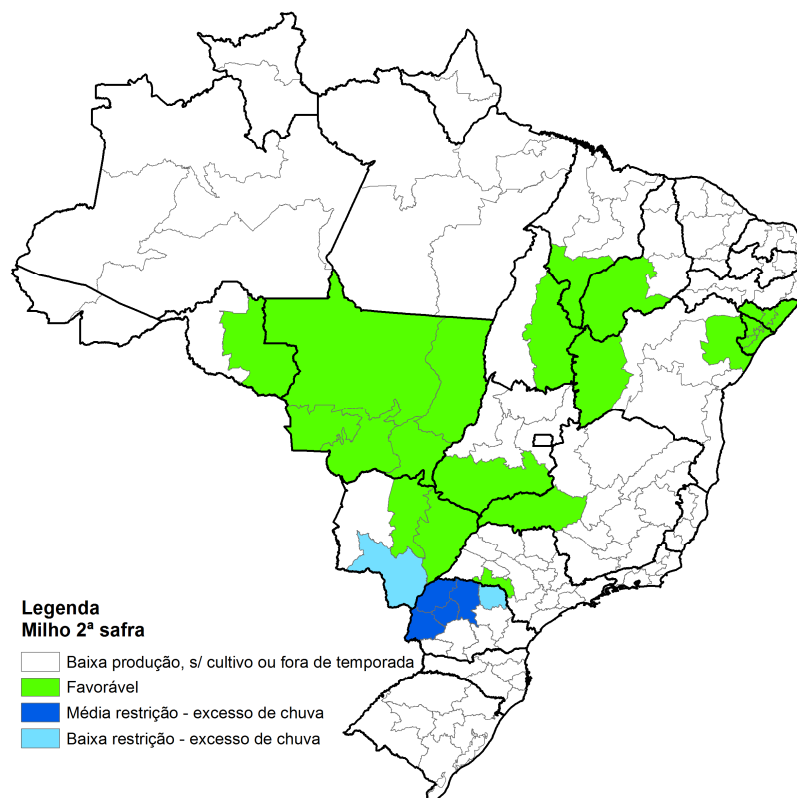


Figura 31 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab

Em Mato Grosso a normalização do regime chuvoso a partir de março e abril proporcionou um excelente desenvolvimento vegetativo das lavouras, justificando as expectativas positivas nas produtividades. O avanço da colheita já permite estimar incrementos em torno de 8,2% em relação à safra passada e de 3,9% em relação aos prognósticos do mês anterior. A produção esperada atinge neste levantamento 19.805,6 mil toneladas, representando um acréscimo de 12,4% em relação ao observado no ano passado.

Em Goiás estima-se que 30% da área com milho já tenha sido colhida e as médias de produtividades até o momento apresentam um incremento de 6,9% em relação ao alcançado na safra passada, considerado satisfatório pelos produtores.

Os produtores estão otimistas com relação aos bons preços praticados no momento, mas a exemplo do que ocorre em outros locais da região Centro-Oeste, observa-se no momento da colheita um descompasso, relacionado com a precária estrutura de armazenagem e o desempenho das atuais colheitadeiras de alta performance. Este fato tem gerado problemas operacionais que interferem em toda a cadeia. Tais problemas se estendem pela colheita, na ausência e na inadequação da armazenagem que refletem no escoamento da safra, uma vez que impactam as capacidades de recepção e expedição do produto. Isto implica no aumento das filas de caminhões e nos seus custos decorrentes, fatores sensíveis para um produto de baixo valor agregado.

No Mato Grosso do Sul a colheita apresenta-se no seu início, sendo esperado uma boa performance nesta safra, tendo em vista às condições climáticas favoráveis durante as diversas fases da lavoura e também à baixa incidência de pragas e plantas daninhas. A produtividade é esperada atingir 5.500 kg/ha, representando um incremento de 7% em relação ao exercício anterior. Nas diversas regiões, de modo geral, observa-se atraso na colheita, em função das chuvas que ocorrem no estado, acima da média.

Na Região Sul o Paraná se apresenta como o segundo maior produtor nacional do cereal de segunda safra. O levantamento da segunda safra de milho apontou para uma área plantada de 1.916,2 mil hectares e produção de 11.138,9 mil toneladas 0,8% e 8,7%, respectivamente, maiores do que os verificados no ano passado. O plantio atrasou-se devido ao excesso de chuvas e foi concluído no início de abril. A colheita já aconteceu em 24,7% da área e foi retardada durante este mês de julho em função do excesso de chuva. Nas demais regiões a cultura atravessa as fases de floração 5%, frutificação 55% e maturação 40%.

Em Sergipe, onde se registra uma expressiva produção do milho segunda safra, o aumento na produtividade esperada para milho pode ser explicado pela melhor qualidade de sementes e o bom regime de chuvas no estado. A expectativa é que a produtividade seja 4,1% superior à safra passada, chegando a 4.862 kg/ha. A percentagem de área plantada de milho transgênico está aumentando com o passar dos anos, por conta do maior rendimento das sementes. Esta cultura vem ganhando espaço, não só do feijão, como também de outros plantios, sejam eles permanentes ou temporários. A facilidade de comercialização e os preços favoráveis estão animando os agricultores. O excesso de chuvas em junho dificultou não somente o plantio de algumas áreas, como também causou pequenos prejuízos nas áreas mais baixas na principal região produtora de milho. A expectativa é que a produção do estado alcance 857,2 mil toneladas, redução de 29,7%, reflexo da estimativa de redução de 22,2% na área plantada.

O avanço nas principais regiões produtoras, da colheita do milho segunda safra, vem apresentando sucessivos acréscimos nos níveis de produtividades que estão repercutindo na oferta nacional desta temporada – 54 milhões neste levantamento, contra 51,5 milhões de toneladas divulgados em julho.

Tabela 27 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Milho safra 2ª	<ul style="list-style-type: none"> - nordeste da BA (FR) - todo estado de AL (FR) - todo estado de SE (FR) 	<ul style="list-style-type: none"> - norte e oeste do PR (C) - sudoeste do MS (C) - regiões pontuais do sul do SP (C)** 	<ul style="list-style-type: none"> - leste do TO (C) - leste de RO (C) - Triângulo MG (C) - todo estado do MT (C) - todo estado do MS, exceto sudoeste (C) - sul de SP, exceto regiões pontuais (C) - sul de GO (C) - sudoeste do PI (C) - sul do MA (C) - oeste da BA (C) 	

Legenda: *(PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Restrição de baixa intensidade.

Fonte: Conab.

Quadro 13 – Calendário de plantio e colheita – Milho segunda safra

UF/Região	22/09 a 21/12 Primavera			21/12 a 20/03 Verão			20/03 a 21/06 Outono			21/06 a 22/09 Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RO					P	P	P	P	C	C	C	
TO					P	P	P	P	C	C	C	
Nordeste												
MA					P	P	P		C	C		
PI	C					P	P	P	P/C	C	C	C
AL	C	C	C				P	P	P	P	C	C
SE	C	C	C	C				P	P			C
BA	C	C	C				C	P	P			C
Centro-Oeste												
MT				P	P	P		C	C	C	C	
MS				P	P	P			C	C	C	C
GO				P	P	P			C	C	C	
DF				P	P	P			C	C	C	
Sudeste												
MG	C			P	P	P	P	P	C	C	C	C
SP					P	P	P	P	C	C	C	C
Sul												
PR				P	P	P		C	C	C	C	C

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

10.1.7.3. Milho total

A consolidação da produção brasileira do milho, reunindo as duas safras, aponta agora para 84.304,3 mil toneladas, representando um acréscimo de 5,3% em relação à produção passada, que atingiu 84.304,3 mil toneladas.

Figura 32 – Mapa da produção agrícola – Milho total (primeira e segunda safras)

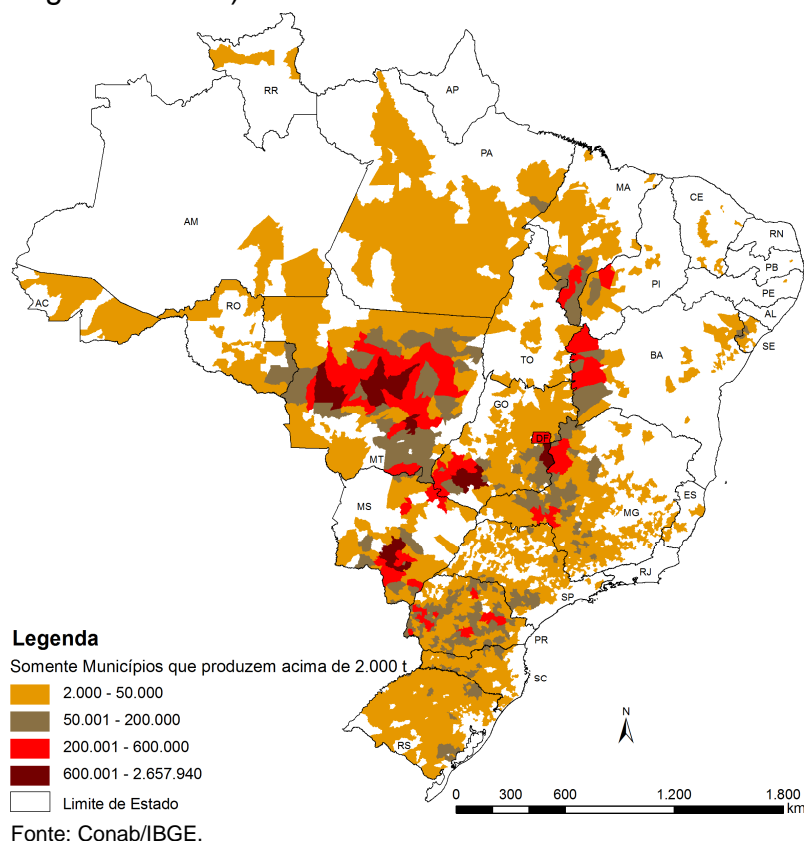


Tabela 28 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho total (primeira e segunda safras)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	551,2	657,7	19,3	3.304	3.877	17,3	1.821,2	2.550,2	40,0
RR	6,2	6,2	-	923	2.483	169,0	5,7	15,4	170,2
RO	149,3	165,5	10,9	3.051	3.935	29,0	455,5	651,3	43,0
AC	46,5	41,3	(11,2)	2.340	2.332	(0,3)	108,8	96,3	(11,5)
AM	11,0	11,0	-	2.627	2.531	(3,7)	28,9	27,8	(3,8)
AP	2,2	1,9	(13,6)	921	907	(1,5)	2,0	1,7	(15,0)
PA	184,1	214,1	16,3	2.916	3.256	11,7	536,8	697,1	29,9
TO	151,9	217,7	43,3	4.500	4.872	8,3	683,5	1.060,6	55,2
NORDESTE	2.899,7	2.690,6	(7,2)	2.612	2.409	(7,8)	7.574,5	6.482,4	(14,4)
MA	606,4	481,8	(20,5)	2.846	3.070	7,9	1.725,9	1.479,4	(14,3)
PI	405,0	406,4	0,3	2.542	2.619	3,0	1.029,4	1.064,3	3,4
CE	480,6	480,6	-	835	315	(62,3)	401,3	151,4	(62,3)
RN	32,4	31,2	(3,7)	633	294	(53,6)	20,5	9,2	(55,1)
PB	76,6	61,9	(19,2)	462	305	(34,0)	35,4	18,9	(46,6)
PE	228,6	214,7	(6,1)	411	291	(29,2)	94,0	62,5	(33,5)
AL	31,0	27,6	(11,0)	887	1.007	13,5	27,5	27,8	1,1
SE	226,6	176,3	(22,2)	4.670	4.862	4,1	1.058,2	857,2	(19,0)
BA	812,5	810,1	(0,3)	3.917	3.471	(11,4)	3.182,3	2.811,7	(11,6)
CENTRO-OESTE	6.202,2	6.488,1	4,6	5.652	6.024	6,6	35.053,8	39.083,7	11,5
MT	3.298,2	3.416,5	3,6	5.473	5.931	8,4	18.049,4	20.263,8	12,3
MS	1.574,5	1.625,3	3,2	5.195	5.538	6,6	8.179,6	9.000,7	10,0
GO	1.240,5	1.381,1	11,3	6.448	6.727	4,3	7.999,1	9.291,2	16,2
DF	89,0	65,2	(26,7)	9.278	8.098	(12,7)	825,7	528,0	(36,1)
SUDESTE	2.106,5	2.060,9	(2,2)	5.093	5.335	4,7	10.728,4	10.993,9	2,5
MG	1.326,0	1.277,5	(3,7)	5.236	5.367	2,5	6.943,0	6.856,3	(1,2)
ES	22,3	17,8	(20,2)	2.711	1.363	(49,7)	60,5	24,3	(59,8)
RJ	4,4	3,3	(25,0)	2.332	2.390	2,5	10,3	7,9	(23,3)
SP	753,8	762,3	1,1	4.928	5.386	9,3	3.714,6	4.105,4	10,5
SUL	4.069,3	3.811,7	(6,3)	6.113	6.610	8,1	24.873,8	25.194,1	1,3
PR	2.566,2	2.458,7	(4,2)	6.107	6.438	5,4	15.671,8	15.828,8	1,0
SC	471,9	411,5	(12,8)	7.385	7.750	4,9	3.485,0	3.189,1	(8,5)
RS	1.031,2	941,5	(8,7)	5.544	6.560	18,3	5.717,0	6.176,2	8,0
NORTE/NORDESTE	3.450,9	3.348,3	(3,0)	2.723	2.698	(0,9)	9.395,7	9.032,6	(3,9)
CENTRO-SUL	12.378,0	12.360,7	(0,1)	5.708	6.090	6,7	70.656,0	75.271,7	6,5
BRASIL	15.828,9	15.709,0	(0,8)	5.057	5.367	6,1	80.051,7	84.304,3	5,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2015.

10.1.7.4. Oferta e demanda

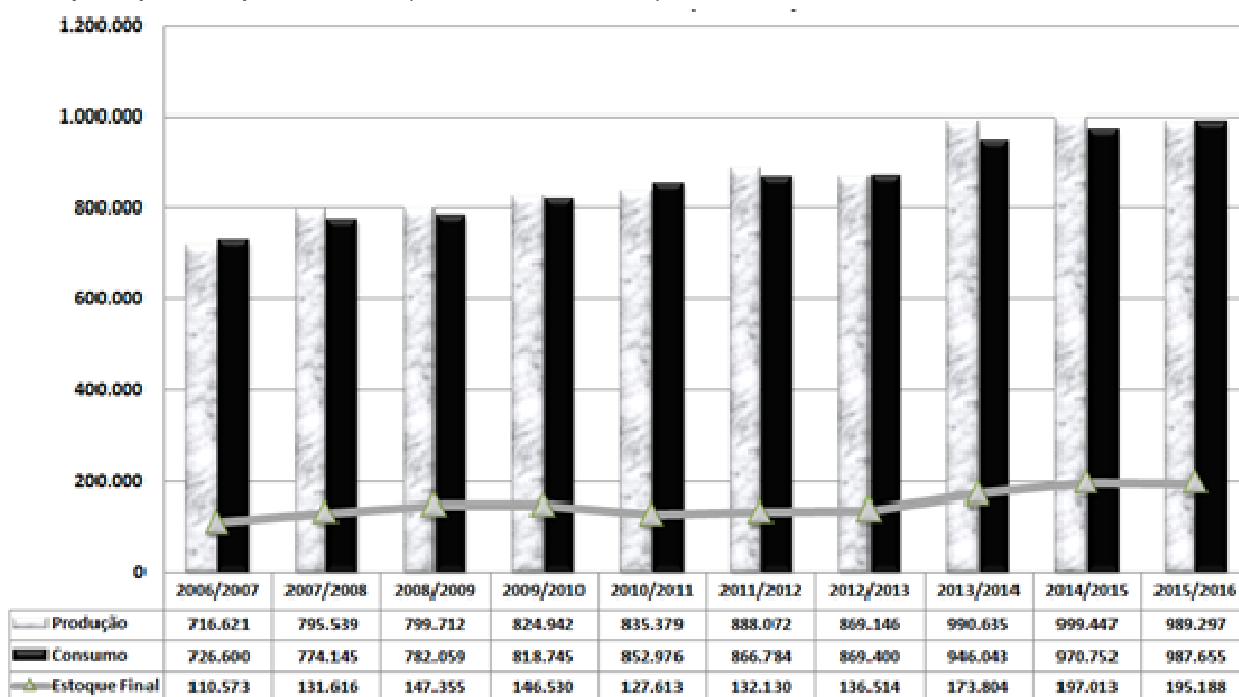
Em relação ao relatório de oferta e demanda de milho, publicado pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda), no dia 10 de junho de 2015, houve pouca mudança no cenário mundial, onde ainda se prevê uma grande oferta do cereal, com bons níveis de estoque e um consumo, embora elevado, bastante ajustado com a produção.

No entanto, em julho foi marcado por fortes movimentos na Bolsa de Chicago devido às ocorrências climáticas no Cinturão do Milho dos Estados Unidos, sobretudo, o excesso de chuvas em estados importantes como Missouri, Illinois e Ohio, fazendo com que os especuladores e os fundos de investimento trabalhassem na Bolsa acompanhando o “mercado climático”.

Isto por que, com o excesso de chuvas nas lavouras, há um desenvolvimento comprometido das plantas, bem como perda de fertilizantes por lixiviação e ocorrência de doenças. Resta saber o quanto realmente será afetado e poderá haver diminuição das produtividades médias, portanto, foi nesta incerteza que o mercado especulou durante o mês.

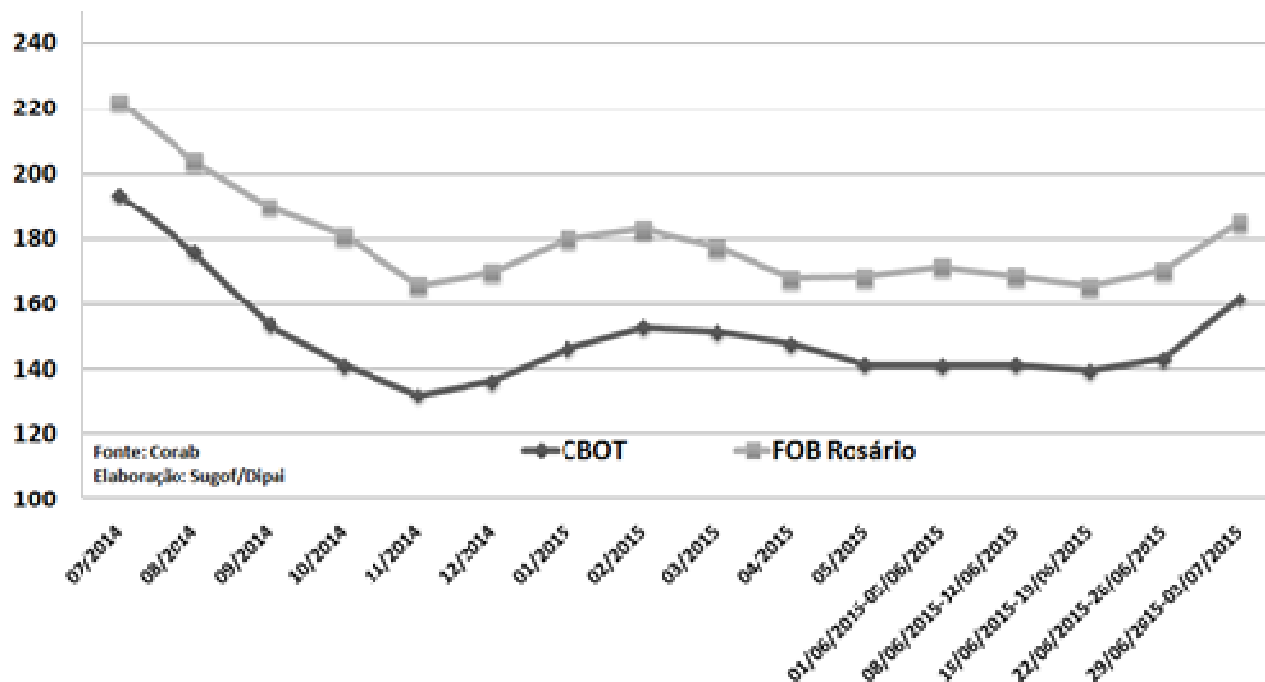
Com a publicação, pelo Usda, do relatório de área plantada e colhida, onde se estima uma área colhida de 32,8 milhões de hectares, a expectativa de uma produção nos Estados Unidos menor da que vem sendo divulgada gerou uma forte alta no mercado no fim do mês, quebrando a barreira dos US\$ 4,00/bushel (US\$ 157,47/t).

Gráfico 25 – Comparativo da produção mundial de milho nas últimas dez safras – Principais países produtores (em mil toneladas)



Fonte: Usda.

Gráfico 26 – Preços internacionais médios mensais – 12 meses, em US\$/t



Vale salientar que as demais bolsas acompanharam o movimento altista da Bolsa de Chicago, além dos preços nacionais que subiram estimulados pelo aumento da paridade de exportação nos portos nacionais.

Este cenário, somado à moeda americana ainda valorizada, torna-se um fundamento importante na expectativa de aumento das exportações brasileiras de milho, que devem ser retomadas neste segundo semestre.

Portanto, há de se considerar que algumas situações conjunturais podem favorecer as exportações brasileiras do grão até o fim de janeiro de 2016:

- A relação cambial do dólar em relação ao real deverá permanecer favorável à moeda norte-americana, trabalhando até o próximo ano acima dos R\$3,00. O Banco Central ainda prevê, para 2016, valores acima de R\$ 3,20;

- O número de players que fazem parte do processo de exportação de grão no país tem aumentado. Um mercado que se restringia a ADM, Bunge, Cargill e Louis Dreyfus, já conta com Multigrain, Noble, Nidera, entre outros;

- Portos das Regiões Norte e Nordeste começam a ter representatividade no volume de milho a ser exportado, inclusive já com line-ups indicado já para julho de 2015, diminuindo o peso logístico para o produto produzido no Centro-Oeste, melhorando a competitividade;

- Já em julho, há navios nomeados que totalizam, até o momento, um volume em torno de 1,3 milhão de toneladas. Acredita-se que neste mês poderão ser embarcadas 2 milhões de toneladas;

- O frete marítimo do Brasil para Ásia (principal centro consumidor de milho) diminuiu de valor, com informações de cotações a US\$ 25,00/tonelada;

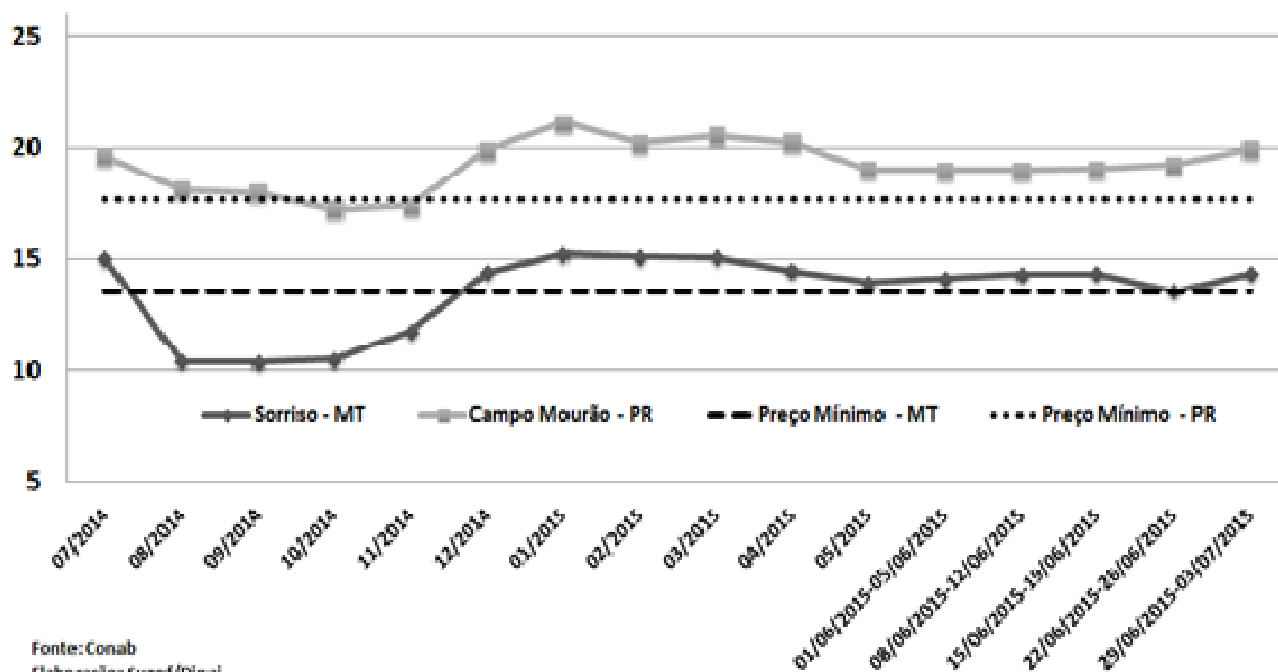
- Há um grande volume de milho da segunda safra já negociado antecipadamente.

Desta feita, considerando a expectativa de exportação do mercado para julho, é perfeitamente possível que, de agosto de 2015 a janeiro de 2016, o país exporte uma média de 3,5 milhões de toneladas/mês, totalizando o volume estimado em 25 milhões de toneladas, divulgados neste último quadro de oferta e demanda.

Já o consumo nacional foi reajustado em função do aumento de confinamento no país e o uso de milho para produção de etanol no Mato Grosso, o qual passa a ser um novo agente demandante do grão no mercado nacional.

Com a conjuntura favorável no fim do mês, os preços internos, que vinham sofrendo uma pressão baixista, diante do início da colheita da segunda safra, retomaram um viés de alta, subindo, novamente, acima do preço mínimo.

Gráfico 27 – Preços médios mensais pagos ao produtor – 12 meses, em R\$/60kg



Entretanto, cabe lembrar que este mercado está bastante sensível à volatilidade das cotações de Chicago e do câmbio, podendo, para alguns estados, ter preços abaixo do mínimo, novamente.

Assim, o produtor deve estar atento a estas variações e aproveitar os custos de oportunidade para negociar o seu produto, tanto no mercado interno quanto na exportação.

10.1.8. Soja

Tabela 29 – Comparativo de área, produtividade e produção – Soja

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	1.178,9	1.434,5	21,7	2.877	2.987	3,8	3.391,3	4.284,5	26,3
RR	18,0	24,0	33,3	3.120	3.300	5,8	56,2	79,2	40,9
RO	191,1	230,7	20,7	3.180	3.167	(0,4)	607,7	730,6	20,2
PA	221,4	334,1	50,9	3.020	3.024	0,1	668,6	1.010,3	51,1
TO	748,4	845,7	13,0	2.751	2.914	5,9	2.058,8	2.464,4	19,7
NORDESTE	2.602,2	2.843,6	9,3	2.544	2.818	10,8	6.620,9	8.013,2	21,0
MA	662,2	749,6	13,2	2.754	2.745	(0,3)	1.823,7	2.057,7	12,8
PI	627,3	673,7	7,4	2.374	2.722	14,7	1.489,2	1.833,8	23,1
BA	1.312,7	1.420,3	8,2	2.520	2.902	15,2	3.308,0	4.121,7	24,6
CENTRO-OESTE	13.909,4	14.514,1	4,3	3.005	3.045	1,3	41.800,5	44.201,1	5,7
MT	8.615,7	8.917,2	3,5	3.069	3.155	2,8	26.441,6	28.133,8	6,4
MS	2.120,0	2.300,5	8,5	2.900	3.120	7,6	6.148,0	7.177,6	16,7
GO	3.101,7	3.241,3	4,5	2.900	2.698	(7,0)	8.994,9	8.745,0	(2,8)
DF	72,0	55,1	(23,5)	3.000	2.626	(12,5)	216,0	144,7	(33,0)
SUDESTE	1.989,9	2.116,2	6,3	2.520	2.775	10,1	5.015,3	5.873,5	17,1
MG	1.238,2	1.319,4	6,6	2.687	2.658	(1,1)	3.327,0	3.507,0	5,4
SP	751,7	796,8	6,0	2.246	2.970	32,2	1.688,3	2.366,5	40,2
SUL	10.492,7	11.031,9	5,1	2.792	3.067	9,8	29.292,8	33.831,2	15,5
PR	5.010,4	5.215,8	4,1	2.950	3.283	11,3	14.780,7	17.123,5	15,9
SC	542,7	600,1	10,6	3.030	3.200	5,6	1.644,4	1.920,3	16,8
RS	4.939,6	5.216,0	5,6	2.605	2.835	8,8	12.867,7	14.787,4	14,9
NORTE/NORDESTE	3.781,1	4.278,1	13,1	2.648	2.875	8,6	10.012,2	12.297,7	22,8
CENTRO-SUL	26.392,0	27.662,2	4,8	2.884	3.033	5,2	76.108,6	83.905,8	10,2
BRASIL	30.173,1	31.940,3	5,9	2.854	3.012	5,5	86.120,8	96.203,5	11,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2015.

Tabela 30 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*

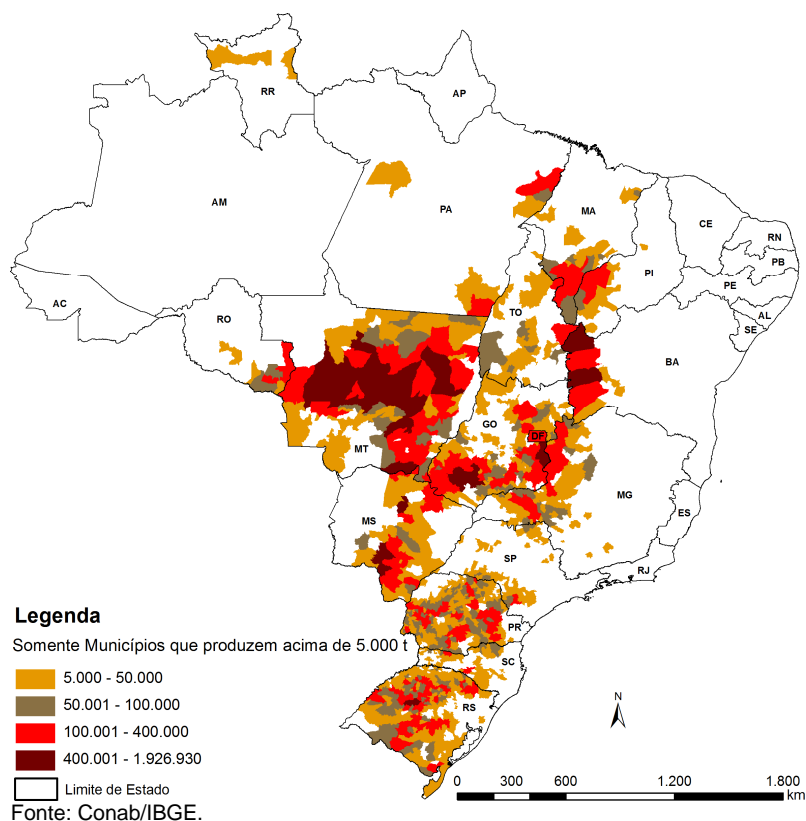
Cultura	Chuvvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Soja	- norte de RR (DV)			

Legenda: *(PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Restrição de baixa intensidade.

Fonte: Conab.

Figura 33 – Mapa da produção agrícola – Soja



Quadro 13 – Calendário de plantio e colheita – Soja

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR	C						P	P	P		C	C
RO	P	P	P	C	C	C	C					
PA		P	P	P		C	C	C	C			
TO	P	P	P		C	C	C	C				
Nordeste												
MA	P	P	P	P	P/C	C	C	C	C	C		
PI		P	P	P		C	C	C	C			
BA	P	P	P		C	C	C	C				
Centro-Oeste												
MT	P	P	P	C	C	C	C					P
MS	P	P	P	C	C	C	C					P
GO	P	P	P	C	C	C	C					
DF	P	P	P		C	C	C					
Sudeste												
MG	P	P	P	C	C	C	C	C				
SP	P	P	P		C	C	C	C				P
Sul												
PR	P	P	P	C	C	C	C					P
SC	P	P	P	P	P/C		C	C	C			
RS	P	P	P			C	C	C				

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

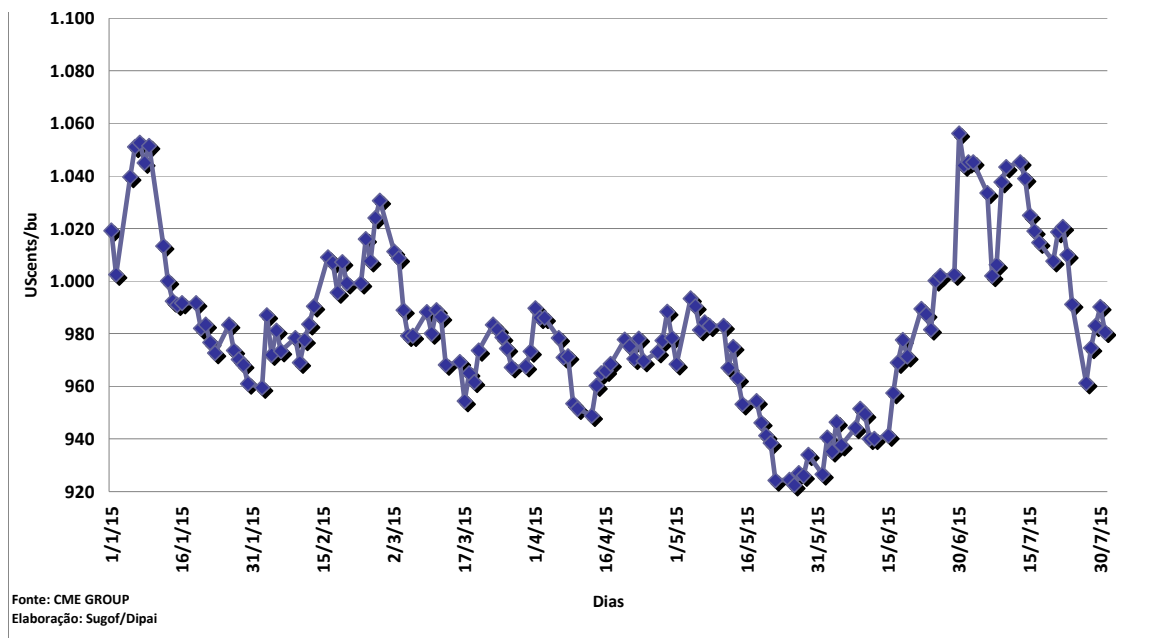
10.1.8.1. Oferta e demanda

Em julho, os preços da Bolsa de Mercadorias de Chicago (CBOT) que começaram o mês em alta, no valor de UScents 1.044,00/bu (US\$ 383,60/t) devido ao clima chuvoso e à expectativa de queda de produtividade, inverteram a posição e terminaram o mês com 6% de baixa, no valor de UScents 980,60/bu (US\$ 360,31/t). Esta inversão ocorreu em

razão da melhora climática nos estados produtores de soja, onde as chuvas voltaram à normalidade.

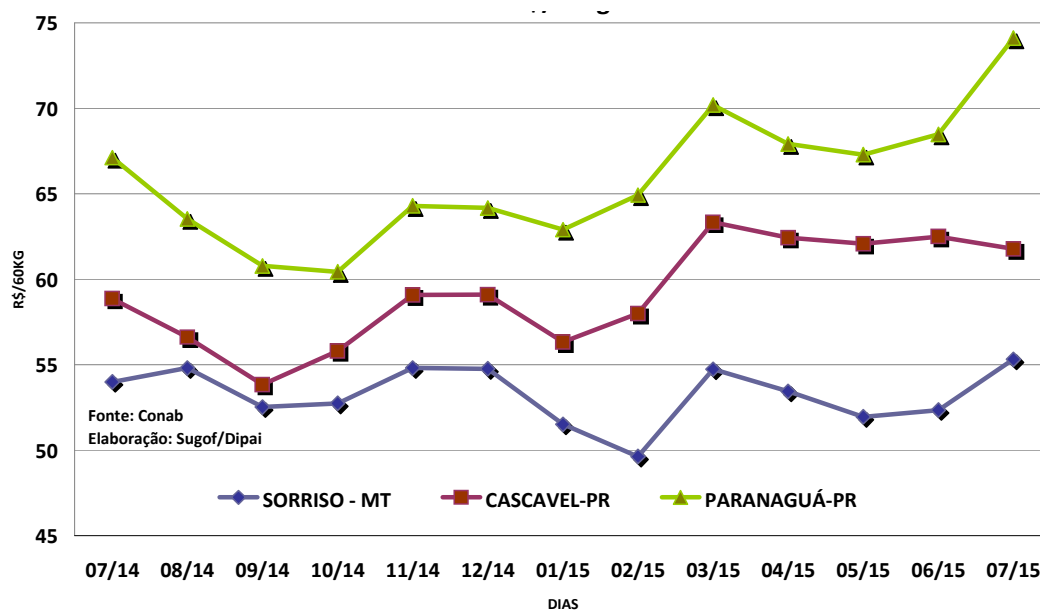
Assim, a permanecer essa tendência, os preços devem continuar em baixa em agosto, apesar da estimativa de grande estoque de passagem nos Estados Unidos, estimada em 13 milhões de toneladas, a mais alta, historicamente.

Gráfico 28 – Preços internacionais da soja



Em que pese à baixa no mercado internacional, no mercado nacional os preços sustentados pela alta do dólar frente ao real e as altas exportações brasileiras de soja em grãos em julho, fizeram com que os preços internos tivessem uma pequena alta em relação ao mês anterior.

Gráfico 29 – Preços mensais da soja pagos ao produtor



As exportações totais para safra 2014/15 foram estimadas em aproximadamente 49,12 milhões de toneladas. Segundo a Secretaria de Comércio Exterior (Secex) em janeiro a junho de 2015 o Brasil exportou, aproximadamente, 40,69 milhões de toneladas de soja. Valor exportado 7,51% maior que no mesmo período do ano anterior. Em julho, as exportações brasileiras chegaram a 8,44 milhões de toneladas, o maior valor histórico de exportação para julho.

Quadro 14 – Exportações brasileiras de soja

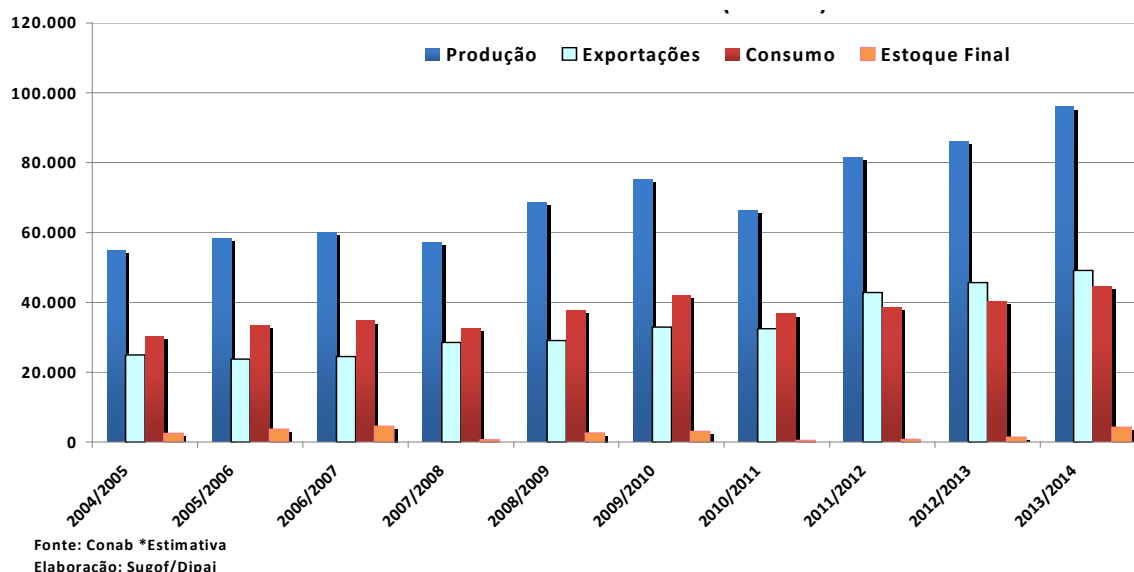
2014			2015		
Quant. (t)	Valor US\$1000FOB	Preço Médio	Quant. (t)	Valor US\$1000FOB	Preço Médio
30.606	17.810	581,90	85.336	35.103	411,35
2.789.650	1.385.832	496,78	868.659	346.160	398,50
6.229.305	3.147.580	505,29	5.592.087	2.211.790	395,52
8.250.901	4.134.746	501,13	6.550.977	2.534.258	386,85
7.609.783	3.866.209	508,06	9.341.009	3.612.717	386,76
6.893.162	3.571.995	518,19	9.810.092	3.762.211	383,50
31.803.405	16.124.172	507,00	32.248.160	12.502.239	387,69
6.043.523	3.151.183	521,42	8.440.400	3.224.100	381,98
4.119.263	2.135.355	518,38			
2.669.833	1.347.500	504,71			
740.839	363.993	491,33			
176.556	81.601	462,18			
138.581	73.573	530,90			
13.888.594	7.153.206	515,04	8.440.400	3.224.100	381,98
45.691.999	23.277.378	509,44	40.688.560	15.726.339	386,51

Fonte: Secex.

Os esmagamentos brasileiros de grãos, em 2015, devem ser de 41 milhões de toneladas, significando aumento de 11,4%, se comparados aos de 2014 e relacionado, em parte, ao crescimento do consumo de óleo de soja internamente, mas, principalmente, ao aumento do uso do óleo de soja para o biodiesel que passou de 5% para 7% da mistura no diesel.

Desta maneira, com a produção estimada em 96,2 milhões de toneladas, o estoque final brasileiro de soja deverá ser de 4,25 milhões de toneladas de soja em grãos que, com o aumento das exportações, ficou dentro da normalidade.

Gráfico 30 – Comparativo de produção, exportação, consumo e estoque final de soja no Brasil



10.1.9. Sorgo

Figura 34 – Mapa da produção agrícola – Sorgo

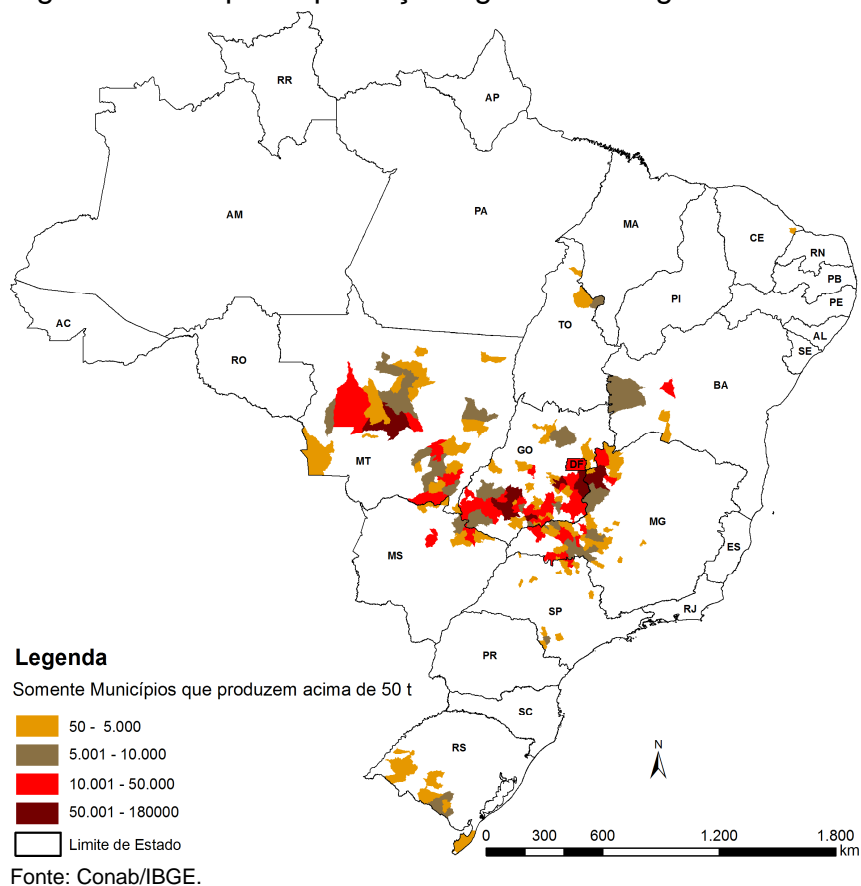


Tabela 31 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*.

Cultura	Chuvvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Sorgo			<ul style="list-style-type: none"> - centro norte e leste do MS (C) - norte e sudeste do MT (C) - norte, leste e sul de GO (C) - DF (C) - oeste de MG (C) - norte de SP (C) 	

Legenda: * (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Restrição de baixa intensidade

Fonte: Conab.

Quadro 16 – Calendário de plantio e colheita – Sorgo

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO			P	P	P	C	C	C				
Nordeste												
PI			P				C					
CE				P	P	P		C	C			
RN				P	P	P		C	C	C		
PB				P	P	P		C	C			
PE					P	P	P	P	C	C	C	C
BA		P	P	P		C	C	C				
Centro-Oeste												
MT					P	P	P		C	C	C	
MS					P	P	P		C	C	C	
GO					P	P	P		C	C	C	
DF						P	P		C	C	C	
Sudeste												
MG					P	P	P		C	C	C	
SP					P	P	P		C	C	C	C
Sul												
RS	P	P	P	P	C	C	C	C				

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; PC - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 32 – Comparativo de área, produtividade e produção – Sorgo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	20,4	21,4	4,9	1.880	1.862	(1,0)	38,4	39,8	3,6
TO	20,4	21,4	4,9	1.880	1.862	(1,0)	38,4	39,8	3,6
NORDESTE	148,7	155,7	4,7	922	871	(5,5)	137,0	135,6	(1,0)
PI	7,7	6,2	(19,5)	1.819	2.548	40,1	14,0	15,8	12,9
CE	0,7	0,7	-	2.442	1.489	(39,0)	1,7	1,0	(41,2)
RN	1,2	0,6	(52,8)	955	1.522	59,4	1,1	0,9	(18,2)
PB	0,2	-	(83,2)	1.500	429	(71,4)	0,3	-	(100,0)
PE	1,8	6,2	244,4	560	430	(23,2)	1,0	2,7	170,0
BA	137,1	142,0	3,6	867	811	(6,5)	118,9	115,2	(3,1)
CENTRO-OESTE	363,7	358,1	(1,5)	3.096	3.354	8,3	1.126,0	1.200,9	6,7
MT	139,5	111,7	(19,9)	2.526	2.610	3,3	352,4	291,5	(17,3)
MS	9,1	10,5	15,4	3.300	3.700	12,1	30,0	38,9	29,7
GO	206,9	232,6	12,4	3.420	3.661	7,0	707,6	851,5	20,3
DF	8,2	3,3	(59,8)	4.392	5.763	31,2	36,0	19,0	(47,2)
SUDESTE	183,0	175,3	(4,2)	3.003	3.136	4,4	549,6	549,7	-
MG	170,2	161,5	(5,1)	2.974	3.094	4,1	506,1	499,7	(1,3)
SP	12,8	13,8	7,8	3.400	3.623	6,6	43,5	50,0	14,9
SUL	15,2	10,5	(30,9)	2.645	2.426	(8,3)	40,2	25,5	(36,6)
RS	15,2	10,5	(30,9)	2.645	2.426	(8,3)	40,2	25,5	(36,6)
NORTE/NORDESTE	169,1	177,1	4,7	1.037	991	(4,5)	175,4	175,4	-
CENTRO-SUL	561,9	543,9	(3,2)	3.054	3.265	6,9	1.715,8	1.776,1	3,5
BRASIL	731,0	721,0	(1,4)	2.587	2.707	4,6	1.891,2	1.951,5	3,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2015.

10.2. Culturas de inverno

Neste levantamento serão analisadas algumas perspectivas das culturas de inverno a partir dos dados coletados.

As primeiras constatações são a respeito do tempo na Região Sul. No Paraná, durante os dois primeiros decêndios de julho, houve excesso de precipitação em praticamente todas as regiões do estado e durante muitos dias seguidos, provocando prejuízos nas culturas de inverno, principalmente no que se refere à realização dos tratamentos culturais para combate às pragas e doenças. Também se verificaram vendavais e chuvas de granizo em diversas regiões e geadas localizadas no início do inverno. O plantio da aveia, canola e centeio está concluído, enquanto o plantio do trigo, cevada e triticale ultrapassa 97%.

Segundo o Centro Estadual de Meteorologia (Cemet-RS), vinculado à Fundação Estadual de Pesquisa Agropecuária (Fepagro), em julho ocorreram vários eventos climáticos. O primeiro foi um sistema de baixa pressão que provocou chuva significativa no início do mês. Na sequência, uma massa de ar polar provocou as menores temperaturas do ano, com $-1,2^{\circ}\text{C}$ em Cambará do Sul e $-0,3^{\circ}\text{C}$ em Bagé, por exemplo. Um ciclone extratropical seguido de uma nova frente fria provocou muitos dias de chuva, causando enchentes nas regiões mais baixas e encostas de rios, o que prejudicou sobremaneira o término do plantio das culturas de inverno e dos tratamentos culturais, tais como: controle de pragas, doenças e adubação nitrogenada de cobertura.

O cenário não é diferente em Santa Catarina, onde houveram chuvas frequentes em praticamente todas as regiões, com volumes maiores principalmente no oeste de Santa Catarina, cujos acumulados atingiram mais de 400 mm no período de um mês. Além dos transtornos e prejuízos materiais decorrentes das cheias dos rios e córregos nas cidades e interior, as lavouras das culturas de inverno também são castigadas. Pode-se observar um atraso na implantação da cultura, além da dificuldade em realizar as práticas culturais nas lavouras já semeadas no início do mês e que necessitam de aplicações de produtos para controle de pragas, doenças e adubação de cobertura. Em alguns casos houve desistência de plantio de algumas lavouras devido às más condições edafoclimáticas e para evitar que a colheita da cultura de inverno não interfira no início do plantio da cultura subsequente de verão.

Com relação aos preços futuros, cabe observar que a área plantada, na Argentina, foi menor que a área da safra passada e o plantio está atrasado por conta das chuvas acima da média¹. Somando-se aos problemas enfrentados pelos produtores da Região Sul, principais produtores nacionais de trigo, podem beneficiar os produtores do centro do país, os quais poderão conquistar bons preços do produto na hora da comercialização.

Pode-se afirmar, portanto, que o cenário climático inicial está complicado para as culturas de inverno, principalmente no Sul do Brasil. Quando se compara a atual safra nacional com a anterior, os números indicam que:

- haverá redução de área em todas as culturas analisadas, exceto a cultura da aveia;
- espera-se aumento na produção total em todas as culturas, exceto o triticale;
- há perspectivas de aumento da produtividade de todas as culturas de inverno.

Há poucas informações sobre a cultura do centeio nos últimos levantamentos realizados pela Conab. No Paraná a área cultivada será de apenas 1,2 mil hectares, o que representa uma redução de 8,8% em relação à safra 2013/14. No Rio Grande do Sul

¹ Referências extraídas documento "Estimaciones Agrícolas/Julio 2015", publicado pelo Ministerio de Agricultura, Ganadería y Pesca, Subsecretaría de Agricultura, Dirección Nacional de Información y Mercados. <http://dev.siiia.gov.ar/_informes%5CEstimaciones_Agricolas%5CMensual/150723_Informe%20Mensual%20Estimacion es%20-%20Jul-2015.pdf>. Acessado em: 06/08/2015

serão cultivados 500 hectares, a mesma área da safra anterior. As produtividades apresentam pouca variação nos comparativos, demonstrando que esta cultura possui pequena importância econômica no cenário agrícola brasileiro.

A mesma situação ocorre com o triticale. Em todos os estados produtores há uma redução da área plantada no Brasil, o que totaliza uma redução de 45,5% em relação à safra 2013/14. Em São Paulo, por exemplo, a redução é de 76,9% e no Paraná a redução é de 15,5%, explicado, principalmente, pelo baixo valor comercial do cereal.

10.2.1. Aveia

No Rio Grande do Sul a área semeada com aveia para a produção de grãos deve crescer em torno de 33%, ocupando a área que foi semeada com trigo na safra anterior, ou seja, 118,4 mil hectares. A semeadura está concluída, sendo que a aveia plantada após a safra de verão encontra-se na fase reprodutiva ou maturação. Há relatos de falta de semente de aveia em algumas praças, principalmente pelo baixo custo de implantação das lavouras, pela produção de massa seca e proteção do solo. Há ainda a possibilidade de pastejo, que se torna mais uma fonte de renda ao produtor.

No Paraná o plantio está finalizado e a área plantada apresenta um aumento de 33% em relação à safra passada, sendo semeado 58,8 mil hectares. No Mato Grosso do Sul o aumento é ainda maior, 71,1%, comparando-se a safras 2013/14 com a 2014/15.

No Brasil a aveia será plantada em 190,2 mil hectares, representando um aumento de 23,7% em relação à safra passada.

Tabela 33 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Aveia	- sudoeste do RS, exceto regiões pontuais (DV)	- noroeste, centro-oeste, nordeste do RS (DV) - regiões pontuais do sudoeste do RS (DV) - centro sul, sudeste e sudoeste do PR (DV/F) - norte, oeste e leste do PR (F/FR)		

Legenda: * (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Restrição de baixa intensidade.

Fonte: Conab.

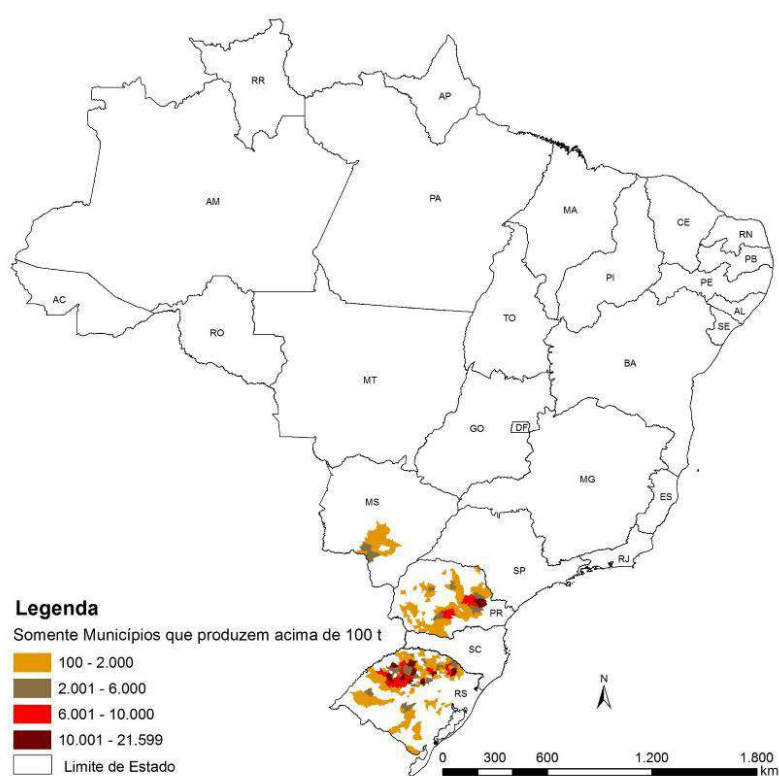
Quadro 17 – Calendário de plantio e colheita – Aveia

REGIÃO/UF	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
CENTRO-OESTE							P				C	
MS							P				C	
SUL	C	C						P	P			
PR	C							P	P			C
RS		C						P	P			
NORTE/NORDESTE												
CENTRO-SUL												
BRASIL												

Legenda: P - Concentração do plantio; C - Concentração da colheita; Plantio e colheita ocorrendo na mesma época.

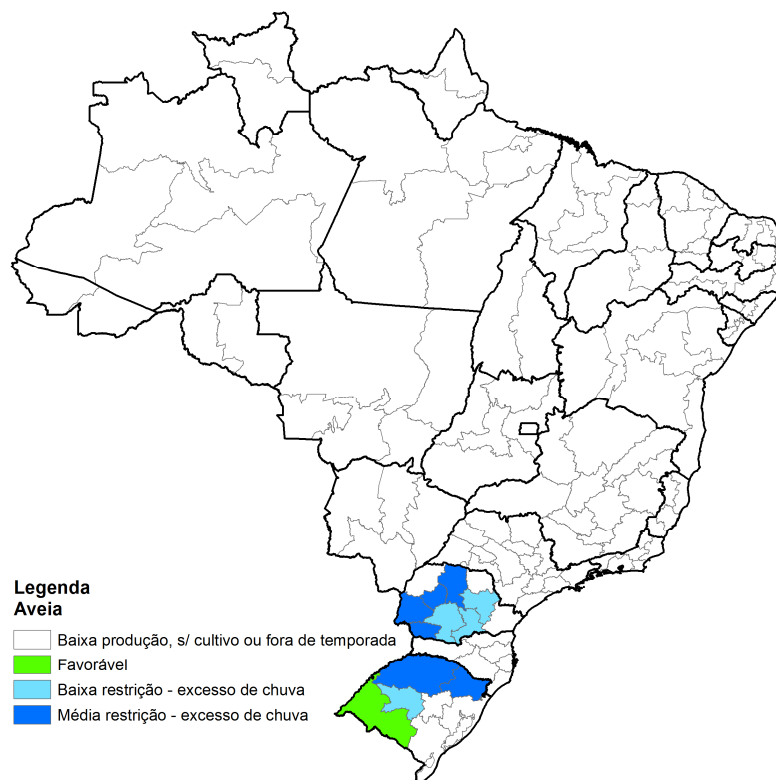
Fonte: Conab.

Figura 35 – Mapa da produção agrícola – Aveia



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 36 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab.

Tabela 34 – Comparativo de área, produtividade e produção – Aveia

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	7,6	13,0	71,1	1.474	1.500	1,8	11,2	19,5	74,1
MS	7,6	13,0	71,1	1.470	1.500	2,0	11,2	19,5	74,1
SUL	146,1	177,2	21,3	2.028	2.427	19,7	296,2	430,0	45,2
PR	57,1	58,8	2,9	2.429	2.323	(4,4)	138,7	136,6	(1,5)
RS	89,0	118,4	33,0	1.770	2.478	40,0	157,5	293,4	86,3
CENTRO-SUL	153,7	190,2	23,7	2.000	2.363	18,2	307,4	449,5	46,2
BRASIL	153,7	190,2	23,7	2.000	2.363	18,2	307,4	449,5	46,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2015.

10.2.2. Canola

No Rio Grande do Sul a lavoura de canola completou o período de semeadura dentro do prazo esperado e a maior parte encontra-se na fase de floração. Há uma redução de 10,2% em relação à safra anterior.

No atual levantamento ficou evidenciada a redução da área semeada. Segundo às empresas fomentadoras da cultura, a semente disponível era suficiente para atender à demanda dos produtores, inclusive para o aumento da área. Porém há relatos de sobra de semente devido à baixa procura. A justificativa é que o risco de que o cultivo não tenha êxito, principalmente por conta da maturação disforme das siliques que acarreta perdas de rendimento. Com isso prevê-se que serão cultivados 35 mil hectares, que deverão atingir uma produtividade de 1.500 kg/ha. O preço da canola é o maior incentivo para o produtor, uma vez que acompanha o preço da soja, ou seja, é mais que o dobro do preço do trigo. Além disso o produto tem alta liquidez no mercado, haja vista que a maioria da produção é comercializada antes mesmo do início da safra, junto à indústria de óleos. Além disso a canola tem muita importância na rotação de culturas, pois possui um sistema radicular que facilita a aeração do solo, substituindo o nabo que também tem a característica de aeração do solo, porém sem valor comercial.

No Paraná o plantio da canola está concluído e apresenta uma redução de 3,8% na área plantada, porém com produtividade e produção maiores do que a safra passada, atingindo 28,3% e 23,2%, respectivamente.

No geral, o comportamento da safra da canola no Brasil apresenta uma redução de 9,4% da área plantada, porém com aumento de 90,4% na produtividade e 72,5% na produção total, quando comparado com a safra 2013/14.

Quadro 18 – Calendário de plantio e colheita – Canola

REGIÃO/UF	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
SUL	C							P				
PR	C							P				C
RS	C							P				
CENTRO-SUL	C							P				
BRASIL	C							P				

Legenda: P - Concentração do plantio; C - Concentração da colheita;

Fonte: Conab.

Plantio e colheita ocorrendo na mesma época.

Figura 37 – Mapa da produção agrícola – Canola

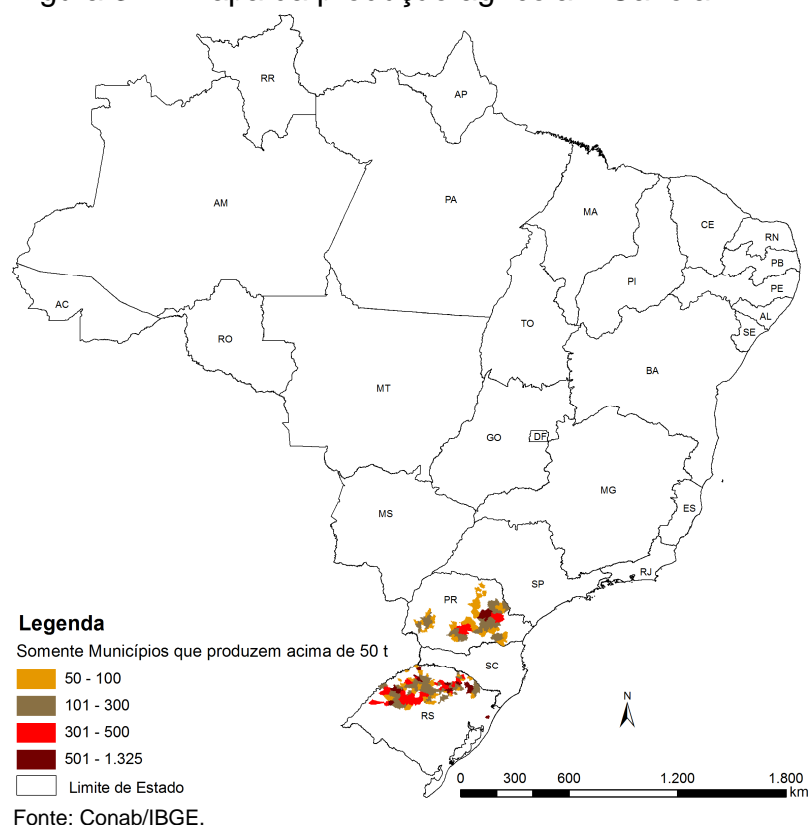


Tabela 35 – Comparativo de área, produtividade e produção – Canola

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	44,7	40,5	(9,4)	812	1.546	90,4	36,3	62,6	72,5
PR	5,7	5,5	(3,8)	1.436	1.843	28,3	8,2	10,1	23,2
RS	39,0	35,0	(10,2)	720	1.500	108,3	28,1	52,5	86,8
CENTRO-SUL	44,7	40,5	(9,4)	812	1.546	90,4	36,3	62,6	72,5
BRASIL	44,7	40,5	(9,4)	812	1.546	90,4	36,3	62,6	72,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2015.

10.2.3. Centeio

Quadro 19 – Calendário de plantio e colheita – Centeio

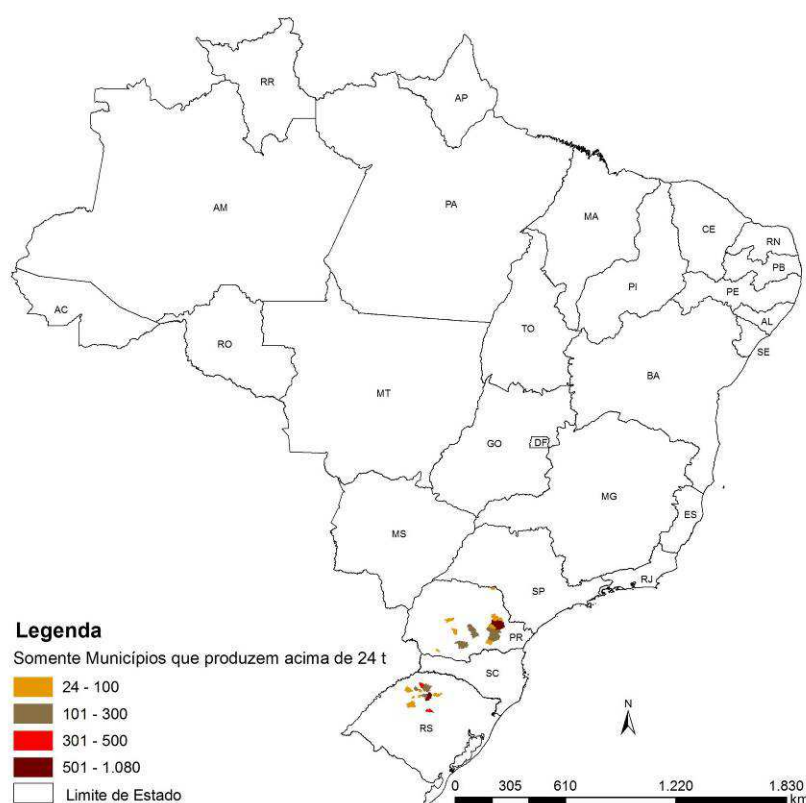
REGIÃO/UF	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
SUL		C							P			
PR		C							P			
RS		C						P	P			
CENTRO-SUL		C							P			
BRASIL		C							P			

Legenda: P - Concentração do plantio; C - Concentração da colheita;

Fonte: Conab.

Plantio e colheita ocorrendo na mesma época.

Figura 38 – Mapa da produção agrícola – Centeio



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 36 – Comparativo de área, produtividade e produção – Centeio

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	1,8	1,7	(5,6)	1.944	2.059	5,9	3,5	3,5	-
PR	1,3	1,2	(8,8)	2.103	2.268	7,8	2,7	2,7	-
RS	0,5	0,5	-	1.500	1.550	3,3	0,8	0,8	-
CENTRO-SUL	1,8	1,7	(5,6)	1.944	2.059	5,9	3,5	3,5	-
BRASIL	1,8	1,7	(5,6)	1.944	2.059	5,9	3,5	3,5	-

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2015.

10.2.4. Cevada

No Brasil a área semeada com cevada na safra 2015 deverá ser 11,5% inferior em relação à safra cultivada em 2014. Assim, como a canola, este cereal é altamente incentivado por empresas privadas.

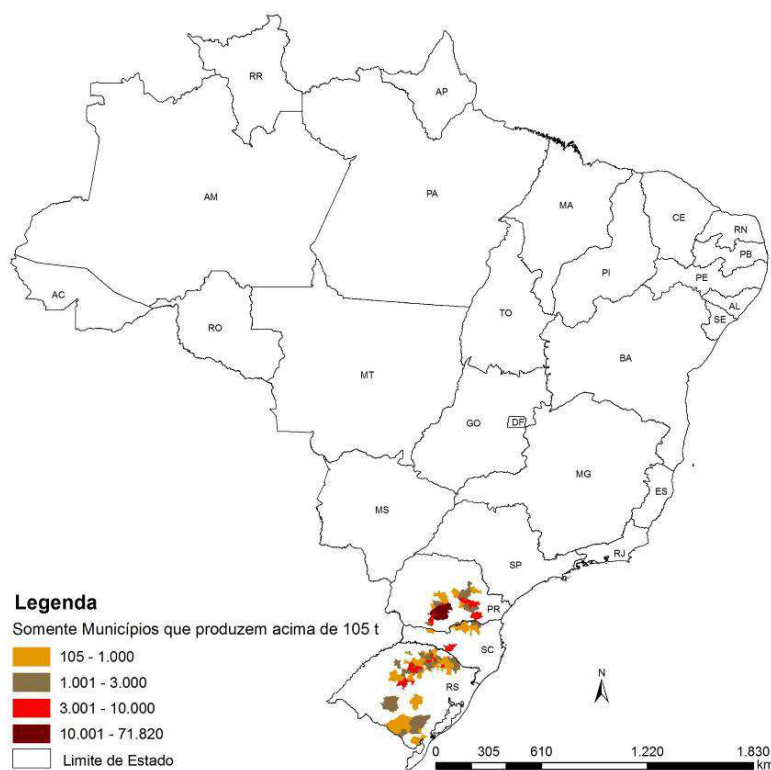
No Rio Grande do Sul uma das empresas lançou um programa de amparo ao produtor, fixando o preço mínimo de R\$ 35,00 por saco de 60 quilogramas, além de garantir os insumos básicos para a implantação das lavouras. Mesmo assim o cultivo é limitado, pois se exige uma alta qualidade de grão, com poder germinativo superior a 95%, tendo em vista que a quase totalidade do produto é destinado à fabricação de malte. A previsão de clima úmido indica que a cultura poderá ter problemas no terço final do ciclo, conforme o ocorrido na safra anterior. A área plantada com cevada prevista até o

momento é de 49,5 mil hectares, 21,4% menos do que a safra 2014/15. A produção total é estimada em 133,7 mil toneladas.

No Paraná o plantio da cevada iniciou no final de maio, principalmente na região sul do estado. Até o momento foi semeada 97% da área, não finalizada por conta do excesso de chuvas. Estima-se uma área plantada de 51,4 mil hectares, 3,3% menor do que a safra passada e produção total de 206,3 mil toneladas.

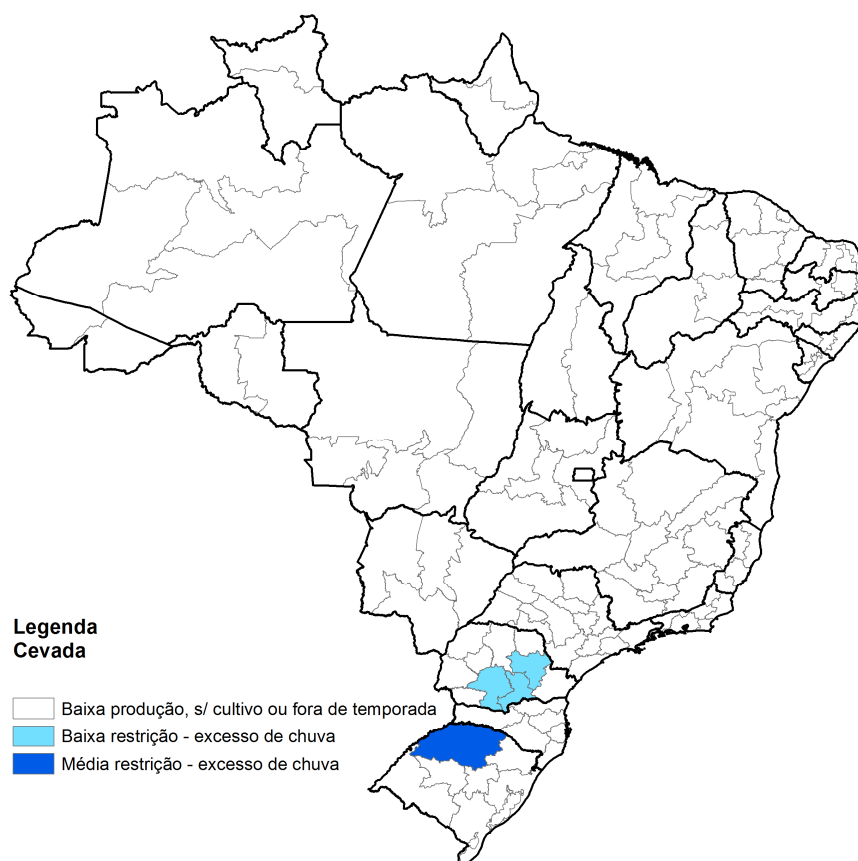
Em Santa Catarina, da mesma forma que ocorre com o trigo, as condições climáticas têm sido desfavoráveis à implantação da cultura em grande parte das regiões produtoras. O plantio foi dificultado e os tratos culturais estão sendo prejudicados pelo excesso de umidade do solo. Apesar disso as condições das lavouras já implantadas é considerada boa, haja vista estarem no início do desenvolvimento vegetativo. O cultivo da cevada está sendo fomentado por empresas do setor de malte, intermediado por cooperativas, as quais fornecem os insumos e assistência técnica e receberão a produção, sendo esta transferida para a maltaria. O negócio segue regras constantes em contrato firmado entre as empresas e o produtor, o qual receberá um valor fixo de acordo com a qualidade do produto entregue. Caso as condições climáticas persistirem durante as fases de floração e preenchimento dos grãos, não se descarta a redução da qualidade e inviabilidade do aproveitamento do cereal para uso das maltarias, já que para serem usadas como malte, eles devem ter altos índices germinativos, além de boa sanidade. Estima-se um aumento de 180% na área plantada, passando de mil hectares para 2,8 mil hectares. Com a manutenção da produtividade, a produção total é estimada em 9,2 mil toneladas.

Figura 39 – Mapa da produção agrícola – Cevada



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 40 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab.

Tabela 37 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Cevada	- noroeste do RS (DV) - leste, sudeste e centro sul do PR (DV)			

Legenda: * (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Restrição de baixa intensidade.

Fonte: Conab.

Quadro 20 – Calendário de plantio e colheita – Cevada

REGIÃO/UF	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
SUL		C							P			
PR		C							P	P		
SC		C							P	P		
RS		C							P			
CENTRO-SUL		C							P			
BRASIL		C							P			

Legenda: P - Concentração do plantio; C - Concentração da colheita;

Fonte: Conab.

Plantio e colheita ocorrendo na mesma época.

Tabela 38 – Comparativo de área, produtividade e produção – Cevada

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	117,2	103,7	(11,5)	2.606	3.367	29,2	305,4	349,2	14,3
PR	53,2	51,4	(3,3)	3.547	4.014	13,2	188,7	206,3	9,3
SC	1,0	2,8	180,0	3.300	3.300	-	3,3	9,2	178,8
RS	63,0	49,5	(21,4)	1.800	2.700	50,0	113,4	133,7	17,9
CENTRO-SUL	117,2	103,7	(11,5)	2.606	3.367	29,2	305,4	349,2	14,3
BRASIL	117,2	103,7	(11,5)	2.606	3.367	29,2	305,4	349,2	14,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2015.

10.2.5. Trigo

A cultura do trigo era caracterizada historicamente como cultura de inverno e produzida quase que exclusivamente na Região Sul do Brasil. Através da pesquisa para melhoramento genético, as plantações de trigo espalharam-se por outras regiões do Brasil, como o Centro-Oeste e Sudeste.

No Paraná, principal estado produtor de trigo do Brasil, 98% da safra de trigo está semeada e os dados indicam uma redução de 4,9% na área plantada, porém espera-se aumento de 8,5% na produtividade, compensando a redução da área e atingindo uma produção total de 3,2% maior do que a safra passada. As lavouras estão, em sua maioria, em estágio vegetativo e floração. Houve um pequeno atraso na finalização no plantio do trigo devido ao excesso de chuvas nos dois primeiros decêndios de julho. A diminuição de área é justificada pelas condições comerciais desfavoráveis, elevação dos custos de produção, assim como, pela adequação do escalonamento das culturas, já que o trigo influencia no calendário de plantio da soja primeira safra, que necessita ser plantada mais cedo a fim de evitar a ação da ferrugem asiática (*Phakopsora pachyrhizie* ou *Phakopsora* sp.) na cultura da soja. Estima-se que os produtores comercializaram antecipadamente 5% da safra.

No Rio Grande do Sul as culturas de inverno na safra 2013/14 sofreram com problemas climáticos que impactaram sobremaneira os dados de produtividade e produção total. Os eventos pretéritos contribuíram para a decisão dos agricultores e, no caso do trigo, os indicativos iniciais de redução de área estão se confirmando. Não se pode afirmar, todavia, que são números finais, pois os eventos climáticos do mês de julho, citados no preâmbulo do presente texto, atrasaram a finalização do plantio e podem alterar ainda mais no número final da área plantada. Os mesmos fenômenos climáticos influenciam negativamente no desenvolvimento da cultura, que ficam suscetíveis ao ataque de pragas e doenças, visto que tais fenômenos ainda prejudicam o manejo e os tratamentos culturais.

Cabe destacar que, conforme informações, os produtores gaúchos que optaram em plantar trigo utilizam, em geral, um alto nível tecnológico. Utilizam-se das culturas de inverno para realização de controle de plantas daninhas das culturas de verão. Um exemplo claro é o plantio de culturas de inverno para o controle da Buva (*Conyza bonariensis*), invasora de difícil controle durante o cultivo da soja.

Em Santa Catarina as informações indicam redução em todos os índices analisados, quando comparados com a safra anterior. Serão 14,1% de redução na área, 1,3% na produtividade e 15,3% na produção total.

Alguns sintomas visualizados no campo indicam os problemas que estão sendo

enfrentados pelos agricultores catarinenses, conforme segue:

- folhas com tonalidade de verde claro, devido à pouca luminosidade provocando a redução da atividade fotossintética e lixiviação da adubação de base;
- falta de nitrogênio de cobertura o que reduz o desenvolvimento vegetativo da planta;
- manchas foliares devido a doenças, pois não há possibilidade de aplicação de fungicidas e inseticidas;
- controle de invasoras prejudicado, devido ao excesso de chuvas na região.

Como as lavouras catarinenses estão em sua maioria na fase vegetativa, há possibilidade de recuperação das lavouras a partir da capacidade de resiliência² das culturas.

A produção de trigo no Brasil central concentra-se em Goiás, Distrito Federal, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais e São Paulo, na sua maioria irrigada. O fenômeno de se ampliar o cultivo do trigo para áreas além da região subtropical, tem como objetivos: a busca de alternativas para o abastecimento do mercado interno de trigo, a partir do aumento da produção; se evitar problemas bióticos (pragas e doenças) e abióticos (principalmente condições climáticas); questões referentes à logística, armazenamento, beneficiamento e distribuição do trigo e seus derivados.

Em Minas Gerais o bom regime de chuvas entre março e julho favoreceu as culturas de inverno. O plantio de trigo foi realizado em março, abril e maio. Estima-se uma área plantada de 78 mil hectares, 14,7% maior em relação à safra anterior. A área total de cultivo apresenta cerca de 65 a 70% cultivada em regime de sequeiro e 25 a 30% conduzida com irrigação. O crescimento na área de plantio ocorreu sobre as áreas de feijão segunda safra devido ao difícil controle de mosca-branca, e sobre as áreas de feijão terceira safra e olericultura, conduzidas sob pivôs de irrigação. Espera-se uma produção de 241,2 mil toneladas, que representa um aumento de 18,1% em relação à safra passada. As lavouras encontram-se em fase de maturação, com colheita prevista para agosto.

Em São Paulo há uma sinalização positiva para os dados da cultura do trigo, motivada pela expectativa de que os preços possam reagir em médio prazo. As boas condições climáticas naquele estado indicam para uma produtividade 24,8% maior do que a safra 2013/14. Somando-se ao aumento de 5,4% na área plantada, se alcançará uma produção total de 197,7 mil toneladas, 31,5% maior do que a safra passada.

Em Mato Grosso do Sul o excesso de chuvas em julho vem ocasionando prejuízos no desenvolvimento da cultura do trigo, embora não impacte nos números pesquisados naquele estado. O aumento da área plantada foi devido, principalmente, à área do município de Ponta Porã, que dobrou em relação ao levantamento anterior.

O trigo do cerrado caracteriza-se por ser plantado em sistema irrigado. Além do controle do principal fator condicionante para a produção, o triticultor da Região Central do Brasil tem a vantagem de que o trigo do cerrado é o primeiro colhido no país, o que favorece a sua comercialização. Além do preço do produto estar atrativo, geralmente a qualidade deste trigo é muito boa, influenciando ainda mais no preço recebido pelo produtor.

No Distrito Federal o plantio está finalizado. Os produtores atrasaram o plantio para depois do dia 10 de maio, para escapar das chuvas e de doenças, principalmente a

² Segundo Sentelhas & Monteiro (2009, apud MAVI & TUPPER, 2004), resiliência não é um conceito criado para a agricultura, mas sim adaptado para a sua utilização nos estudos da capacidade dos sistemas agrícolas se recuperarem diante de um "estado de risco", proporcionado por condições adversas como clima desfavorável, ataque de pragas, doenças, por exemplo. (In: Instituto Nacional de Meteorologia - INMET. Agrometeorologia dos Cultivos: o fator meteorológico na produção agrícola. Org: MONTEIRO, José Eduardo B. A. . Brasília, DF. 2009. p. 3-12.)

brusone, que é de difícil controle. O atraso no plantio permitiu que o trigo chegasse ao período reprodutivo sem chuvas, com temperatura e umidade relativa do ar baixas, o que favorece a sanidade. O trigo que é cultivado na região do Programa de Assentamento Dirigido do Distrito Federal (PAD/DF) é considerado o melhor para a fabricação de pães. São vários aspectos que valorizam a farinha de trigo da região e a caracterizam como a melhor do país, dentre eles pode-se destacar a genética desenvolvida pela Embrapa para atender, sobretudo, o mercado de panificação. O clima bem definido, bastante seco na época da colheita, com umidade relativa do ar baixa e alta luminosidade favorecem a sanidade das plantas.

Em Goiás haverá aumento de 2,5% na área plantada. Há relatos de ataque de brusone (*Pyricularia grisea* ou *Magnaporthe grisea*) na região de Campo Alegre, na cultura de sequeiro. Porém a maioria das áreas é irrigada, o que favorece o bom desenvolvimento da cultura. A maior parte da cultura encontra-se em maturação, aguardando atingir umidade ideal para colheita.

Tabela 39 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*.

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Trigo	<ul style="list-style-type: none"> - sul de SP, exceto regiões pontuais (FR) - sudoeste do RS, exceto regiões pontuais (DV) 	<ul style="list-style-type: none"> - sudoeste do MS (FR/M) - regiões pontuais do sul de SP (DV)** - norte, oeste, leste do PR (F/FR) - centro sul, sudeste e sudoeste do PR (DV) - norte e centro do RS (DV) - regiões pontuais do sudoeste do RS (DV)** - oeste de SC (DV) 	- noroeste e Triângulo de MG - irrigado (M/C)	

Legenda: * (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Restrição de baixa intensidade

Fonte: Conab.

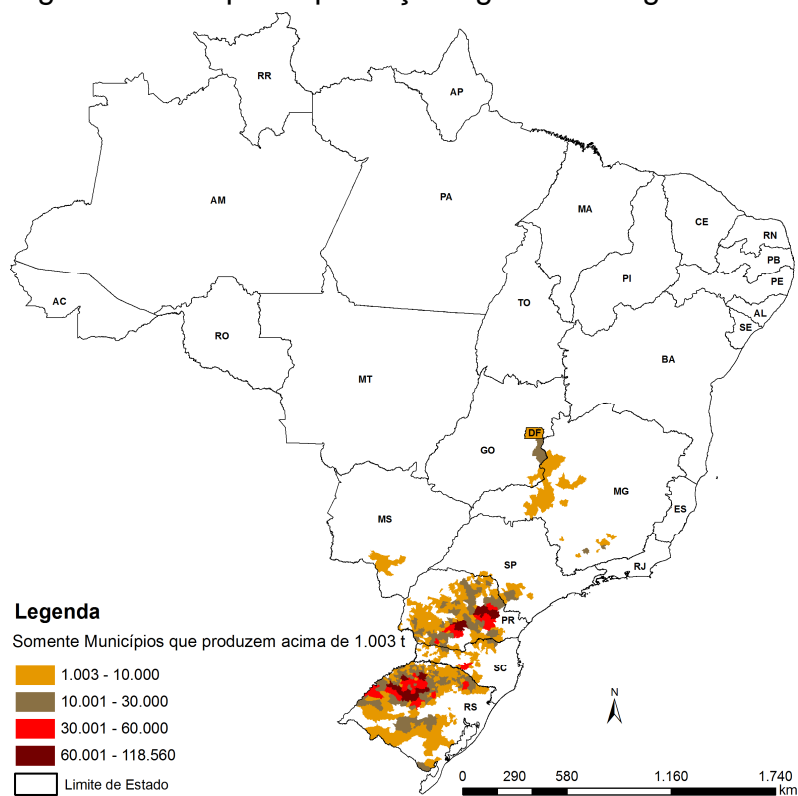
Tabela 40 – Comparativo de área, produtividade e produção – Trigo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2014 (a)	Safra 2015 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 2014 (c)	Safra 2015 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 2014 (e)	Safra 2015 (f)	VAR. % (f/e)
CENTRO-OESTE	23,3	26,7	14,6	3.682	3.558	(3,4)	85,8	95,0	10,7
MS	12,0	15,0	25,0	2.000	2.000	-	24,0	30,0	25,0
GO	9,9	10,1	2,5	5.397	5.485	1,6	53,4	55,4	3,7
DF	1,4	1,6	14,3	6.000	6.000	-	8,4	9,6	14,3
SUDESTE	130,5	143,9	10,3	2.717	3.050	12,3	354,6	438,9	23,8
MG	68,0	78,0	14,7	3.004	3.092	2,9	204,3	241,2	18,1
SP	62,5	65,9	5,4	2.404	3.000	24,8	150,3	197,7	31,5
SUL	2.604,2	2.282,7	(12,3)	2.124	2.831	33,3	5.530,7	6.461,6	16,8
PR	1.388,5	1.320,5	(4,9)	2.731	2.963	8,5	3.792,0	3.912,6	3,2
SC	75,7	65,0	(14,1)	2.939	2.900	(1,3)	222,5	188,5	(15,3)
RS	1.140,0	897,2	(21,3)	1.330	2.631	97,8	1.516,2	2.360,5	55,7
CENTRO-SUL	2.758,0	2.453,3	(11,0)	2.165	2.851	31,7	5.971,1	6.995,5	17,2
BRASIL	2.758,0	2.453,3	(11,0)	2.165	2.851	31,7	5.971,1	6.995,5	17,2

Fonte: Conab.

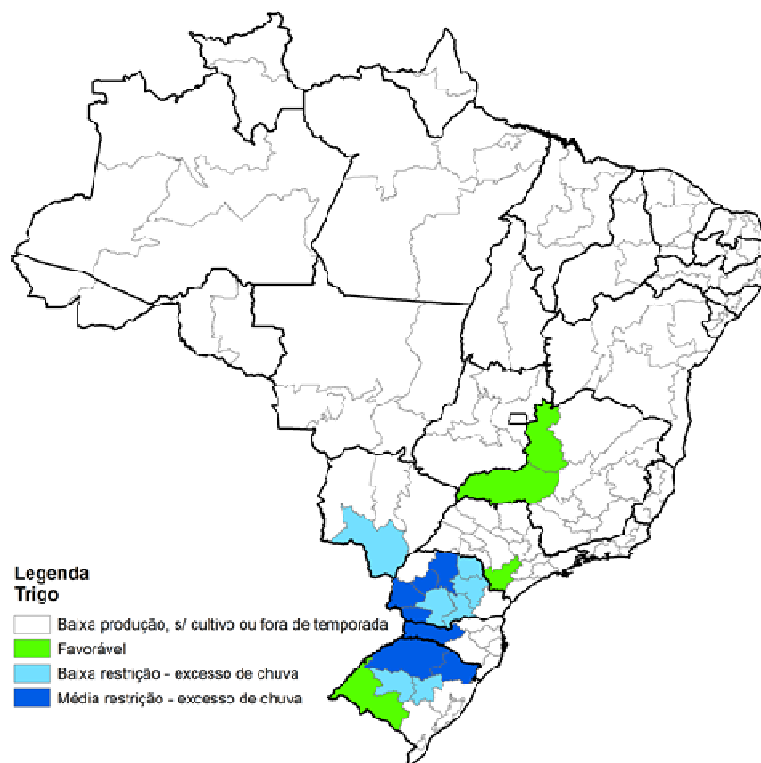
Nota: Estimativa em agosto/2015.

Figura 41 – Mapa da produção agrícola – Trigo



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 42 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab.

Quadro 21 – Calendário de plantio e colheita – Trigo

REGIÃO/UF	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
CENTRO-OESTE							P				C	
MS							P				C	
GO							P				C	
DF							P				C	
SUDESTE							P	P				C
MG							P	P			C	C
SP							P	P				C
SUL	C	C							P			
PR	C							P				C
SC		C								P		
RS		C							P			
CENTRO-SUL	C	C						P	P			
BRASIL	C	C						P	P			

Legenda: P - Concentração do plantio; C - Concentração da colheita;

Plantio e colheita ocorrendo na mesma época.

Fonte: Conab.

10.2.5.1. Oferta e Demanda

Os números de produção de trigo divulgados pela Conab, para os anos de 2012 a 2014, exigiram uma reanálise do suprimento e uso dessa commodity de alto consumo no Brasil, no sentido de evitar que ocorra estoques de passagem negativos no final do período.

Quanto ao suprimento, estão definidos os itens de produção e importação que são divulgados pela Conab e Secretaria de Comércio Exterior (Secex), respectivamente, não sendo passíveis de alteração. A reavaliação considerou os parâmetros que se seguem, com atenção para os estoques de passagem que não devem ser inferiores a um mês de consumo industrial, de acordo com informações do segmento industrial.

A indústria de moagem, entre 2007 e 2012, passou por um período crítico, vez que as importações de farinha de trigo da Argentina impuseram perdas elevadas e sérios prejuízos à indústria nacional. A entrada indiscriminada de farinha de trigo através das importações retirou da indústria moageira cerca de 1 milhão de toneladas de trigo em grão, anualmente, aumentando a ociosidade do parque industrial aqui instalado, com a redução da demanda por matéria-prima substituída pela farinha importada.

Em 2013/14, constatou-se uma evolução positiva no desempenho da indústria impulsionada pela ausência da farinha importada da Argentina, objeto de políticas de governo com vistas a manter o mercado interno do país bem ofertado tanto de farinha como de trigo em grão. Assim, a oferta interna de grãos de trigo no Brasil foi expandida pelas restrições às importações e pela não exportação de cerca de 1,6 milhão de toneladas, como ocorrido no ano anterior e posterior, favorecendo maior beneficiamento de grãos em cerca de 12%.

Para o ano safra 2014/15, que se encerrou em julho, os dados de importação e exportação foram divulgados dia 6 de agosto pelo Mdic/Secex, com valores de 5.238,8 mil e 1.680,5 mil toneladas, respectivamente. As exportações com origem no Rio Grande do Sul foram de 1.490,4 mil toneladas.

Esse período se caracterizou pelo recrudescimento dos problemas na atividade econômica que exigiu a implantação de ajustes na economia com reflexos no emprego, renda e consumo. Os preços administrados foram majorados, elevando os custos de produção, com reflexos nas atividades de transporte e produção.

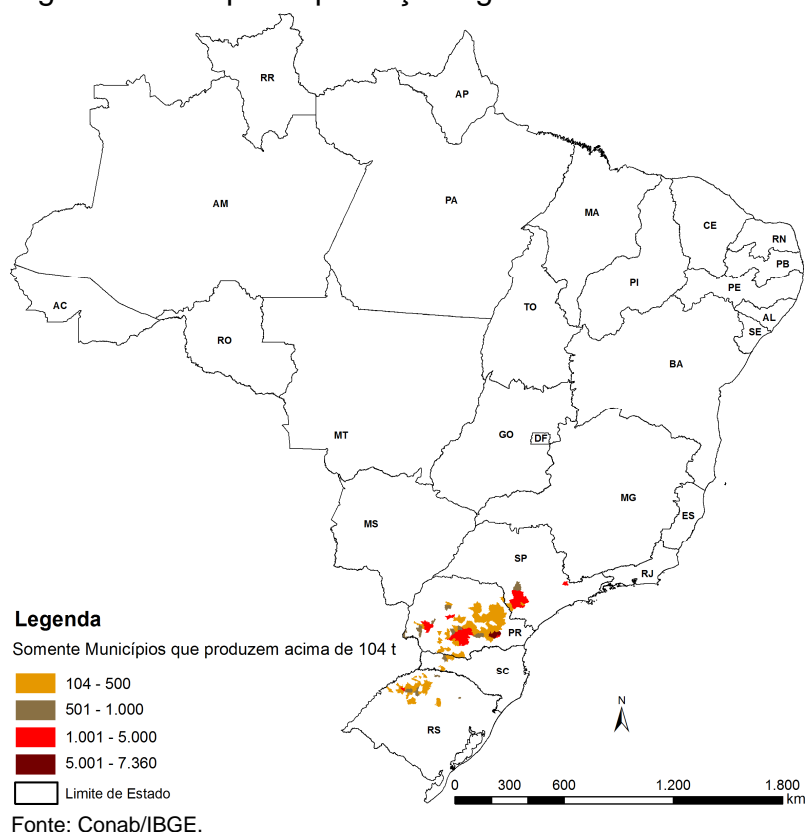
Dessa forma, a indústria moageira, com 206 unidades dispersas pelo país, concentrada no Rio Grande do Sul, Paraná e São Paulo, sentiu os efeitos do desajuste

econômico que afetou o pleno desenvolvimento da cadeia produtiva, devido às restrições do consumo final, com reflexos nos supermercados, indústrias de massas, biscoitos e pães, afetando, também, os moinhos e produtores da matéria-prima. Nessa conjuntura, o desempenho da indústria moageira e o consumo final, declinaram cerca de 6%, com expectativa de recuperação em 2015/16.

Nessa conjuntura, a demanda global brasileira poderá ser de 11,3 milhões de toneladas, incluindo trigo para sementes, e o estoque de passagem de 1,1 milhão de toneladas pouco acima do consumo industrial mensal estimado em 904 mil toneladas.

10.2.6. Triticale

Figura 43 – Mapa da produção agrícola – Triticale



Quadro 21 – Calendário de plantio e colheita – Triticale

REGIÃO/UF	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
SUDESTE								P				C
SP	C							P				C
SUL		C						P	P			
PR		C							P			
SC		C							P	P		
RS		C						P	P			
CENTRO-SUL								P				C
BRASIL												

Legenda: P - Concentração do plantio; C - Concentração da colheita; Plantio e colheita ocorrendo na mesma época.
Fonte: Conab.

Tabela 41 – Comparativo de área, produtividade e produção – Tríticale

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2014 (a)	Safra 2015 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 2014 (c)	Safra 2015 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 2014 (e)	Safra 2015 (f)	VAR. % (f/e)
SUDESTE	20,0	4,2	(79,0)	2.400	2.643	10,1	48,0	11,1	(76,9)
SP	20,0	4,2	(79,1)	2.400	2.639	10,0	48,0	11,1	(76,9)
SUL	19,1	17,1	(10,5)	2.503	2.591	3,5	47,8	44,3	(7,3)
PR	12,8	10,8	(15,5)	2.713	2.892	6,6	34,7	31,2	(10,1)
SC	0,6	0,6	-	2.600	2.600	-	1,6	1,6	-
RS	5,7	5,7	-	2.015	2.015	-	11,5	11,5	-
CENTRO-SUL	39,1	21,3	(45,5)	2.450	2.601	6,2	95,8	55,4	(42,2)
BRASIL	39,1	21,3	(45,5)	2.450	2.601	6,2	95,8	55,4	(42,2)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2015.

11. Balanço de oferta e demanda

Tabela 42 – Tabela do balanço de oferta e demanda de algodão, arroz, feijão, milho, complexo soja e trigo.

Em 1.000 toneladas								
PRODUTO	SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
ALGODÃO EM PLUMA	2009/10	394,2	1.194,1	39,2	1.627,5	1.039,0	512,5	76,0
	2010/11	76,0	1.959,8	144,2	2.180,0	900,0	758,3	521,7
	2011/12	521,7	1.893,3	3,5	2.418,5	895,2	1.052,8	470,5
	2012/13	470,5	1.310,3	17,4	1.798,2	920,2	572,9	305,1
	2013/14	305,1	1.734,0	31,5	2.070,6	820,0	748,6	502,0
	2014/15	502,0	1.504,1	10,0	2.016,1	800,0	790,0	426,1
ARROZ EM CASCA	2009/10	2.531,5	11.660,9	1.044,8	15.237,2	12.152,5	627,4	2.457,3
	2010/11	2.457,3	13.613,1	825,4	16.895,8	12.236,7	2.089,6	2.569,5
	2011/12	2.569,5	11.599,5	1.068,0	15.237,0	11.656,5	1.455,2	2.125,3
	2012/13	2.125,3	11.819,7	965,5	14.910,5	12.617,7	1.210,7	1.082,1
	2013/14	1.082,1	12.121,6	807,2	14.010,9	12.000,0	1.188,4	822,5
	2014/15	822,5	12.432,1	750,0	14.004,6	12.000,0	1.250,0	754,6
FEIJÃO	2009/10	317,7	3.322,5	181,2	3.821,4	3.450,0	4,5	366,9
	2010/11	366,9	3.732,8	207,1	4.306,8	3.600,0	20,4	686,4
	2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
	2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
	2013/14	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
	2014/15	303,8	3.166,3	130,0	3.600,1	3.350,0	65,0	185,1
MILHO	2009/10	7.112,8	56.018,1	391,9	63.522,8	46.967,6	10.966,1	5.589,1
	2010/11	5.589,1	57.406,9	764,4	63.760,4	49.029,3	9.311,9	5.419,2
	2011/12	5.419,2	72.979,5	774,0	79.172,7	52.425,2	22.313,7	4.433,8
	2012/13	4.433,8	81.505,7	911,4	86.850,9	54.113,8	26.174,1	6.563,0
	2013/14	6.563,0	80.051,7	790,7	87.405,4	54.645,1	20.924,8	11.835,5
	2014/15	11.835,5	84.304,3	500,0	96.639,8	55.959,5	26.400,0	14.280,3
SOJA EM GRÃOS	2009/10	674,4	68.688,2	117,8	69.480,4	37.800,0	29.073,2	2.607,2
	2010/11	2.607,2	75.324,3	41,0	77.972,5	41.970,0	32.986,0	3.016,5
	2011/12	3.016,5	66.383,0	266,5	69.666,0	36.754,0	32.468,0	444,0
	2012/13	444,0	81.499,4	282,8	82.226,2	38.694,3	42.791,9	740,0
	2013/14	740,0	86.120,8	578,7	87.439,6	40.332,8	45.691,0	1.415,8
	2014/15	1.415,8	96.203,5	400,0	98.019,3	44.638,9	49.122,7	4.257,6
FARELO DE SOJA	2009/10	1.903,2	26.719,0	39,5	28.661,7	12.944,0	13.668,6	2.049,1
	2010/11	2.049,1	29.298,5	24,8	31.372,4	13.758,0	14.355,0	3.259,4
	2011/12	3.259,4	26.026,0	5,0	29.290,4	14.051,0	14.289,0	950,4
	2012/13	950,4	27.258,0	3,9	28.212,3	14.000,0	13.333,5	878,8
	2013/14	878,8	28.336,0	1,0	29.215,8	14.500,0	13.716,0	999,8
	2014/15	999,8	31.570,0	1,0	32.570,8	14.800,0	15.500,0	2.270,8
ÓLEO DE SOJA	2009/10	302,2	6.766,5	16,2	7.084,9	4.980,0	1.563,8	541,1
	2010/11	541,1	7.419,8	0,1	7.961,0	5.528,0	1.741,0	692,0
	2011/12	692,0	6.591,0	1,0	7.284,0	5.328,0	1.757,1	198,9
	2012/13	198,9	6.903,0	5,0	7.106,9	5.500,0	1.362,5	244,4
	2013/14	244,4	7.176,0	0,1	7.420,5	5.500,0	1.305,0	615,5
	2014/15	615,5	7.995,0	12,0	8.622,5	6.500,0	1.400,0	722,5
TRIGO	2010	2.879,9	5.881,6	5.798,4	14.559,9	9.842,4	2.515,9	2.201,6
	2011	2.201,6	5.788,6	6.011,8	14.002,0	10.144,9	1.901,0	1.956,1
	2012	1.956,1	4.379,5	7.010,2	13.345,8	10.134,3	1.683,8	1.527,7
	2013	1.527,7	5.527,9	6.642,4	13.698,0	11.381,5	47,4	2.269,1
	2014	2.269,1	5.971,1	5.328,8	13.569,0	10.713,7	1.680,5	1.174,8
	2015	1.174,8	6.995,5	5.800,0	13.970,3	11.368,8	1.500,0	1.101,5

Fonte: Conab.

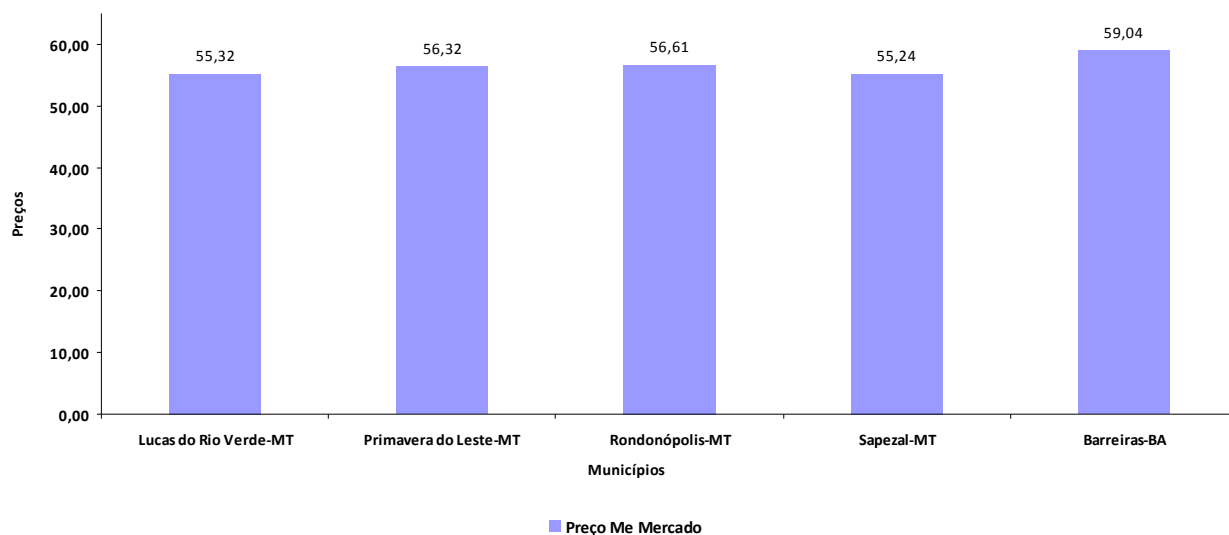
Nota: Estimativa em agosto/2015.

Estoque de Passagem - Algodão, Feijão e Soja: 31 de Dezembro - Arroz 28 de Fevereiro - Milho 31 de Janeiro - Trigo 31 de Julho

12. Anexos

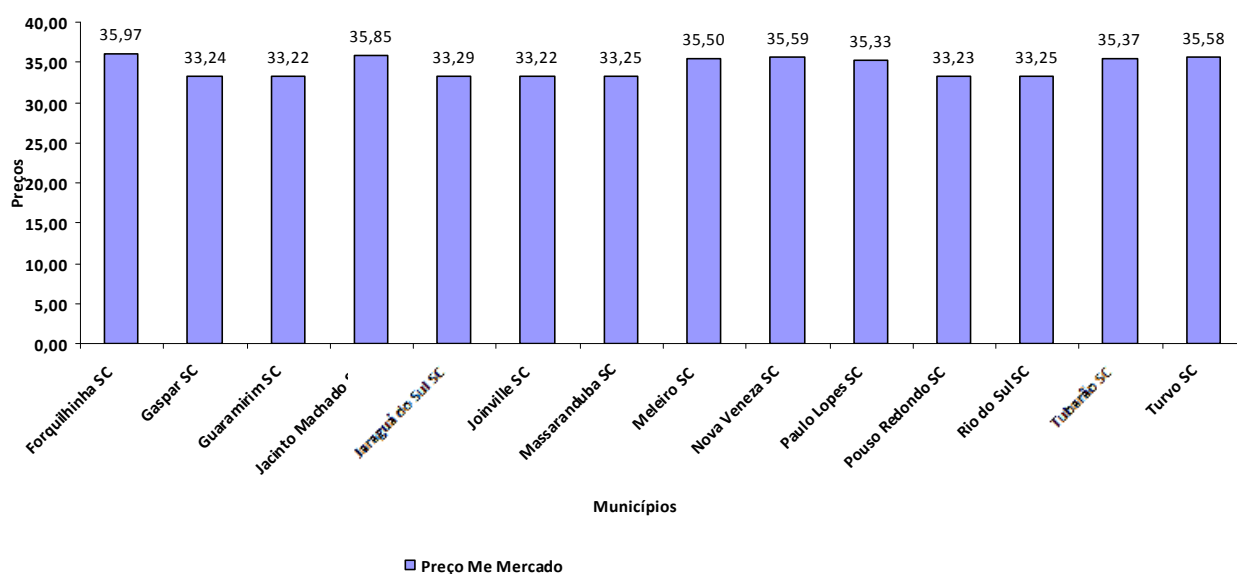
12.1. Preços agropecuários

Gráfico 31 – Preço, por município, de algodão em pluma (15 kg) – Mato Grosso e Bahia – Período: julho de 2014 a julho de 2015



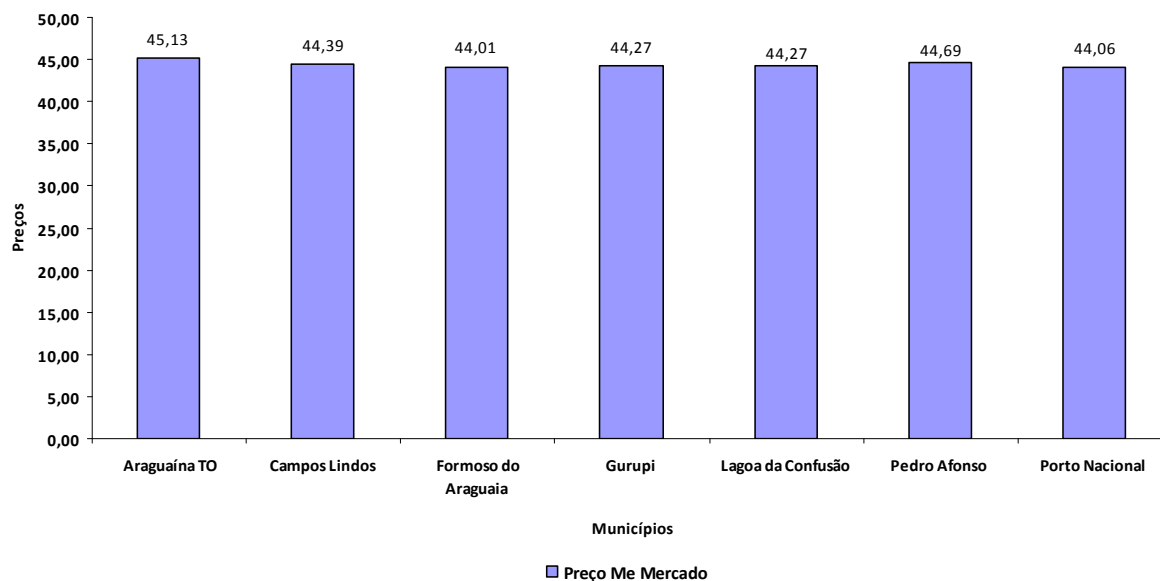
Fonte: Conab.

Gráfico 32 – Preço, por município, de arroz longo fino em casca (50 Kg) – Santa Catarina – Período: julho de 2014 a julho de 2015



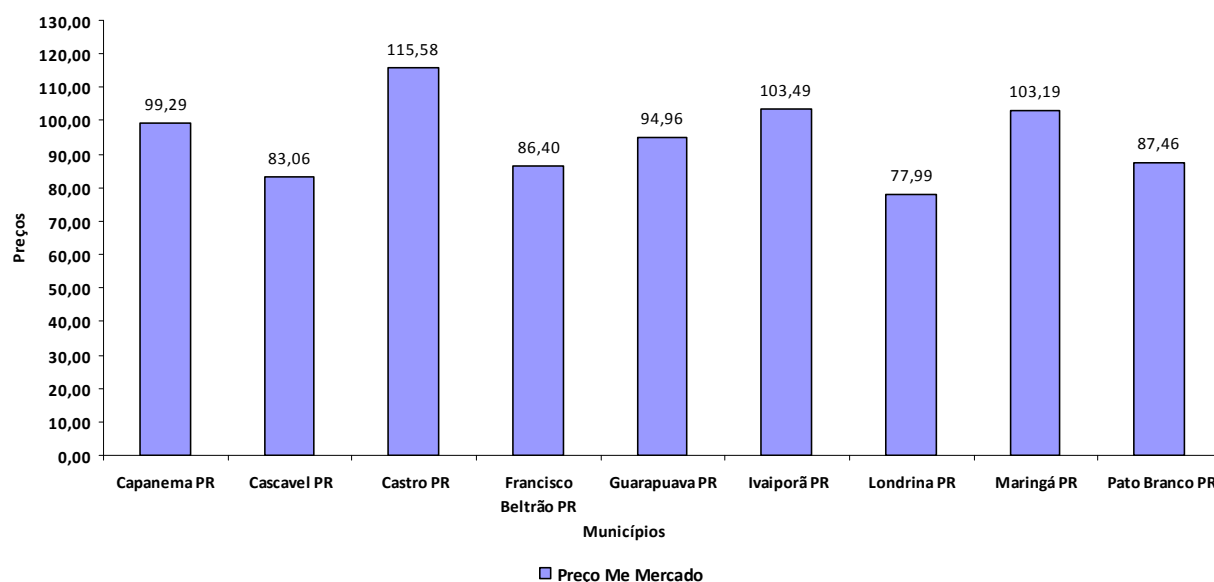
Fonte: Conab.

Gráfico 33 – Preço, por município, de arroz longo fino em casca Tipo 1 (60 kg) – Tocantins – Período: julho de 2014 a julho de 2015



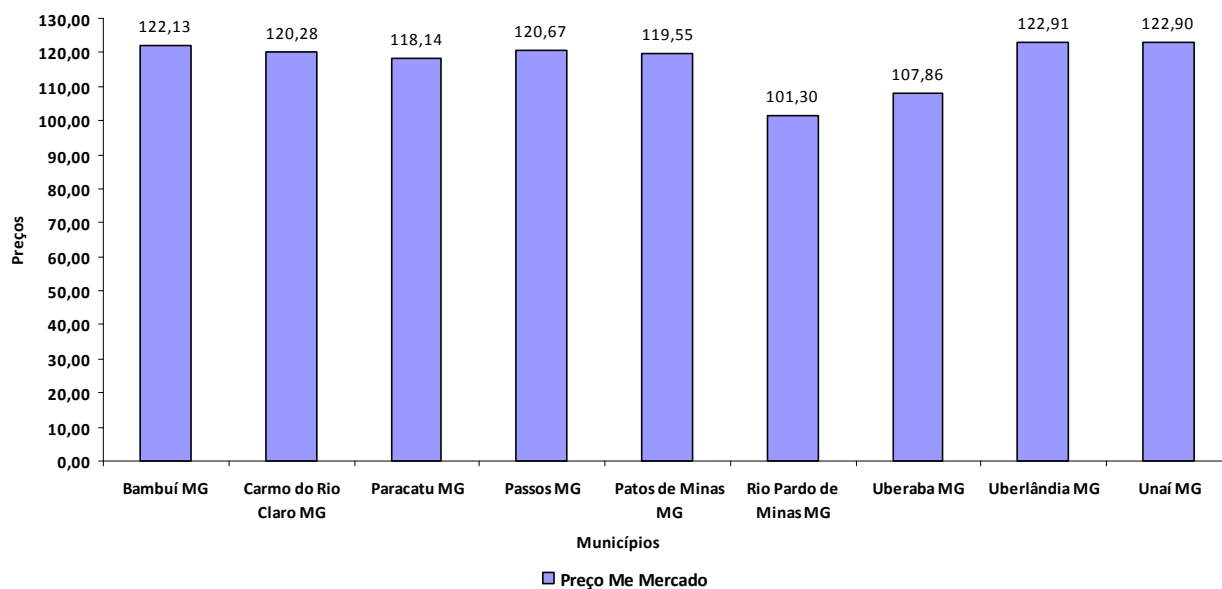
Fonte: Conab.

Gráfico 34 – Preço, por município, de feijão cores (60 Kg) – Paraná – Período: julho de 2014 a julho de 2015



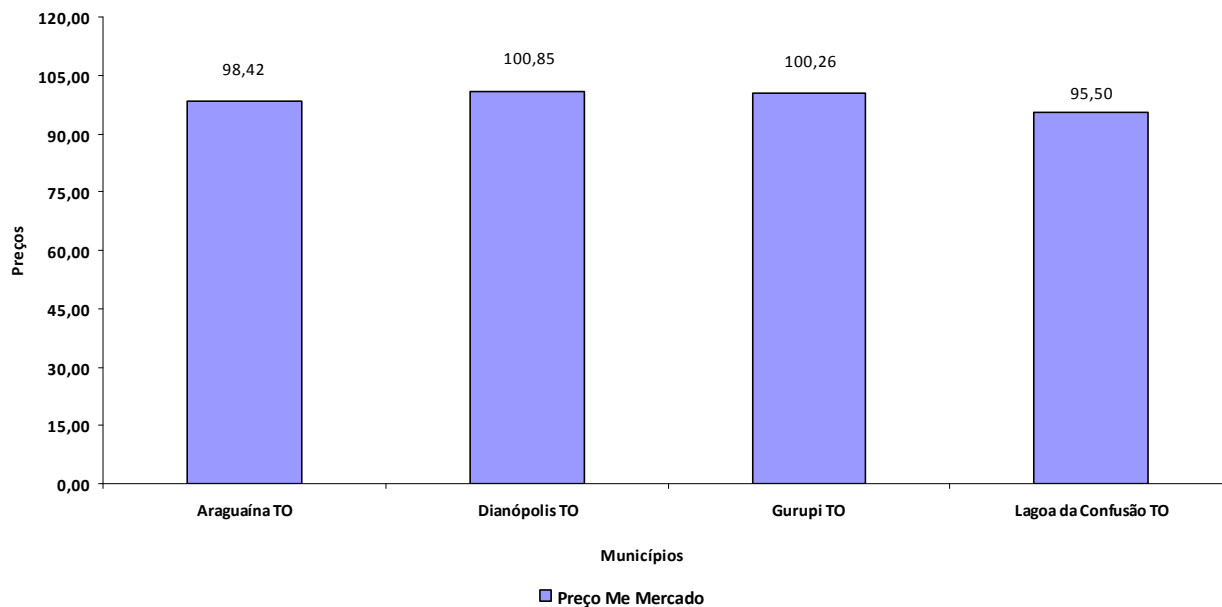
Fonte: Conab.

Gráfico 35 – Preço, por município, de feijão cores (60 Kg) – Minas Gerais – Período: julho de 2014 a julho de 2015



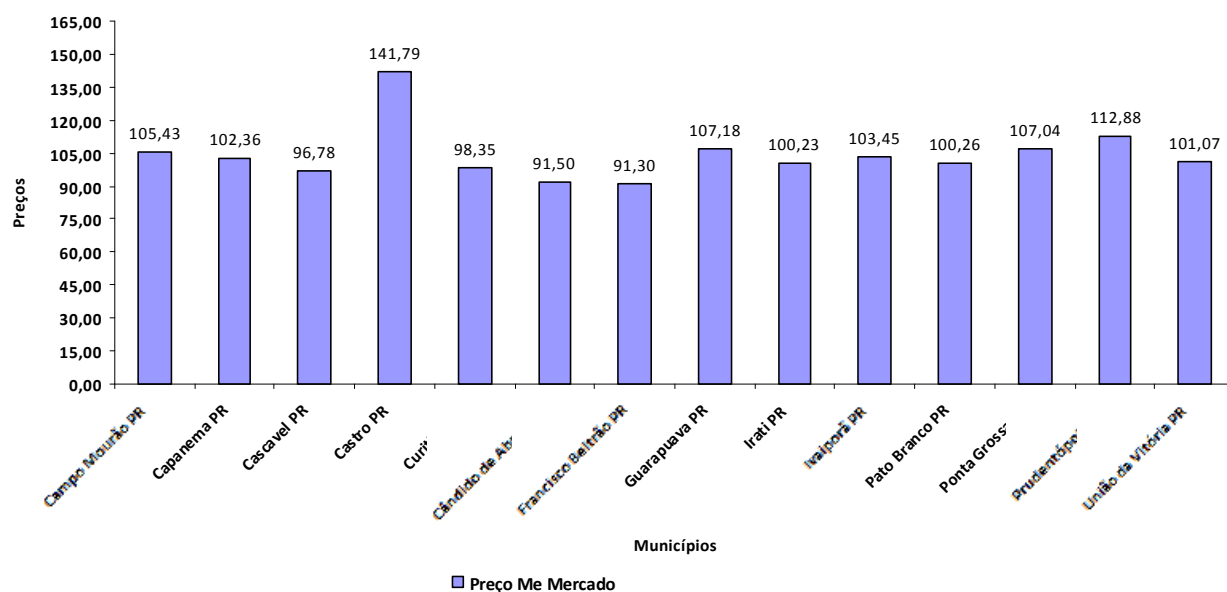
Fonte: Conab.

Gráfico 36 – Preço, por município, de feijão cores (60 Kg) – Tocantins – Período: julho de 2014 a julho de 2015



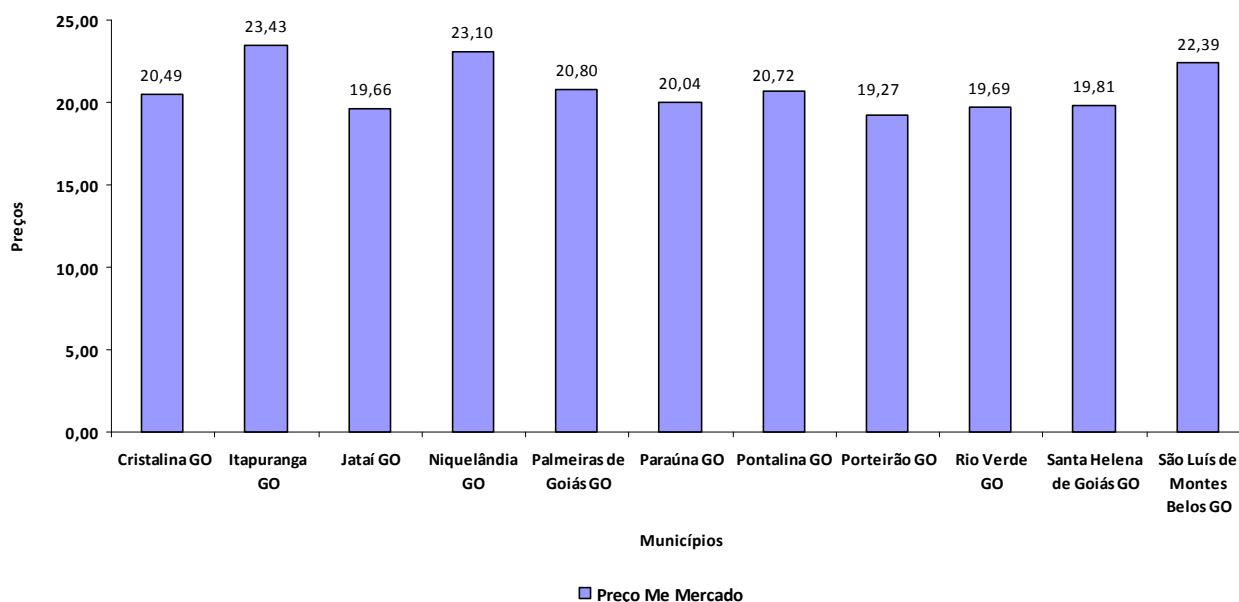
Fonte: Conab.

Gráfico 37 – Preço, por município, de feijão preto (60 Kg) – Paraná – Período: julho de 2014 a julho de 2015



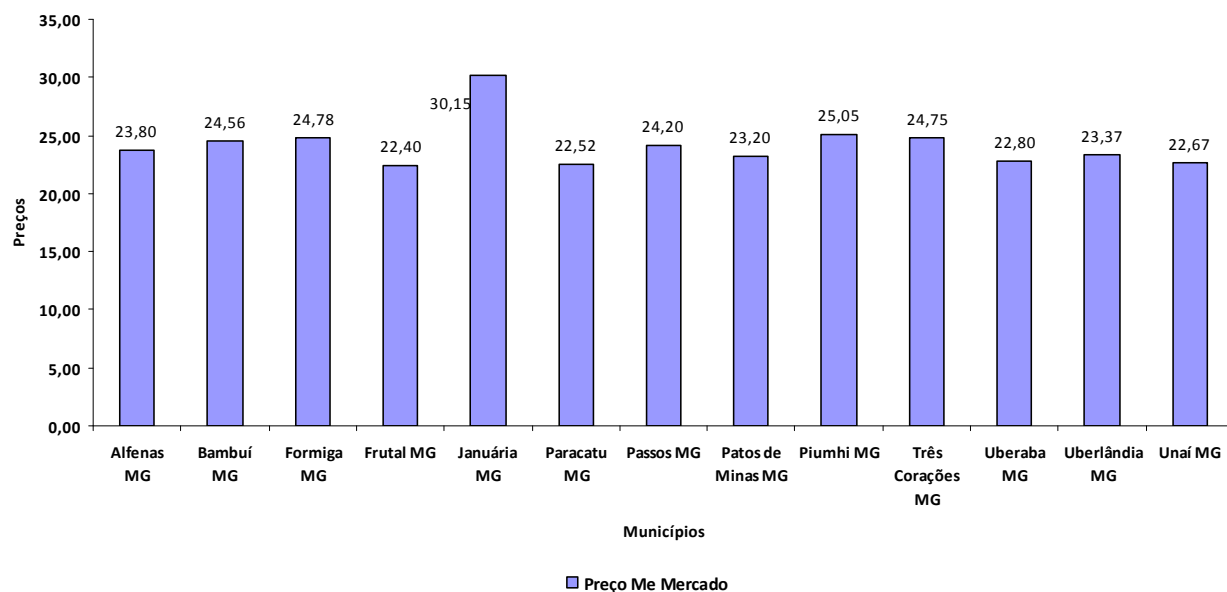
Fonte: Conab.

Gráfico 38 – Preço, por município, de milho (60 Kg) – Goiás – Período: julho de 2014 a julho de 2015



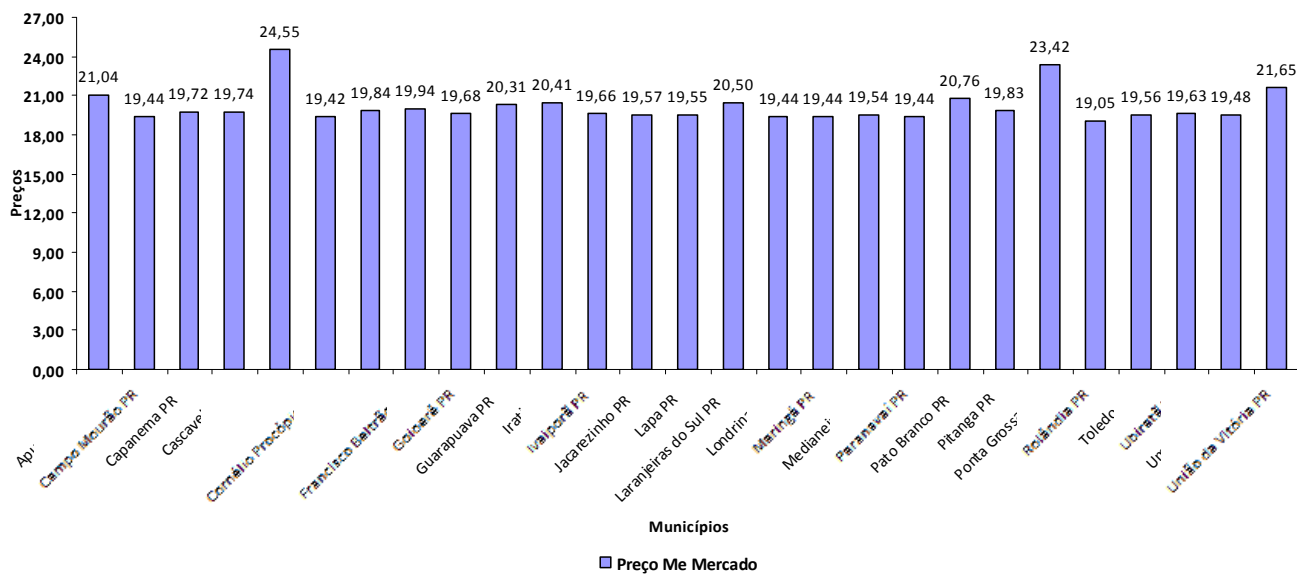
Fonte: Conab.

Gráfico 39 – Preço, por município, de milho (60 Kg) – Minas Gerais – Período: julho de 2014 a julho de 2015



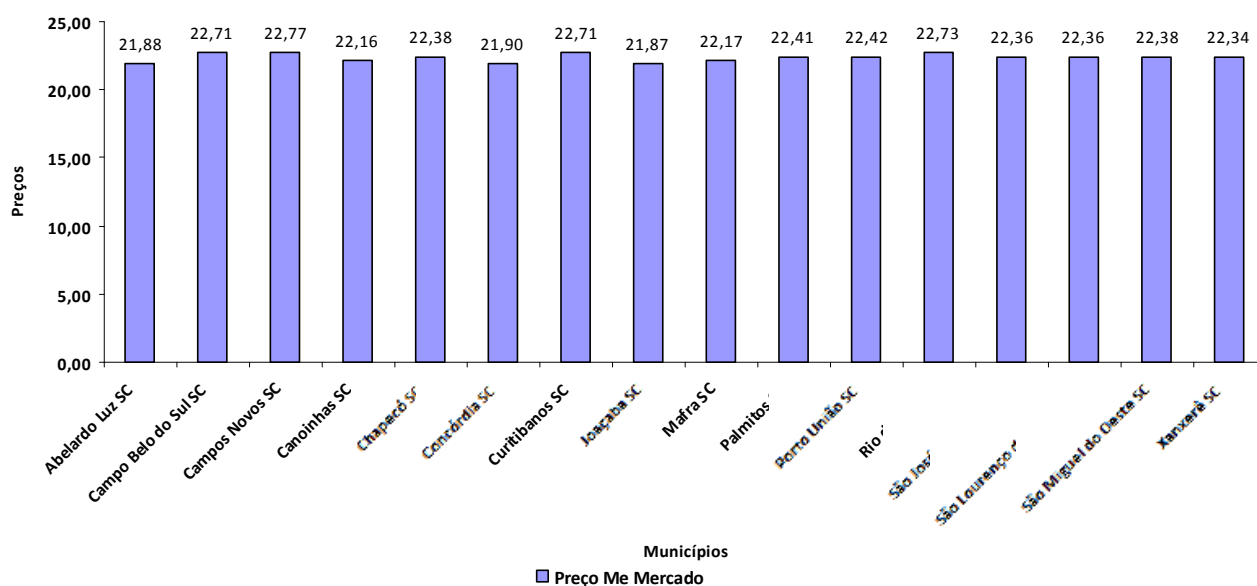
Fonte: Conab.

Gráfico 40 – Preço, por município, de milho (60 Kg) – Paraná – Período: julho de 2014 a julho de 2015



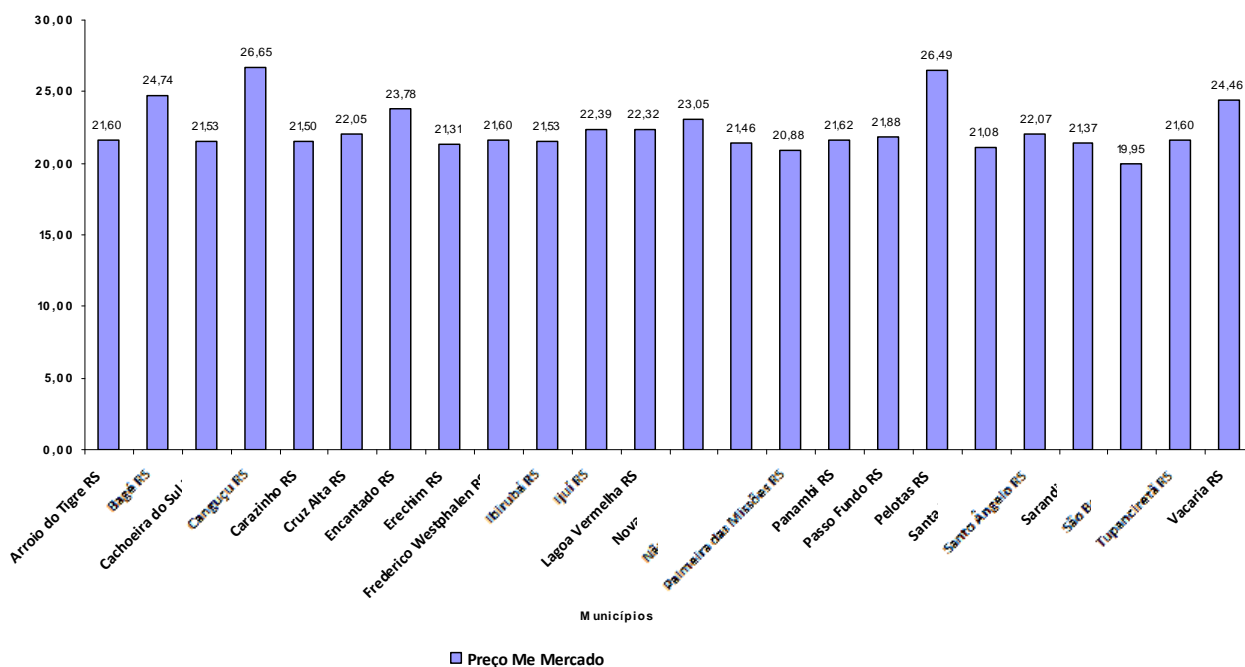
Fonte: Conab.

Gráfico 41 – Preço, por município, de milho (60 Kg) – Santa Catarina – Período: julho de 2014 a julho de 2015



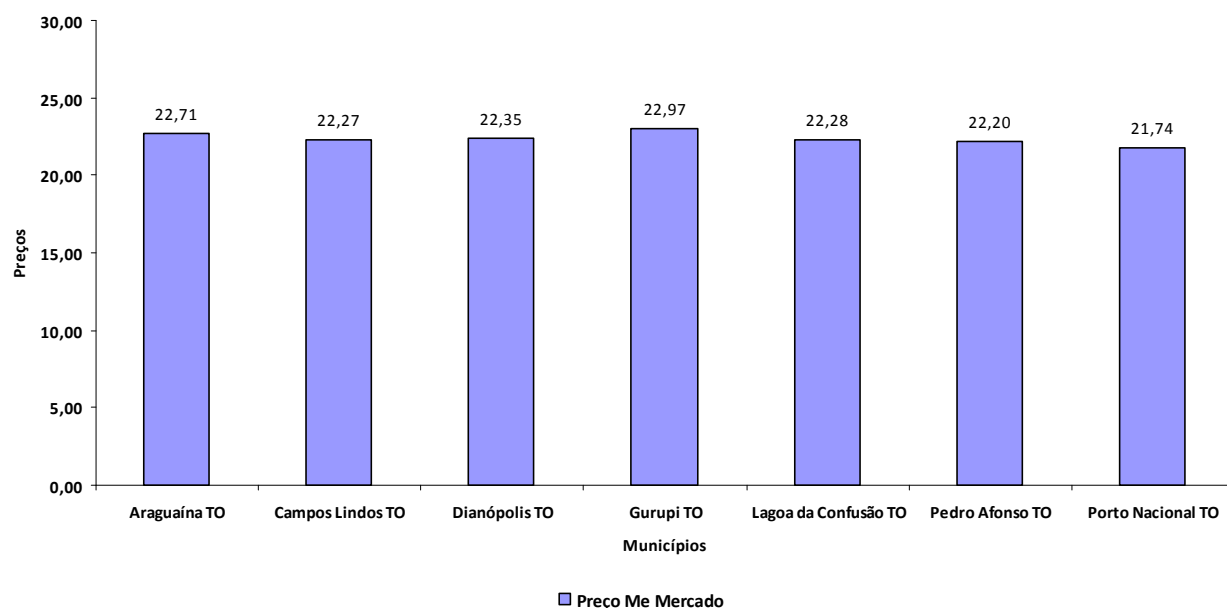
Fonte: Conab.

Gráfico 42 – Preço, por município, de milho (60 Kg) – Rio Grande do Sul – Período: julho de 2014 a julho de 2015



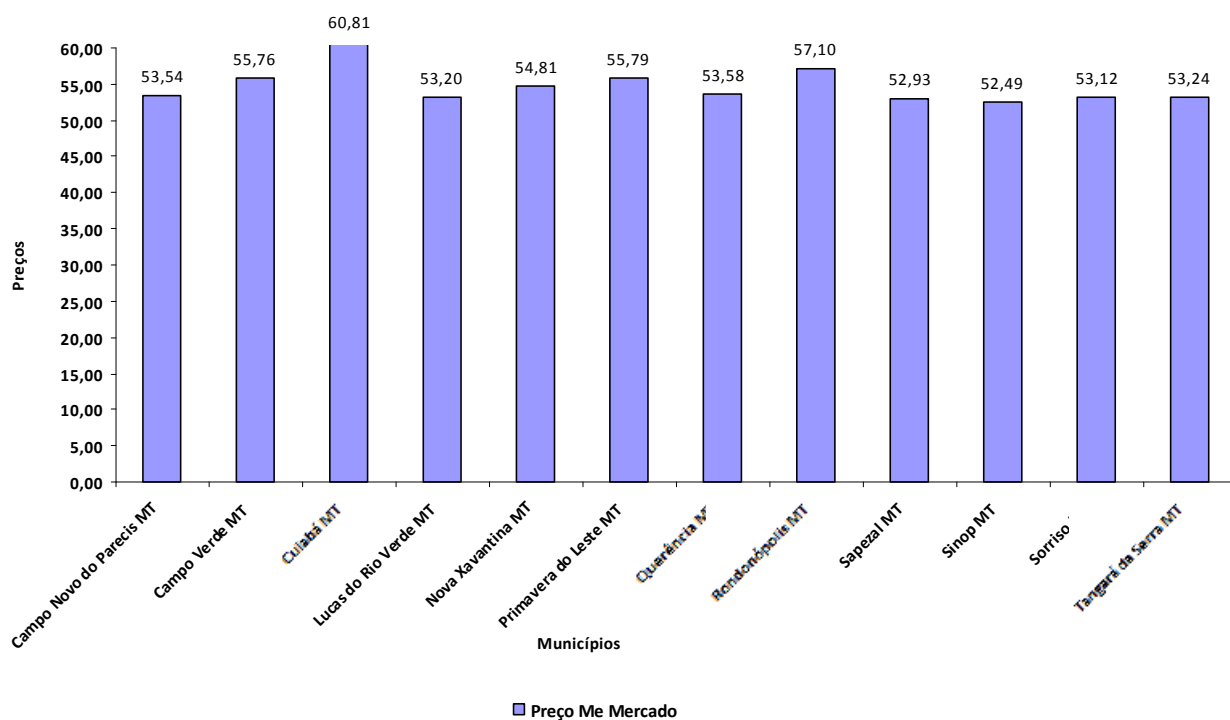
Fonte: Conab.

Gráfico 43 – Preço, por município, de milho (60 Kg) – Tocantins – Período: julho de 2014 a julho de 2015



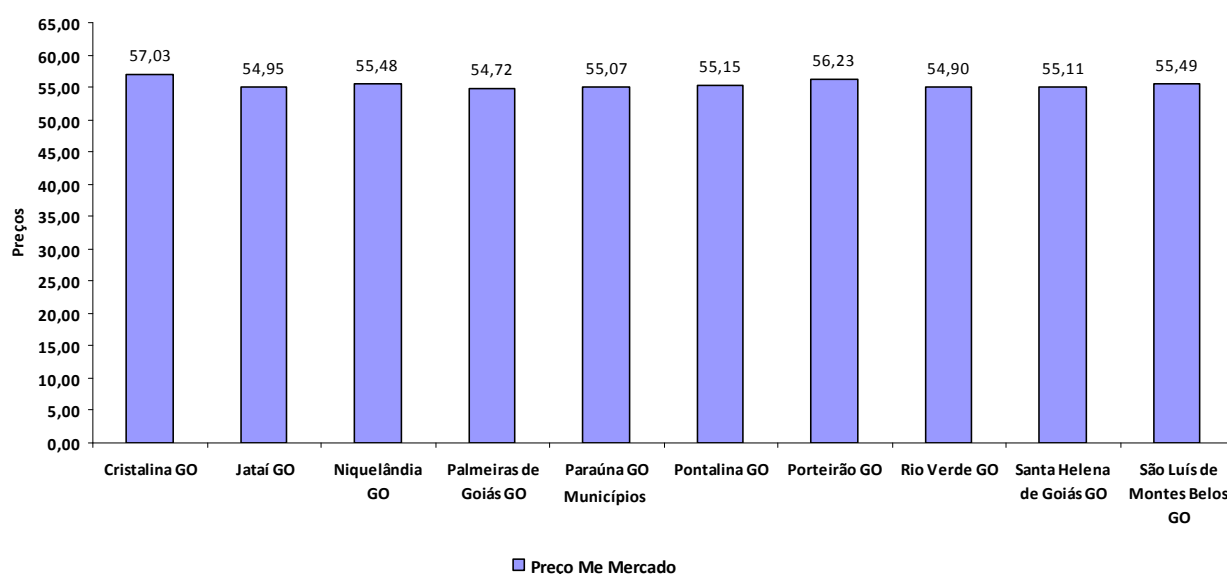
Fonte: Conab.

Gráfico 44 – Preço, por município, de soja (60 Kg) – Mato Grosso – Período: julho de 2014 a julho de 2015



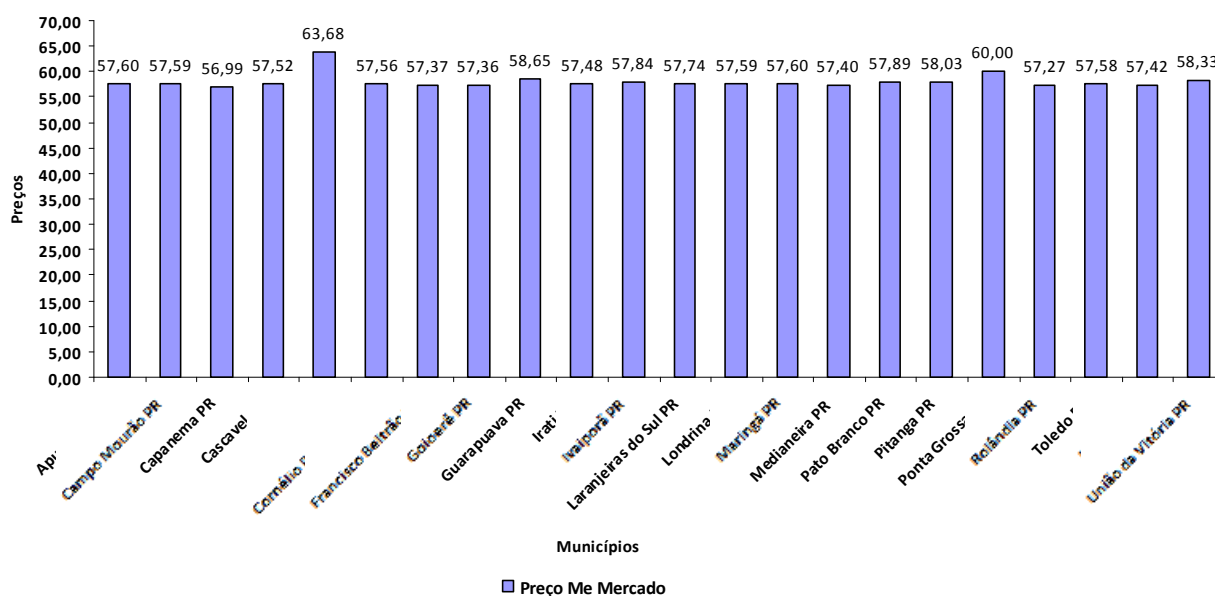
Fonte: Conab.

Gráfico 45 – Preço, por município, de soja (60 Kg) – Goiás – Período: julho de 2014 a julho de 2015



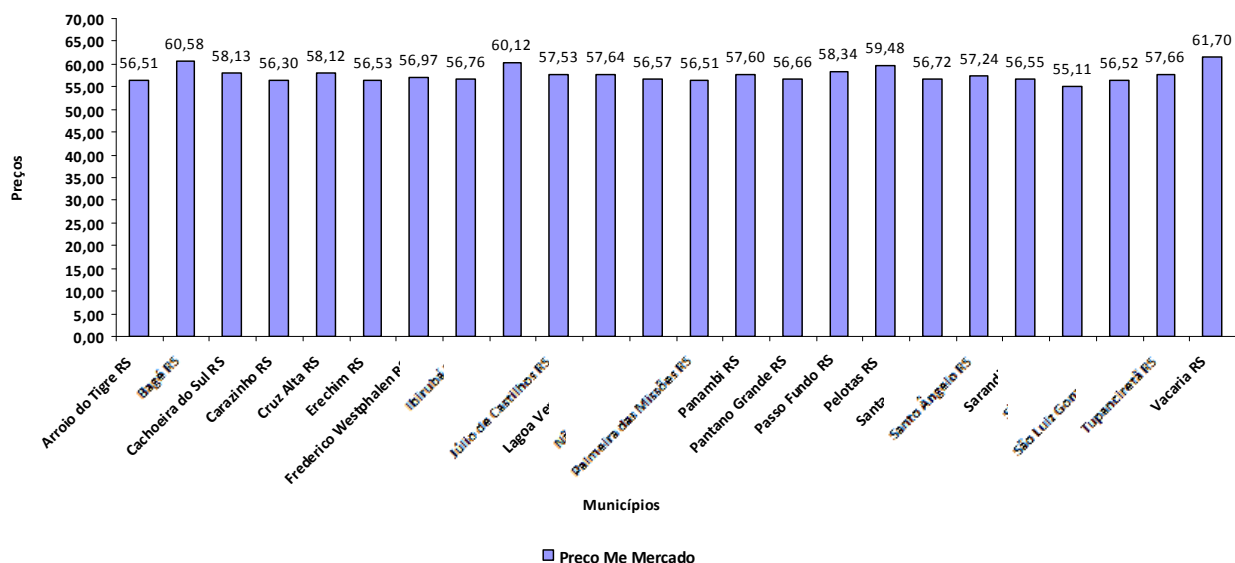
Fonte: Conab.

Gráfico 46 – Preço, por município, de soja (60 Kg) – Paraná – Período: julho de 2014 a julho de 2015



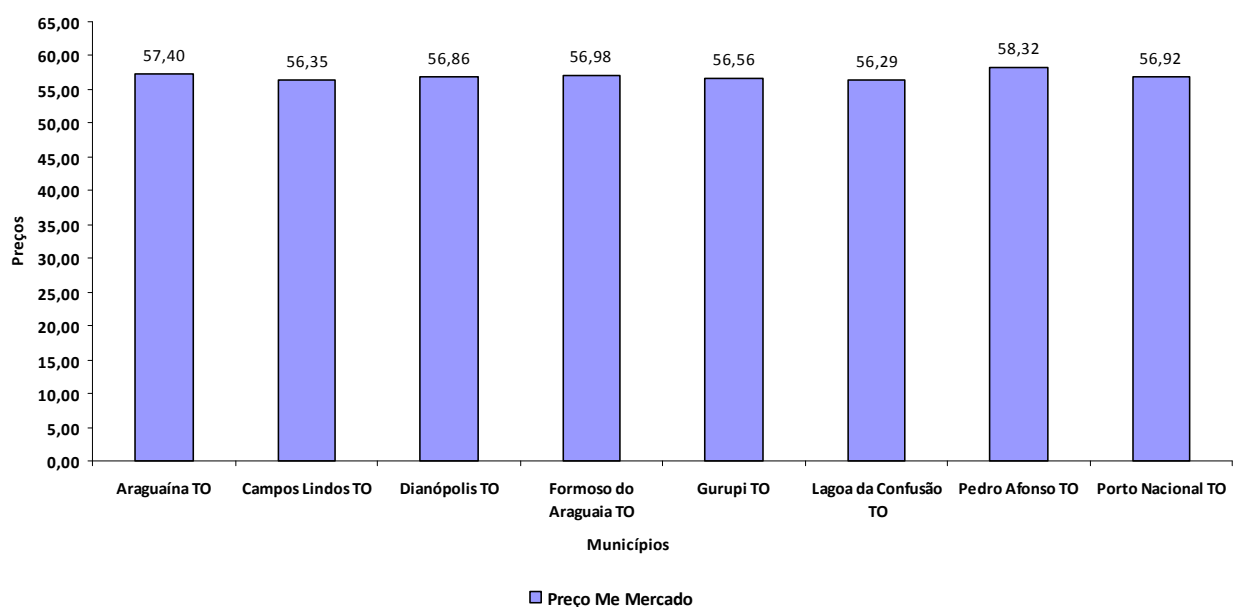
Fonte: Conab.

Gráfico 47 – Preço, por município, de soja (60 Kg) – Rio Grande do Sul – Período: julho de 2014 a julho de 2015



Fonte: Conab.

Gráfico 48 – Preço, por município, de soja (60 Kg) – Tocantins – Período: julho de 2014 a julho de 2015



Fonte: Conab.

SUREG AC

Filomeno Gomes de Freitas
Travessa do Icó, 180
Estação Experimental
69.901-180, Rio Branco (AC)
Fone: (68) 3227-7959
ac.sureg@conab.gov.br

SUREG AL

Elizeu José Rego
Rua Senador Mendonça, 148
Edifício Walmap, 8º e 9º andar
57.020-030, Maceió (AL)
Fone: (82) 3358-6145
al.sureg@conab.gov.br

SUREG AM

Antônio Batista da Silva
Avenida Ministro Mário Andreazza, 2196
Distrito Industrial
69.075-830, Manaus (AM)
Fone: (92) 3182-2404
am.sureg@conab.gov.br

SUREG AP

Asdrúbal Silva de Oliveira
Avenida Hamilton Silva, 1500
Bairro Central
68.900-068, Macapá (AP)
Fone: (96) 3222-5975/ 8118-6003
ap.sureg@conab.gov.br

SUREG BA

Bruno Miguel Rodrigues Guimarães
Avenida Antônio Carlos Magalhães, 3840
4º andar Bl. A – Ed. Capemi Bairro Pituba
41.821-900, Salvador (BA)
Fone: (71) 3417-8630
ba.sureg@conab.gov.br

SUREG CE

Anastácio Jorge Rocha Fontelles
Rua Antônio Pompeu, 555
Bairro José Bonifácio
60.040-001, Fortaleza (CE)
Fone: (85) 3252-1722
ce.sureg@conab.gov.br

SUREG DF

Sebastião Pereira Gomes
Setor Indústria e Abastecimento Sul
Trecho 5, Lotes 300/400
71.205-050, Brasília (DF)
Fone: (61) 3363-2502
df.sureg@conab.gov.br

SUREG ES

Bricio Alves Santos Júnior
Avenida Princesa Isabel, 629, sala 702
Ed. Vitória Center, Centro
29.010-904, Vitória (ES)
Fone: (27) 3041-4005
es.sureg@conab.gov.br

SUREG GO

Joaquim Araújo dos Santos
Avenida Meia Ponte, 2748
Setor Santa Genoveva
74.670-400, Goiânia (GO)
Fone: (62) 3269-7400
go.sureg@conab.gov.br

SUREG MA

Margareth de Cassia Oliveira Aquino
Rua das Sabias, 4, Quadra 5
Lote 4 e 5. Bairro Jardim Renascença
65.071-750, São Luiz (MA)
Fone: (98) 2109-1301
ma.sureg@conab.gov.br

SUREG MS

Antônio Benedito Dota
Avenida Mato Grosso, 1022
Centro
79.002-232, Campo Grande (MS)
Fone: (67) 3383-4566
ms.sureg@conab.gov.br

SUREG MT

Petrônio de Aquino Sobrinho
Rua Padre Jerônimo Botelho, 510
Edifício Everest, Bairro Dom Aquino
78015-240, Cuiabá (MT)
Fone: (65) 3616-3803
mt.sureg@conab.gov.br

SUREG MG

Osvaldo Teixeira de Souza Filho
Rua Prof. Antônio Aleixo, 756
Bairro de Lourdes
30.180-150, Belo Horizonte (MG)
Fone: (31) 3290-2800
mg.sureg@conab.gov.br

SUREG PA

Moacir da Cruz Rocha
Rua Joaquim Nabuco, 23
Bairro Nazaré
66.055-300, Belém (PA)
Fone: (91) 3224-2374
pa.sureg@conab.gov.br

SUREG PB

Gustavo Guimarães Lima
Rua Coronel Estevão D'Ávila Lins, s/n
Bairro Cruz das Armas
58.085-010, João Pessoa (PB)
Fone: (83) 3242-5864
pb.sureg@conab.gov.br

SUREG PE

Roberto Pereira Lins
Estrada do Barbalho, 960
Bairro Iputinga
50.690-000, Recife (PE)
Fone: (81) 3271-4291
pe.sureg@conab.gov.br

SUREG PI

Manuel Araújo da Rocha
Rua Honório de Paiva, 475
Sul – Piçarra
64.017-112, Teresina (PI)
Fone: (86) 3194-5400
pi.sureg@conab.gov.br

SUREG PR

Erli de Pádua Ribeiro
Rua Mauá, 1.116
Bairro Alto da Glória
80.030-200, Curitiba (PR)
Fone: (41) 3313-3209
pr.sureg@conab.gov.br

SUREG RJ

Ludmila Brandão
Rua da Alfândega, nº 91
11º, 12º e 14º andares
20.010-001, Rio de Janeiro (RJ)
Fone: (21) 2509-7416
rj.sureg@conab.gov.br

SUREG RN

João Maria Lúcio da Silva
Avenida Jerônimo Câmara, 1814
Bairro Lagoa Nova
59.060-300, Natal (RN)
Fone: (84) 4006-7619
rn.sureg@conab.gov.br

SUREG RO

Anderson Conceição Gomes
Avenida Farquar, 3305
Bairro Pedrinhas
78.904-660, Porto Velho (RO)
Fone: (69) 3216-8420
ro.sureg@conab.gov.br

SUREG RR

Maria Darcy de Almeida
Av. Venezuela nº 1.120 – Portão A
Anexo I, II e IV – Bairro Mecejana
69.309-690, Boa Vista (RR)
Fone: (95) 3224-7599
rr.sureg@conab.gov.br

SUREG RS

Glauto Lisboa Melo Junior
Rua Quintino Bocaiúva, 57
Bairro Floresta
90.440-051, Porto Alegre (RS)
Fone: (51) 3326-6400
rs.sureg@conab.gov.br

SUREG SC

Sione Lauro de Souza
Rua Francisco Pedro Machado, s/n
Bairro Barreiros
88.117-402, São José (SC)
Fone: (48) 3381-7270
sc.sureg@conab.gov.br

SUREG SE

Emanuel Carneiro de Lima e Silva
Avenida Dr Carlos Rodrigues Cruz, s/n.
Centro Adm. Augusto Franco
49.180-180, Aracaju (SE)
Fone: (79) 3209-1523
se.sureg@conab.gov.br

SUREG SP

Alfredo Luiz Brienza Coli
Alameda Campinas, 433, Térreo, 2º, 3º,
4º e 5º andar, Bairro Jardim Paulista
01.404-901, São Paulo (SP)
Fone: (11) 3264-4800
sp.sureg@conab.gov.br

SUREG TO

Jaibas Aires Manduca
601 Sul – Avenida Teotônio Segurado
Conjunto 01, Lote 02, Plano Diretor Sul
77.016-330, Palmas (TO)
Fone: (63) 3218-7401
to.sureg@conab.gov.br

Distribuição:

Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

Gerência de Geotecnologia (Geote)

SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF

(61) 3312-6277/6280

<http://www.conab.gov.br> / geasa@conab.gov.br



Ministério da
Agricultura, Pecuária
e Abastecimento

